

cadernos de
CAMPAÑHA

UNIVERSITÉS DE PARIS
Bibliothèque de
documentation
internationale
contemporaine
☆

1977



Nº 5

40P. 11310

BRASIL

Colaboraram com este número:

Francisco
José Ibrahim
M. Garcia
Raul Villa
Paco Nine
Luiza Michel
Ines de Castro
Hugo Ribeiro
Mario Ribeiro
Paulo Canetti
MR-8 (seção exterior)

...e involuntariamente:

Ernest Mandel
Antonio Gramsci
Mario Benedette
Chico Buarque
Manoel Ferreira
C. B. A.
A. E. L. A. C. F.
Cs. Es. Portuguesas

DEPOIS DAS ELEIÇÕES...

Quase um mês após as eleições, ainda não temos resultados precisos, nem globais, nem detalhados, das eleições municipais de 15 de novembro.

Nada mais normal, já que ainda não temos resultados globais nem de 1974 e nem mesmo de 1972. Em particular no que tange aos votos nulos.

Parece que a ditadura não se contenta somente em organizar uma eleição aonde o povo pobre não pode participar com seus candidatos. Além disso, ela não considera importante que o povo pobre saiba de seus resultados.

Mas para quem não acreditava nessa farsa, a soma de votos, realmente não é o mais importante. Dizer que estas eleições são uma farsa, não é o mesmo que dizer que seus resultados não representam realmente as reais correlações de forças políticas, as reais disposições da massa?

E estas eleições foram mais uma farsa. A corrupção, a demagogia, a clientela, os cabrestos, enfim, o voto inconsciente, foram ainda a tônica desta campanha eleitoral. A inauguração de obras fantasmas, a reinauguração de obras há muito já em funcionamento; a distribuição de alimentos, a entrada de futebol; as promessas e as ameaças; a demagogia dos candidatos disfarçados em pobres, a andar nas costas de burros; os candidatos a apertar mãos de eleitores, como é o caso do candidato do MDB que se vangloriava de ter apertado 30.000 mãos e reclamava ter pego uma micose; as características da política populista e da politicagem burguesa; todos estes fatores foram ainda a tônica desta farsa eleitoral... e isto tanto por parte de ARENA como do MDB.

Somou-se ainda à farsa tradicional um novo tempo: o da lei Falcão: de

candidatos a aparecer na televisão e nos jornais, como em tempos do cinema mudo, sem nada dizer, somente identificados por um nome, um número e uma legenda.

Nestas condições, e sob o risco de uma repressão feroz, poderiam as eleições expressar, refletir minimamente, os reais anseios e opiniões da massa? Evidentemente que não.

"Nem cara, nem coroa ... nem empate. Ninguém ganhou, mas também ninguém perdeu. Ou melhor, ganhou o governo porque deseja distender, dirão os seus partidários, ou, o que é quase o mesmo ganhou a oposição, porque também quer distender, dirão os emedebistas". Com este comentário, Fernando Henrique Cardoso, com o qual temos tantas divergências quantas as que separam um político pequeno burguês de alguém que busca se identificar com a classe operária, se referiu às eleições.

Mas, observaríamos a Cardoso, poderia ser outro o resultado do ponto de vista eleitoral? Sem dúvida que não.

O que deixam evidente, estas curiosas discussões pós-eleições aonde se discute quem ganhou e que não se chega a nenhum acordo, não é o fato de que estas eleições são uma farsa? Que elas só têm valor simbólico? Que elas não têm nenhum valor real? Pois se ser eleito significasse alguma coisa, se significasse algum poder, evidentemente não seria difícil saber-se quem ganhou

Por isso nos negamos a entrar no "país do faz de conta". Nos negamos a discutir sobre quem ganhou, e insistimos em denunciar a farsa.

Isto não quer dizer que não nos propomos a fazer um balanço e tirar nossas experiências, nossas conclusões. Mas somente aceitamos fazer isto, depois de esclerecer que não aceitamos este resultado eleitoral como não acei

távamos estas eleições. Porque não achamos que o conjunto e sequer a maioria dos votos da ARENA, significaram um voto consciente na ditadura, como os votos do MDB não foram votos conscientes na oposição consentida, e muito menos uma vitória popular.

VOTO NULO, UM VOTO CONTRA A CORRENTE



Dos resultados, apesar de limitados, algumas coisas já são evidentes e podem nos demonstrar algumas tendências se comparadas a 1974:

Primeiro, que cerca de 4 a 5% dos votos deslocaram-se do MDB para a ARENA. Após todos os descontos feitos, e entre outros motivos, este deslocamento foi fruto da política adesista do MDB. Todos os esforços do MDB nos últimos tempos não se deram no sentido de reforçar Geisel contra a linha dura? De reforçar a política de distensão? Pois bem ... parece que um certo número de eleitores descobriu o meio mais fácil de reforçar a "política de distensão": votar diretamente na ARENA, apoiar diretamente a Geisel, e assim evitar assustar a "linha dura".

A mesma tendência, se dá também do lado dos candidatos eleitos, dos quais um bom número se prepara para deixar o "campo popular" e "virar a casaca", como é o caso do prefeito eleito de Londrina (Antonio Benatti), cujo drama existencial, é resolver se passa imediatamente para a ARENA, ou se apóia Geisel sem deixar o MDB.

Em segundo lugar, se verificou um pequeno deslocamento de votos que vão do MDB para o voto nulo. Este deslocamento é comprovado por dados parciais, por declarações de representantes "radicais do MDB como Henrique Cardoso, ou como o jornal Movimento, que se preocupa em se apoiar em declarações de Geisel de que os votos nulos e brancos tem que ser considerados de oposição, para assim, somando-os aos do MDB, dizer que a oposição foi vitoriosa.

Para nós, este deslocamento de votos, que sem dúvida é fruto de um ato consciente mais do que qualquer outro, demonstra que uma parte do eleitorado perde sua confiança e expectativas no caminho eleitoral, e no MDB como forma de oposição.

Os setores que se deslocam, fazem parte sem dúvida, daqueles setores que nas últimas eleições votaram nos autên-

ticos, e que trabalhavam numa perspectiva de "usar as eleições" para fazer um trabalho político, e que posteriormente, seja pelas traições do MDB, seja pela evolução dos "autênticos", cassações de uns, traições de outros, ou por outras razões semelhantes (somado ao fato de aprofundarem suas lutas e organização e por isto confiarem mais em suas próprias forças), perderam suas ilusões de que a atividade de apoio a determinados candidatos, ou aos autênticos, ou ao MDB em seu conjunto, servisse à luta revolucionária.

Terceiro, somado ao anterior, votos brancos deslocaram-se para votar nulo, o que consolida a votação de boicote (votos nulos e brancos) em 13% segundo uns, 15% ou ainda mais segundo outros, (tudo isto em relação a 11% de votos nulos e brancos de 1974).

Esta votação (quase 3 milhões somente de nulos) é tanto mais importante pelas condições em que ela se verificou:

O fato de os votos nulos e brancos variarem de 5% em Porto Alegre a 23% em BH, em suma, a heterogeneidade em seu número, demonstra que ele foi um voto profundamente ligado à intervenção revolucionária, isto é, ele frutificou aonde houve uma intervenção da ER neste sentido.

Isto é tanto mais verdade, porque o voto nulo nestas eleições foi um voto "contra a corrente", na medida em que a partir da iniciativa da oposição burguesa e pequeno-burguesa (que se manifestou na campanha eleitoral num combate frontal ao voto nulo), a tendência das massas de oposição era votar no MDB, ao contrário por exemplo do que aconteceu no ano de 1970, quando era mais fácil votar nulo, porque se seguia o "senso comum".

E cabe ainda lembrar o fato de terem se dado votações massivas por Voto Nulo em áreas operárias importantes, como é o caso de S. André, S. Caetano e Diadema, praticamente todo o ABC, aonde a política de boicote atingiu 18%, reforçando ainda mais o significado do voto nulo como expressão de uma alternativa revolucionária.

EM QUE SE PREPAROU TERRENO PARA A RESISTENCIA PROLETARIA ?



Mas o balanço dos revolucionários não é dado principalmente sobre o resultado dos votos. A intervenção principal dos revolucionários que defenderam uma política de boicote não principista, se deu sobre os setores de vanguarda do movimento de massas, transformando as eleições em um meio para desenvolver um amplo debate nas parcelas avançadas da massa, no sentido de



discutir as tarefas da resistência à Ditadura, e da revolução socialista; de aprofundar a organização e preparação para os combates futuros, para preparar-se para resistir às futuras ondas repressivas que virão quando a distensão chegar a novos impasses, e as que virão como complemento do processo de institucionalização. Nestas assembleias de vanguarda, nas fábricas ou nas oposições sindicais, nos bairros ou no movimento estudantil, reunidas de forma mais aberta ou mais clandestinas segundo as diferentes condições (o encontro nacional dos estudantes, que tomou posição pelo voto nulo, foi apenas uma das manifestações mais exteriores desta atividade subterrânea), toda esta atividade reforçou a alternativa que visa preparar o terreno para a resistência proletária e consequente à Ditadura.

Este embrião de vanguarda, que se consolidou nesta campanha, se reforça-

rá com aqueles setores que apesar de votar em candidatos do MDB, não acreditam nele e nem no processo eleitoral. Aqueles, que mesmo cometendo equívocos e vacilações, são adeptos de uma alternativa combativa e radical de resistência à Ditadura. Este núcleo de vanguarda, terá aqueles setores de massa, em particular dos trabalhadores da cidade e do campo e do movimento estudantil, os quase 3 milhões de eleitores que anularam o seu voto e boa parte daqueles, que ainda que com ilusões, votaram nos radicais do MDB. Este pequeno núcleo de vanguarda, de militantes revolucionários e de operários e estudantes conscientes, poderá sem dúvida apoiar-se em sua luta futura nestes setores que ao demonstrarem sua disposição em não participar da farsa, se mostraram receptivos a ouvir as palavras de ordem que apontam para um caminho de oposição radical, combativa e clássica de resistência à Ditadura Militar.

...O ACORDO NACIONAL ?

Depois das eleições, as discussões nos "meios políticos" (entenda-se da política burguesa) passou a girar em torno de um pretensão Acordo Nacional que procuraria reunir a ARENA e MDB, a Igreja e os militares, em torno a Geisel e no sentido de consolidar o processo de distensão.

O equilíbrio de votos entre a Arena e o MDB, assim como a ponderação da campanha sem sal nem açúcar levada pelo "partido da oposição", terminaram por afastar a curto prazo a ameaça de linha dura. A vitória da Arena por pouco (1) era o que queriam de fato ambos os partidos oficiais. Para o MDB, tratava-se antes de tudo de evitar uma votação esmagadora a seu próprio favor, pois "isto poderia radicalizar a linha dura e terminar por criar entraves às eleições diretas para governador em 78". Tratava-se antes de tudo para a Oposição Burguesa, de

evitar enfraquecer a Geisel, ao mesmo tempo que procurar ter votos suficientes para mostrar-se como "um parceiro real para o diálogo". A moderação que a oposição parlamentar vinha demonstrando, e os seus frequentes descomprometimentos públicos e práticos com a "subversão", já tinha, por outro lado servido para assegurar os militares que estes não estariam tratando com "irresponsáveis".

ACORDO NACIONAL: NOVO PASSO DA DISTENSAO



Foi assim, que o "Acordo Nacional" lançado por JK, antes de sua morte e agitado pela oposição burguesa quando de seu enterro, passou imediatamente após as eleições, a ser o centro das discussões. Em dezembro último, em uma comida na casa de Ademar de Barros, reuniram-se altas personalidades do Governo, da Arena, do MDB, da Igreja, além, é claro, dos unipresentes militares. Foi é claro, apenas uma festa mas evidentemente tem suas razões.

O que significa e qual a possibilidade de chegar a um termo um Acordo Nacional ?

Antes de mais nada, trata-se de deixar claro que este seria um acordo nacional entre os patrões, os militares e os políticos burgueses, e onde a classe operária e o povo pobre não estariam representados. A estes, e às suas organizações políticas seria reservado o papel de aceitação passiva ou de repressão.

Acordo Nacional é também o novo

nome do até então chamado processo de distensão. Melhor ainda, é o nome honroso que poderia ser dado ao abandono de qualquer forma mais combativa ou radical de resistência da oposição burguesa à ditadura militar (se isto alour dia houve).

Após ter conseguido redinamizar o parlamento burguês, e reduzir a oposição da Igreja (neutralizando seus setores radicais e anticapitalistas), e da intelectualidade; após ter conseguido fazer ressuscitar o MDB e fazer que grande parte do descontentamento político das massas oprimidas se expressasse pelos canais parlamentares, o que caberia a Geisel agora era dar um passo adiante na distensão: conseguir assegurar que o Partido oficial de oposição não pode ser desbordado pelos seus "radicais", e que este continuará se limitando a participar da fachada institucional da ditadura. Assegurada a estabilidade política, desorganizada a subversão, reduzido o ímpeto da oposição burguesa, Geisel se disporia agora a dar um pequeno passo à "esquerda" (pequenas concessões à oposição burguesa), enquanto ao MDB, seria reservado a função de dar um grande passo em frente (ou seja à direita) mostrando-se definitivamente como um partido da ordem e sem riscos de repentinos aventureiros e desbordamentos.

Para se ter noção do nível de concessões que ainda teriam de ser feitas pelo MDB, basta ver-se que setores militares exigiriam a cabeça de Ulisses Guimarães (que segundo o Estado "não se trata de um homem de esquerda, antes disso, trata-se de um homem de direita") pela simples razão que este "teria irritado os militares".

REPRESSAO, COMPLEMENTO DA DISTENSAO



Comprovando que distensão e Acordo Nacional nada tem a ver com abertura e muito menos com democratização, ao mesmo tempo que se davam as confabulações, discursos e comidas, desencadeou-se uma das maiores operações (dos últimos tempos que culminou com o assassinato de tres dirigentes nacionais do PC do B (Pomar, Arroio e Drummond) e com a prisão de um número ainda desconhecido de militantes de resistência à Ditadura (somente 6 tiveram reconhecida sua prisão, mas veiculam informações de que seriam 12 ou mais os presos, entre os quais poderia estar João Amazonas), também acusados de pertencer a organismos de direção do PC do B.

A violência da operação não impediu, também aqui, de que se falasse em distensão: "Talvez eles (os presos)

estejam levando um aperto no DOI!" dizia à Veja uma autoridade na manhã de sexta-feira em tom tranquilizador. "Mas nada que se compare ao tipo de interrogatório que se fazia lá antigamente". Além do tratamento correto aos presos, outras mudanças podem ser observadas", comentava a revista explicando que o processo tinha sido encaminhado para organismos civis.

Mas quem mais claramente explicava estas modificações que estavam havendo, reproduzindo comentários de meios militares, era o próprio Estado: "Dilermando (2) diz, em sua nota oficial alusiva a ação militar da qual resultou o aniquilamento de um núcleo terrorista, que tais missões (as ações militares), só podem ser realizadas com eficiência na medida em que contam com a simpatia e o apoio da população e em que apenas dá sequência ao trabalho de integração entre civis e militares que vem se desenvolvendo". É portanto "possível e mesmo desejável... assegurar um 'modus vivendi' adequado com os estudantes, operários e responsáveis pelos meios de comunicação e ao mesmo tempo manter-se implacável no combate armado à subversão."

A repressão sistemática às lideranças de massa, que tem se verificado, e que no período eleitoral não deixaram de se desenvolver, atingindo a setores operários, setores de base do clero, estudantes e camponeses; a repressão implacável às organizações revolucionárias (e a particular violência contra seus organismos dirigentes) e o aparecimento recente de novos grupos paramilitares (AAB) desenvolvendo uma repressão extra-legal (isto é, ainda mais extra-legal), significa como diz Dilermando, que "os métodos repressivos variam de época para época" e no momento visam aplainar o campo para a distensão, para os "Acordos Nacionais", e garantir a continuidade e o equilíbrio da futura Ditadura institucionalizada.

REFORCAR E DESENVOLVER OS EMBRIOES DA RESISTENCIA INDEPENDENTE



Mas o fato de, nestes dois últimos pleitos eleitorais, a Ditadura e a "oposição burguesa" (com a ajuda de alguns setores da esquerda) terem conseguido canalizar o descontentamento da maior parte do povo pobre, para os limites parlamentares, não é suficiente para assegurar as condições para a institucionalização e legitimação da Ditadura a partir de um "Acordo Nacional". Ainda que a luta política que se trava hoje no Brasil se dê principalmente nos marcos parlamentares e nos marcos burgueses (tanto por suas

formas quanto por seus objetivos), uma série de manifestações de resistência econômica dos trabalhadores da cidade e do campo, como a resistência do movimento estudantil, ainda que lo calizadamente se desenvolve de maneira independente e crescente. Pontualmente a resistência destes setores se manifesta também ao nível político de maneira combativa e independente, por exemplo nos casos de luta contra a repressão, ou no crescimento dos votos nulos e ainda que secundariamente, da votação nos setores autênticos (3).

Ao nível da atividade clandestina seja das oposições sindicais, seja das organizações revolucionárias, os golpes da repressão não têm conseguido impedir o seu processo de desenvolvimento e implantação. Todos esses fatores, demonstram que ainda que a hegemonia do movimento de oposição à Ditadura esteja nas mãos da oposição burguesa, existem embriões de uma oposição independente e combativa em desenvolvimento em diversos níveis.

As dificuldades econômicas dificultam a tentativa de enquadrar as manifestações de massa nos estreitos canais de institucionalidade de ditadura. É bem difícil que após quase 10 anos de promessas de que as massas trabalhadoras desfrutariam do desenvolvimento econômico, mais tarde estas venham mais uma vez aceitar sacrifícios, como pediu Geisel, desta vez porque "o país desenvolveu-se mais do que suas forças permitiam". Do mesmo modo que a situação econômica tende a manifestar-se na permanência de disputas interburguesas na medida em que seus diversos setores não pretendem cada um deles serem os prejudicados nas transformações econômicas necessárias neste período de mudança do eixo econômico.

Nestas condições para o "Acordo Nacional" se deverá manobrar em um espaço muito pequeno, e dificilmente ele poderá chegar a termo (pelo menos a curto prazo). O fato da política de distensão não ter chegado a impasses por cima (a partir de um reforçamento imediato da linha dura), dificilmente pode ser considerado como uma consolidação do processo de distensão. Trata-se sem dúvida, apenas de um adiamento dos confrontos dentro das classes dominantes antes que a resolução de suas contradições possa se dar e em prejuízo dos interesses populares.

De um longo período ainda pode-se contar, antes que possam ser superadas as contradições que ora atravessam a Ditadura e as classes dominantes. Muitos ajustes, combates e trocas, mudanças de hegemonia deverão se dar em seu seio no próximo período, antes de que se possa esperar um novo fluxo econômico e uma nova unidade

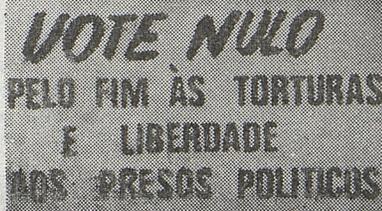
das classes dominantes e equilíbrio político. Neste quadro nossa tarefa é manter a guarda elevada, seja às manobras de envolvimento político, seja às atividades repressivas. Da capacidade de, neste período e no próximo, formarmos uma oposição combativa e independente, de construirmos uma alternativa proletária, dependerá o desenlace das manobras deste "Acordo Nacional" e o que será o próximo período.

NOTA

(1) A ARENA teve mais votos que o MDB e menos do que a soma dos votos nulos e brancos, mais os votos no MDB.

(2) Dilermando Monteiro, o comandante do II exército é criticado pela "linha dura" como "pouco enérgico".

(3) Somente no Grande Rio e no Grande São Paulo, os votos nulos somaram 488 mil e a votação em candidatos "autênticos" mais cerca de 230 mil.



VOTE NULO
PELO FIM ÀS TORTURAS
E LIBERDADE
AOS PRESOS POLITICOS

Palavras de ordem utilizadas na campanha eleitoral:

- Vote Nulo pelo fim da repressão e da máquina repressiva da Ditadura
- Vote Nulo pelo fim às torturas e liberdade aos presos políticos
- Vote Nulo contra a farsa eleitoral
- Vote Nulo contra os partidos comprometidos com a Ditadura
- Vote Nulo pelo direito de livre organização e manifestação aos trabalhadores
- Vote Nulo pelo direito de greve
- Vote Nulo pela liberdade de organizar e eleger comissões operárias nas fábricas
- Vote Nulo pela liberdade sindical e autonomia dos sindicatos
- Vote Nulo por maior segurança e melhores condições de trabalho
- Vote Nulo por uma imprensa sindical livre
- Vote Nulo pela organização de entidades livres
- Vote Nulo por mais verbas e melhorias no ensino
- Vote Nulo pela fortalecimento da direção operária na resistência a Ditadura

Fac smile de um "mosquito" utilizado como uma forma de propaganda da campanha de voto nulo

MORREU UM DOS NOSSOS

Através de companheiros do Brasil, soubemos da morte de um camarada. A tristeza que sentimos, e o fato de sua morte não ter se dado pela ação direta da repressão capitalista, geram em nós, sentimentos contraditórios. Afinal quando se trata de problemas da vida militante, sentimentos de tristeza vêm sempre tão vinculados ao sentimento de ódio de classe. E na situação atual, o problema se coloca de uma maneira um pouco diferente.

Quando se trata do assassinato de um companheiro pelas forças repressivas a tristeza tem uma característica particular: ela não está ligada a um sentimento de impotência. Falamos isto porque, o habitual nesta sociedade, por exemplo quando morre um familiar ou um amigo é sentir-se impotente, sentir-se subjogado perante a natureza. É isto porque um familiar, um amigo nesta sociedade, não é outra coisa senão um objeto que se tem propriedade, por mais que se esconda isto com "sentimentos". Um familiar, um amigo é algo que se "perde", é "insubstituível", é algo passivo e sem vontade. E isto em outras palavras, significa dizer que sua morte é "inadmissível", não pode ser aceita e entendida.

Na militância ao contrário, as emoções são diferentes. Não porque sejam menos insensíveis, como dizem os capitalistas, e que tratemos tudo de forma "material". O que os patrões não conseguem compreender, é que nossos sentimentos não sejam iguais aos deles: que o sentimento de alegria para nós não seja igual ao sentimento de propriedade e que sentimento de tristeza não seja igual a sentimento de perda de propriedade. Não entendem que para nós, tristeza não é oposto a alegria, é o seu complemento e a condição de sua manifestação.

Por isso, para nós, a perda de um camarada não significa uma manifestação de impotência face à natureza, mas algo inevitável na luta pelo controle sobre esta.

Quando soubemos da morte deste camarada, a milhares de quilômetros de nós, nem mesmo sabíamos seu nome. Nem mesmo seu "nome de guerra". Não conhecíamos seus hábitos. Ele praticamente não existia para nós, senão como uma parte de nosso movimento. Como um capitalista poderia entender este fato tão simples? que perdemos algo que não tínhamos? Aparente contradição que não

pode ser entendida dentro da sua lógica: 'emoção = propriedade.

Ainda não sabemos seu nome e tal vez nunca o saibamos. Mas sabemos que morreu um dos nossos. E foi exatamente o fato de sua morte que ressaltou-o da massa de anônimos que compõe o nosso movimento, e que tornou-o "conhecido de nós" E sem nenhuma outra informação além da frase "morreu um dos nossos" pudemos identificá-lo imediatamente: ele era parte de nosso movimento, ele dedicava a maior parte de seu tempo a nossa luta e a preparação para esta... Ele era um dos que nestes dias de contra-revolução prepara a sublevação dos milhões que terminarão com as cadeias da humanidade e que permitirão que o homem coloque definitivamente a natureza sob seu controle.

Quando soubemos de sua morte, não quisemos deixar de render-lhe nossa homenagem.

Não podemos, como em outras ocasiões, gritar nas ruas o seu nome, para depois em coro, responder: Presente ! E à pergunta de quem o matou, responder: os patrões. Mas o companheiro está presente entre nós. E se não podemos denunciar o capitalismo como responsável de sua morte, podemos denunciar o capitalismo que tirou sua vida. Primeiro quando o companheiro não tinha ainda consciência de sua opressão e exploração. Depois quando, já consciente, dedicava suas horas de lazer ao combate contra a ditadura. Quando nosso companheiro, como tantos outros de nosso movimento, em lugar de sofrer a opressão passiva e inconscientemente, optava por se privar do seu lazer alienado para dedicar-se a destruir nossas cadeias.

Quando soubemos de sua morte não quisemos deixar de fazer nossa homenagem. Não podemos gritar seu nome. Nem o sabemos. Mas deixamos aqui manifestos nossos sentimentos. Não apenas o de tristeza por ter perdido um camarada. Mas também o de alegria por saber que ele existia em nossa luta.

Não podemos dizer, como diriam os cantadores do "realismo socialista", que seus últimos pensamentos foram para a revolução. Mas certamente podemos dizer, que boa parte de suas últimas horas, foram dedicadas a sua militância e à preparação dos combates futuros.

Fica aqui nossa homenagem, não morreu um desconhecido... Morreu um dos nossos ! ... Para que viva a humanidade, para que viva a Revolução .

EU POSSO FAZER XIXI ? (OU COMO FABRICAR IMBECIS)

ines de castro



Quando se fala em elitização do ensino, de seleção, de escola capitalista, de todas as misérias do sistema educacional, imediatamente os nossos olhos se fixam na ponta da pirâmide escolar, naqueles poucos que conseguiram chegar à universidade, em meio e ao fim dos milhares que tiveram acesso à escolarização.

tram, que vão compor a base "democrática" da escola capitalista, esses que a gente vê sob o rótulo de ENSINO PRIMÁRIO?

Pouco se fala deles, ou melhor pouco ou nada eles puderam falar deles mesmos. Até hoje ninguém ouviu falar de uma greve ou de uma manifestação de crianças pelas ruas.

No entanto, são eles que sustentam a pirâmide, é a partir deles e às custas deles que existe o cume da pirâmide. É no curso primário que a escola capitalista finca suas unhas para começar a peneirar, a dividir, a "forjar cérebros" de acordo com o seu critério de classe dominante.

Dentro dessa escola primária tantas vezes cantada em metáforas e em versos estão aprisionados dois personagens: o professor e as crianças.

Quem é o professor? Ele fala. Como um eco. Do que querem que ele fale. Ele fala. Mas é a escola capitalista que fala por sua boca. Ele é um adulto. O último, o mais baixo adulto da hierarquia escolar. Mal pago. Professorzinho primário. Sem nenhuma autonomia, mesmo dentro das 4 paredes de sua sala de aula. Chega até a ser feliz, quando não treme de medo do diretor, do inspetor, do orientador.

Mas adulto, presença obrigatória: face à face às crianças. Pequeno cão de guarda, fantasiado de Mestre...

Do outro lado da sua mesa e um pouco mais abaixo do estrado, as crianças. Ouvindo e aprendendo a saber qual é o seu lugar nesta sociedade: "ser criança", irremediavelmente "infantil", sofredamente sem palavra. Falam os adultos, e quanto mais alto for o seu posto. Escola-caserna, prisão, hospital psiquiátrico, mesmo que se ponham alguns desenhos, algumas bandeirinhas espalhadas pelos corredores e pelas salas. Longos corredores, cheios de portas, onde cada professor se encerra, se isola e pode gritar mais alto... para não atrapalhar os gritos do professor ao lado. Corredores, portas, sala do diretor, banheiros (eu posso fazer xixi?) como os de qualquer hospital; qualquer prisão, como os de qualquer quartel. E de repente nos damos conta que a partir dos 6 anos de idade começa a sistematização de todos os valores burgueses e sua fixação massiva em todas as crianças escolarizadas. E todo esse processo acompanhado com zelo e dedicação pela família, pelo rádio, pela televisão e propaganda burguesas.

A rateira está armada e começa com a própria elaboração arquitetônica da escola: salas e espaços separados, onde cada turma é uma unidade isolada do conjunto. Isolada das outras crianças da mesma idade ou de idades diferentes. Isolada dos problemas de comunidade e do conjunto social que deveria

ser a escola. Não nos espaços comuns. Ou melhor, há apenas um espaço comum: o refeitório ou o pátio, que na hora do recreio é bem supervisionado por um professor ou servente. O suficiente para impedir que as crianças joguem, brinquem, corram e conversem livremente. Existem sempre dois olhos (às vezes mais), que vêem, que espreitam e que a qualquer momento se transformam num grito, num castigo, numa repressão.

É aí que cada criança aprende a obedecer sem discutir, a ter medo dos adultos; é aí também que ela aprende a mentir, a fazer "coisas escondidas". E porque não dizer que é aí que a criança pressente a continuidade das bases da repressão levantadas na família. E porque também não dizer que é aí que ela começa a sofrer.

A ratoeira passa a ser um palco de teatro. Cada criança representará um papel de acordo com seus medos, desejos reprimidos. As vezes ela consegue fazer algo que lhe dê prazer. Entre um susto, entre duas piscadas, entre dois choros: o tempo de um flagrante... delicto.

Cortemos uma fatia do queijo da ratoeira: cada classe social medida pelos valores e atributos culturais exigidos pelas classes dominantes. O que é a capacidade de aprender? O que é ser inteligente, burro, mau aluno, um débil mental, um retardado ou um gênio numa escola de classe?

Que capacidade de aprender é essa que não considera o que se comeu ontem, ante-ontem e trás-ante-ontem? Que capacidade de aprender é medida por cima de diferenças de cada ventre materno? Ventre proletário, mal nutrido, mal cuidado. Daí partem a maioria das crianças brasileiras. Mas a escola de classe, burguesa, lhe oferece maravilhosos métodos de alfabetização (uma boneca loura, uma casa na praia, um domingo de sol, um carro e um cachorro felgado, uma mamãe descansada e carinhosa) E "infelizmente" quem não aprende, é burro!

(Os professores se perguntaram por um acaso qual é a ligação entre a ortografia e a vida da criança?)

As metáforas poéticas mais uma vez não podem ocultar e nem fazer com que a escola primária escape do mundo concreto da fome e da miséria afetiva.

Se se aprende a ler ou escrever, história ou geografia não é o mais importante. O que me desespera é que a construção (e a escola e o professor são os meios) de uma massa de carneiros dóceis e submissos. O método: a pedagogia mesoquista da disciplina pelo medo, do exibicionismo (que são as medalhas, os prêmios, as notas?), dos ciúmes; da posse (o meu lápis de cor; a minha merenda, o que o meu pai comprou).

Uma criança nada pode fazer con



tra um professor que diz que ela é burra. Nada pode fazer se o seu pai não pode comprar uma caixa de 12 lápis de cor. Nada pode fazer contra o grito e o despotismo de uma diretora. Nada pode fazer contra os regulamentos e horários estabelecidos à sua revelia. (É proibido ir ao banheiro durante as aulas. O recreio é às 10:30 ou etc, etc, etc).

Desde a família, a criança é dividida em pedaços para poder ser dominada: dependência desenvolvida em pequenas pastilhas diárias, em que cada adulto ocupa um papel chave: mãe, pai, tio, vizinho, avô, professor, diretor. Todos lhe fazem algo, lhe dão algo. E como compensação têm a sua posse. O direito de exigir sem lhe explicar coisa alguma. A criança pode fazer algo?

Ser criança dentro da sociedade capitalista é ser uma soma de pequenas dependências dos adultos.

O que é realmente ser criança? O que é ser criança fora do processo de "infantilização" da criança?

Alguns exemplos históricos nos mostram que elas são capazes de assumir responsabilidades "como qualquer adulto" (veja Angola, Vietnã). São capazes de trabalhar e serem exploradas "como qualquer adulto" (veja Brasil e todos os países capitalistas).

A sociedade capitalista nos faz ver na criança um adulto imbecilizado. Dependente para sobreviver...

E aprendendo na dependência calada, na hierarquia de hoje, a ser o dependente, o oprimido e explorado calado de amanhã.

Tentemos sacudir nossas memórias. O que éramos quando éramos crianças? Voltemos 20, 30, 50 anos atrás. Tentemos percorrer os caminhos de volta. É difícil reconstituir essa névoa que é a memória da infância. A burguesia tenta apagar a memória das classes trabalhadoras, através de sua dominação implacável. O adulto destrói a memória da infância, de sua própria infância. Seremos capazes hoje de ver a nossa história?

Tentemos. Deixemos de vingar-nos nas crianças de hoje pela opressão que sofremos ontem. E lutemos desde hoje para que cada criança possa falar sem o fantasma dos pais, atrás da porta, atrás de seus próprios ombros.



abaixo
a
disciplina
da escola

entrevista a FRANCISCO
(um menino de 10 anos,
filho de exilados)

COMO NOS EDUCAM NOSSOS PAIS

fev. de 1977

Cadernos de Campanha (C. de C.) : O que
você pensa da "disciplina" na escola
primária?

Francisco (Fr)- Depende, Na escola em que
estou atualmente não é tanto a disci-
plina que funciona.

Na outra escola sim. Aconteceu um
troço que eu acho ridículo. Um menino
mentiu. O professor tinha mandado uma
carta pros pais que não falava bem do
menino. O menino arrancou a página e
fêz a lição do outro lado. E aí no dia
seguinte a mãe foi lá, pensando que tu
do vai bem com o menino. Quando o pro-
fessor descobre, no outro dia, põe o
menino na lousa, né, e põe que todos
os vícios são feios, mas que o mais
feio, é a mentira. E aí o professor
faz o menino vir e dizer isso 5 vezes,
e depois ele diz pro menino: "diga! eu
sou mentiroso, diga!, diga, eu sou men-
tiroso"! E isso dando pitelecões na ore-
lha do menino. E faz isso até o menino
dizer: eu sou mentiroso...

Puxa, está bem que o professor te-
nha 60 e poucos anos (que já seja bas-
tante velho para não entender as coi-
sas). Mas fazer isso! Eu achei um ab-
surdo!

C. de C.- Mas porque é absurdo?

Fr.- Porque ele não pode fazer isso. Bem,
a gente não é bicho. A gente é pessoa
também. Ele nunca faria isso com um a-
dulto.

Igual que outro dia, a professora
da escola em que eu estava antes, aqui
perto. O pai de uma menina passou com
o sinal vermelho. A professora quando
vê a menina diz: "teu pai passou com
o sinal vermelho! Isso ela não seria
capaz de fazer com o pai. É incrível. A
bronca é sempre na criança. É claro! A
gente não pode reagir.

C. de C.- Você acha que é esse o papel
do professor, o de impor disciplina?
Qual é o papel do professor, ou melhor,
qual deveria ser a sua função?

Fr.- Ele poderia ser alguém que ensina
se. Não porque ele saiba mais do que
nós. Porque essa foi a profissão que ele
escolheu. Ele deve conseguir fazer as
crianças aprenderem. Mas não dar tapa
na cara como eles fazem aqui na França
não. Ensinar, mas não com gritos, ber-
ros ou frases: "aqui quem comanda sou
eu!".

Na cantina tinha um menino que ta-
va falando muito alto, tava chamando o
outro que tava na outra mesa, né, aí -

veio o peão e pega o menino pelas duas orelhas! Tira pelas orelhas e põe ele prá fora. Descolou as orelhas! Você sabe, elas não saem pra fora, mas descolam! Pegou assim e puf! pah!

C. de C. - Por que você acha que as crianças têm medo de falar, de dar opiniões sobre o que o professor está ensinando?

Fr. - Eu tive uma professora que não era repressiva. Ela deixava que as crianças falassem, livremente. Mas como as crianças não estavam acostumadas a isso, não conseguiam falar. Diziam por exemplo: eu fui prá lá, prá tal lugar. Não conseguem falar de um assunto. Só falam do lugar e se confundem. E elas têm medo de falar.

O caso do menino que mentiu. Ele mentiu porque os pais deviam dar bofetadas nele.

C. de C. - Você já sentiu medo?

Fr. - Não. Eu tenho um certo medo. Mas MEDO, MEDO, não. Eu sei que ninguém vai me fazer nada.

Por exemplo, na outra escola que eu estava um menino estava correndo, a professora pára ele. E nunca houve essa lei de que não se possa correr na escola. "Eh, não pode correr. Você estava correndo muito rápido." Imagine! Excesso de velocidade! É ridículo!

C. de C. - O que você acha do ensino na escola primária?

Fr. - Eu acho que um professor deveria explicar vagarosamente. Geralmente os professores falam sem se dar conta que ninguém está acompanhando o que ele diz. Quem pegou, pegou. Por exemplo, se só 10 entendem, de uma turma de 30, ele segue adiante, mesmo se os outros 20 não entenderam nada. Eles vão adiante!

aqui na França eles são muito nervosos. Eu acho que eles teriam que explicar lentamente. Se 1, dos 30 não entender, ele tem que voltar e explicar. Tu do direitinho.

C. de C. - Prá você, quem não consegue aprender, é burro?

Fr. - Não. Eu conheço uma menina que passou de ano bem raspando. Mas passou. A professora não explicava mais nada prá ela: "Você já me encheu! o que que tem?"

Os outros meninos da turma até

reprimiam ela! "Uh! La clotaire! Uh! La clotaire!"

Eu e meus amigos brincávamos com ela porque a gente via que era tudo loucura da professora.

Eu sou assim. Sou lento prá escrever. A professora grita comigo sempre: "Ei! Não acabou?" Mas o que tem? Eu não sou obrigado a ter a velocidade que ela quer! A gente não tem tempo prá nada. Nem de acabar tranquilo a redação.

C. de C. - O que você acha do "bom aluno" em tudo, em todas as matérias?

Fr. - Uma pessoa que é "bom", "bom" assim é porque os pais dão dinheiro (prêmios), quando ela tem boa nota ou bom quando ela tem uma nota que não tá boa.

C. de C. - Você acha que a escola funciona na base do prêmio e do castigo?

Fr. - Claro! Por exemplo na escola do ano passado, quem errava, tinha que copiar os troços inteirinhos várias vezes. Uma pessoa que teve boa nota ganhava balas e tudo.

E quando dava a bala dizia: "Isso é prá você, é prêmio teu! Não dá prá ninguém! Puf!"

Mesquinha, mesquinha! Puxa! É mais ou menos como uma mãe que chega com 2 sacos, assim grandes de bala e dá prá 2 irmãos, dizendo: "não dá prá ninguém, hem! senão você vai ver! Puxa! isso é loucura!"

Outra coisa é o problema de copiar. Os meninos quando escrevem, escrevem assim (cobrindo a folha de papel) que é para ninguém copiar o que eles estão fazendo. Escrevem tudo assim. Ninguém "partage" nada. Só eu e um amigo de quem eu gosto muito, a gente se "partage" tudo. A gente trocava todas as respostas. Tem meninos (aquela menina de quem eu falei que era a pior da classe) punha barreiras de livros em cima da mesa que era prá ninguém copiar dela. Uma loucura!

C. de C. - Você não tem muito medo dos seus pais.

Fr. - Não! Do jeito que eles são!

C. de C. - Que jeito é esse?

Fr. - Diferente. Eu sei que eles são diferentes dos pais franceses. Quer di-



zer, diferentes dos pais repressores. Minha idéia, não sei se é verdadeira, eles não são repressores. Pode ser que seja porque eles são de esquerda.

C. de C. - O que é "ser de esquerda"?

Fr. - É querer que tudo seja de todo mundo. Não guardar tudo só para uma pessoa, quando tem gente que morre de fome. Todos iguais.

C. de C. - Então quem é pai ou mãe de esquerda, não é repressor?

Fr. - Não sei. Tem uns caras ... não vou falar porque pode ser que eles leiam a entrevista...

(obs: **C. de C.** - Fala o caso. Não precisa dar nomes...)

Tem um pessoal aí que se dizem de esquerda, e que tem um filhinho mongólico que com este inverno já deve até ter morrido! Puxa! O filhinho ... eles reprimiam ele! Ele não podia dormir tale tal tempo, eles davam susto na criança prá ela não dormir e pro sangue subir à cabeça. "Não dorme se não eu te bato!" Um troço nazista, esse. Isso se faz com prisioneiros políticos de guerra.

14 - Já que a gente está falando de política, tem algum camarada revolucionário que você admire?

Fr. - Eu gosto do Che Guevara. No dia do Golpe, no Chile, Chii ... ! eu tinha um afiche dele preso no quarto. O afiche ficou na parede ainda 2 dias depois do golpe, justo em frente à janela. Sorte que não passou nada, né? E o afiche era grande. Eu tive que picar ele.

Eu gosto dele porque ele é um guerrilheiro, revolucionário. Parece um tipo legal!

C. de C. - O que que é ser um menino ou uma menina? Que diferença existe prá você?

Fr. - Acho estranho que os meninos não se misturem com as meninas para brincar.

Prá mim, é tudo igual. Eu tenho amigos meninas e meninos. O chato é que quando eu estou com uma menina, os outros ficam gritando: aí, uuuh ... namorando!

Quanta besteira!

Não devia existir diferença entre meninas e meninos. Isto faz parte da esquerda, porque é igualdade entre todos. Igual que essa diferença entre criança e adulto. Não devia existir.

Se eu tivesse uma irmã, ela brincaria com os mesmos brinquedos que eu. Os brinquedos seriam para nós dois. Minha prima por exemplo, os presentes que ela tinha, não era boneca! Os brinquedos dela eram como os meus. Ela não era uma menina como as outras (assim, menina como as outras. Ela era mais homem). Não era dessas que são cheias de coisa, que não jogam futebol, etc.

16 - CDC: Então, quando você brinca com uma menina, é a mesma coisa que com um menino?

Fr. - Olha, sempre é um pouco diferente porque os pais querendo ou não querendo, não se dão conta que educam ela assim, como "menina". Essa minha prima por exemplo, que é diferente das outras, ela não joga futebol, porque os pais não foram incentivando.

Eu gosto quando a menina é diferente. Eu não gosto quando ela é toda ... toda ... "feminina" (sabe?) Isso é loucura!

HORAS PERDIDAS

Fim de greve...

O Estado e os patrões
fazem seus balanços:

"Quantas horas de trabalho perdidas?"

"E o desgaste das máquinas..."

...o apodrecimento de matérias primas?"

Em outra parte

em suas famílias, em suas organizações,
os operários também fazem seus balanços:

"Quantas horas de vida perdidas

nas lideranças presas e nos operários mortos?"

Paulo Canetti

IN DIFE RENTES*



GRAMSCI

Odeio os indiferentes. Creio, com Federico Hebbel, que «viver significa participar». Não podem existir os apenas *homens*, os estranhos à cidade. Quem vive verdadeiramente não pode deixar de ser cidadão e participante. Indiferença é abulia, é parasitismo, é covardia, não é vida. Por isso odeio os indiferentes.

A indiferença é o peso morto da história. É a bola de chumbo para o inovador, é a matéria inerte em que se afogam quase sempre os entusiasmos mais esplendentes, é o fosso que cerca a velha cidade e a isola melhor dos muros mais sólidos, do peito dos seus guerreiros, porque devora nas suas águas limosas os assaltantes, os dizima e desencoraja, e os faz desistir, algumas vezes, da empresa heróica.

A indiferença opera poderosamente na história.

Opera passivamente mas opera. É a fatalidade; é aquilo sobre o que não se pode contar; é o que perturba os programas, que destrói os planos, mesmo os mais bem construídos; é a matéria bruta que se rebela contra a inteligência e a destroça. O que sucede, o mal que se abate sobre todos, o possível bem que um acto heróico (de valor universal) pode gerar, não é tanto devido à iniciativa dos poucos que operam como da indiferença, do absentismo de muitos. O que acontece, não acontece tanto porque alguns querem que aconteça, mas porque a massa dos homens abdica da sua vontade, deixa fazer, deixa agrupar os nós que depois só a espada poderá cortar, deixa promulgar as leis que depois só a revolta fará anular, deixa exercer o poder a homens que depois só um motim poderá derrubar. A fatalidade que parece dominar a história não é mais do que a aparência ilusória desta indiferença, deste absentismo. Os factos maturam na sombra; poucas mãos não vigiadas por nenhum controle, tecem a teia da vida colectiva, e a massa ignora porque não se preocupa. Os destinos de uma época são manipulados conforme as visões restritas, as finalidades imediatas, as ambições e paixões pessoais dos pequenos grupos activos, e a massa dos homens ignora-os porque não se preocupa. Mas os factos amadurecidos acabam por desaguar; mas a teia tecida na sombra acaba por se cumprir: e então parece que é a fatalidade a derrotar tudo e todos, parece que a história não é mais do que um enorme fenómeno natural, uma erupção, um terramoto de que todos são vítimas, quem quis ou não quis, quem sabia ou não sabia, quem tinha estado activo ou indiferente. E este último irrita-se, desejaria subtrair-se às consequências, desejaria que se tornasse claro que ele não contribuiu em nada, que não é responsável. Alguns choramingam piedosamente, outros blasfemam obscenamente, mas nenhum ou poucos se interrogam: se tivesse feito o meu dever, se tivesse procurado fazer valer a minha vontade, o meu conselho, teria sucedido o que sucedeu? Mas nenhum ou poucos se autocriticam pela sua indiferença, pelo seu cepticismo, por não terem emprestado o seu braço e a sua actividade aos grupos de cidadãos que combatiam para evitar tal mal e se propunham constar tal bem.

A maior parte deles, pelo contrário, perante os acontecimentos consumados, preferem falar de falência ideal, de programas definitivamente desmoronados e de outras brincadeiras semelhantes. Recomeçam assim a sua ausência de qualquer responsabilidade. E não é porque não vejam as coisas claras e que, algumas vezes, não sejam capazes de prospectar belíssimas soluções para problemas mais urgentes ou para os que, embora requerendo ampla preparação e tempo, são de igual modo urgentes. Mas estas soluções permanecem belissimamente infecundas, mas este contributo à vida colectiva não é animado por nenhuma luz moral, é produto de curiosidade intelectual, não de pungente sentido de responsabilidade histórica que implica uma vitalidade total na vida, que não admite agnosticismos e indiferenças de qualquer género.

Odeio os indiferentes, também porque me aborrece a sua lamúria de eternos inocentes. Pego contas a cada um deles sobre o modo como desenvolveu a função que a vida lhe pôs e lhe põe quotidianamente, do que fez e especialmente do que não fez. E sinto que posso ser inexorável, que não devo desperdiçar a minha piedade, que não devo repartir com eles as minhas lágrimas. Sou participante, vivo, sinto já pulsar nas consciências viris da minha gente a actividade da cidade futura que a minha gente está construindo. E nela a cadeia social não pesa sobre poucos, para ela cada coisa que sucede não se deve ao acaso, à fatalidade, mas é inteligente obra dos cidadãos. Não há nela ninguém que esteja à janela, enquanto os poucos se sacrificam, se esgotam no sacrificio; e aquele que está à janela, de atalaia, quer usufruir do pouco bem que a actividade dos poucos consegue e desafoga a sua desilusão vituperando o sacrificado, o esgotado, porque não conseguiu o seu intento.

Vivo, sou participante. Por isso odeio o que não participa, odeio os indiferentes.

(*) Não assinado, *La Città futura*, 11-2-1917, p. 1.

documento do interior

**AINDA
SOBRE
EDUCAÇÃO
POLÍTICA
E
PENSAMENTO
MARXISTA
VIVO**

O texto que publicamos aqui, não foi preparado com o objetivo de ser lido pelo público. Ele é parte de uma carta encaminhada pela Direção de uma Organização Revolucionária brasileira a seus militantes no exterior. Estes, haviam enviado à sua Organização, o "Cadernos de Campanha nº2" junto a uma carta desenvolvendo observações e propostas a partir do artigo "Formação Política e Pensamento Marxista Vivo no Brasil".

Os companheiros que enviaram a carta e que colaboram com Campanha, consideravam o artigo como uma importante contribuição à discussão do problema da formação de uma "contra-cultura", e por isso pediram uma contribuição de sua Organização sobre ele. Estes camaradas, como também o grupo Campanha, em suas discussões avançavam diversas questões relativas ao assunto, após o artigo ter vindo a público. Este processo de discussão se desenvolvia aqui no exterior, quando lhes chegou a carta de sua Organização. O fato desta carta contar com importantes contribuições sobre o assunto e ter um caráter documental por se tratar de um posicionamento oficial da direção de uma O. que intervém no processo de luta de classes que se trava no interior do país, fez com que os companheiros nos propusessem divulgá-la apesar de tratar-se de um documento de caráter interno (é lógico que retirando os trechos que implicavam em riscos de segurança).

A redação de Cadernos de Campanha, pensa analisar este documento, esclarecendo alguns aspectos, respondendo e desenvolvendo outros a partir de uma discussão entre seus colaboradores. Mas o valor do texto e a importância da discussão, levaram-nos a concordar com a proposta dos companheiros em levar a público esta discussão como uma forma de enriquecê-la com um debate ao nível da vanguarda revolucionária aqui no exterior.

Redação do CADERNOS de CAMPANHA



COMPANHEIROS:

Lamentamos o atraso com que lhes enviamos estas observações como resposta ao pedido de que avaliássemos o documento "Formação política e pensa-

mento marxista vivo (1). Mas esperamos que nos desculpem, pois estivemos atarefadíssimos com a produção de materiais indispensáveis para o trabalho coletivo, e com as atividades cotidianas.

Entremos logo no assunto. Não ficou muito claro para nós o contexto em que o documento procura se inserir. Isto porque grande parte dele aborda questões gerais sobre formação política que, pelo menos para nós, aqui no país, não parecem relacionadas de maneira imediata e direta com a nossa realidade. Quando vocês criticam a despreocupação com que a nova esquerda tratou as questões teóricas, as incompreensões e deformações que caracterizavam as suas concepções e propostas de formação política, a estreiteza de uma formação de quadros que visava apenas a assimilação das posições das Organizações por parte dos elementos aproximados, quando critica estas questões o artigo tem inteira razão. Todos esses problemas foram um dos reflexos do modo voluntarista e propagandista pelo qual a esquerda revolucionária procurou superar o reformismo e o isolamento em relação à classe operária.

Mas, se levarmos em conta a trajetória da esquerda, a trajetória dos seus erros, entendidos como um dos aspectos das lutas de classe no nosso país, e principalmente se analisarmos o estágio de recuperação pelo qual passa essa esquerda atualmente, graças às atuais condições objetivas (situação mais favorável de vinculação com o movimento) e subjetivas (resultado das auto-críticas mais ou menos radicais em relação ao passado por parte de cada Organização), teremos um quadro mais real para pesquisar e para elaborar as nossas preocupações com as questões de formação. No nosso caso por exemplo, o processo de construção orgânica e de definição de posições políticas, nos obrigou a um grande esforço teórico: primeiro para identificar as raízes de nossos problemas com o fim de nos instrumentalizarmos para enfrentá-los; segundo, para orientarmos ainda que provisoriamente a prática do coletivo em seu sentido mais global (tática, imprensa nacional, política de organização, formação de quadros, etc); terceiro para nos posicionarmos quanto às organizações próximas; quarto, para elaborar os materiais que foram submetidos à aprovação do coletivo; quinto, para aprofundarmos nossas posições e incorporarmos a elas as últimas experiências fornecidas pela prática e ao mesmo tempo para deixar oltermos a crítica às posições de outras Organizações (ver nos nossas publicações). Isto é, o esforço teórico sempre esteve presente entre nós

(ainda que não tenhamos tido uma consciência mais clara acerca disso em todos os momentos) e acreditamos que continuará sendo assim. Assim, a título de exemplo também, a preocupação com os problemas teóricos e a formação política, esteve presente quando tomamos a iniciativa de publicar textos clássicos em grande variedade, englobando questões como filosofia da praxis, economia, programa, estratégia e tática, métodos de direção; quando revemos a compreensão que tínhamos acerca de recrutamento e militância de modo a tornar estas questões adequadas a uma organização que procura se enraizar na classe operária sem rebaixar o seu nível político (coesão e compreensão das posições), o seu nível teórico, o seu nível de funcionamento orgânico; quando procuramos relacionar intimamente num processo de formação de quadros aspectos aparentemente tão diversos como o comprometimento com o movimento vivo com o desenvolvimento contínuo das posições, com o aperfeiçoamento permanente das relações orgânicas e com a elevação do nível de formação teórica (stritu sensu); quando além disso estimulamos de todas as maneiras possíveis a auto-formação dos militantes; e mesmo quando procuramos estimular o gosto pela literatura e arte revolucionárias em geral, através de divulgação de poesias, músicas, etc.

Certamente isso não é tudo e precisamos ainda de muitas coisas mais, e as preocupações de vocês (voltaremos a elas mais adiante) representam uma contribuição importante. Mas, se levarmos em conta tudo o que já fizemos, o que estamos fazendo e o que pretendemos fazer, fica difícil, pelo menos para o caso de nossa organização em particular, entender o contexto a que se dirige o documento de vocês. Ainda mais: acreditamos que uma série de críticas que o documento faz à esquerda revolucionária em seu início, não tem nenhum fundamento (pelo menos nos termos gerais em que são colocadas).

"O problema político da formação é visto como um problema de método pedagógico de formação. O militante novo é tratado como um 'aluno' passivo em face ao quadro 'formado', o professor, o agente do processo de formação. Os 'cursos de marxismo'... são constantemente vistos como sendo o próprio processo de formação, apenas completados ocasionalmente pela discussão de documentos teóricos das Oe. A formação de quadros é vista completamente à parte da situação que envolve as Oe., à parte da con-

NOTA

4) ver artigo referido no Cadernos de Campanha nº 2.

juntura da luta de classes, sem relação social e orgânica com o movimento revolucionário. sem relação com a prática das Os. e da crítica a estas. Em última instância nesta formação já existe em embrião toda a divisão que tende a existir no interior das Os. revolucionárias hoje: a divisão entre os teóricos e os práticos..." (pag.5).

Não é verdade que isso ocorra como vocês o descrevem. Nenhuma organização revolucionária encara a formação de quadros desta maneira, e o fato de eventualmente surgirem deformações semelhantes às que vocês apontam não têm suas raízes ou sua explicação na formação em si mas no conjunto das concepções políticas e da atividade de uma organização revolucionária determinada. Isto porque a política de formação para os comunistas é um dos aspectos de sua prática, sendo determinada, direcionada pelas concepções políticas (em sentido amplo) que se adota: estratégia, tática, política de organização. Ao analisar um aspecto da atividade política é necessário esclarecer as concepções mais gerais que a sustentam, que lhe dão certa lógica, mesmo que os seus agentes, dela não estejam conscientes. Para se criticar de maneira mais aprofundada os problemas da formação é fundamental fazer uma análise das condições em que a esquerda revolucionária atuava, das idéias que ela formulava acerca dessas condições e das concepções políticas que ela produzia.

A tradição reformista e o isolamento da classe sempre formaram o peno de fundo, ou melhor, o terreno sobre o qual a esquerda revolucionária desenvolveu suas atividades. As ilusões acerca de uma superação rápida e fácil do reformismo e acerca do enfrentamento do isolamento e da própria ditadura, sempre estiveram presentes nas concepções dos revolucionários brasileiros. Em razão disso era deixado de lado um estudo sério da nossa realidade, da situação do movimento operário, de nossas condições de atuação e de nossos problemas, estudo este que tendo como base a "redescoberta" do marxismo-leninismo e a ligação com as práticas mais avançadas dos operários, servisse de ponto de partida para a "formação de um pensamento marxista vivo" em nosso país.

É necessário insistir e refletir sobre o significado de um processo de estudo e elaboração política tendo por base o marxismo-leninismo e a ligação com as práticas mais avançadas do movimento operário, questões estas que estão muito ligadas entre si. Não estava (e não basta hoje) "conhecer" o marxismo apenas pela leitura de mais dúzias de livros clássicos (Manifesto, Que Fa-

zer, Estado e Revolução, etc). Para que se conheça verdadeiramente o marxismo-leninismo é necessário ir adiante, ler mais e mais livros, textos artigos e cartas dos clássicos (e de outros autores "menores"), a fim de não só deles extrair as linhas gerais de sua teoria ou o enfrentamento que deram a cada questão concreta que se lhes apresentava, como principalmente a fim de assimilar o cerne de sua teoria: o método. Apenas tendo aprendido este método somos capazes de enfrentar corretamente a análise dos problemas que vivemos e a elaboração de alternativas viáveis e consequentes para eles, desenvolvendo assim a própria teoria. Sim, porque sabemos que o nosso papel enquanto revolucionários não é o de levar à classe operária a teoria "pura" (em sua forma original de textos e livros que traçam os parâmetros gerais que regem a manifestação de um determinado fenômeno, como por exemplo o papel do estado na sociedade de classes, ou analisam uma manifestação particular de um determinado fenômeno, como o comportamento do tzarismo após a revolução de 1905/07), mas sim a teoria transformada em análises e proposições políticas (estratégia, tática, política de organização) e que o mero conhecimento livresco, ainda que de uma teoria essencialmente revolucionária, não é capaz de produzir nem essas análises nem essas proposições políticas. E se a teoria revolucionária não é algo acima da realidade, da sociedade, das lutas de classe, mas sim um elemento que se considerado vivo tem que possuir raízes firmemente assentadas na luta de classes do proletariado, o desenvolvimento da própria teoria em seus diversos campos depende em grande parte de sua constante transformação e fusão com o movimento operário, ou seja, depende do avanço na formação de um movimento político proletário.

A esse respeito podemos dizer que em nosso país a antiga ORM-PO conseguiu dar passos iniciais e significativos na análise de nossa realidade e na elaboração de alternativas, embora esses passos ficassem comprometidos e não fossem levados às últimas consequências devido ao isolamento (e talvez fosse mais próprio dizer aqui "distanciamento") dela em relação à classe operária. E aqui deve-se ressaltar que avançar no enfrentamento do isolamento implica não só a disposição de fazê-lo mas, em primeiro lugar, em apoiar e incentivar as lutas dos operários por suas necessidades mais imediatas ainda que essas lutas estejam léguas aquém da luta pela conquista do poder político e pela construção do socialismo, procurando atuar nestas lutas

mais dedicados e os mais decididos e, em segundo lugar (e evidentemente não o menos importante) desenvolver nestas lutas uma agitação e propaganda das idéias e alternativas políticas revolucionárias.

Muitas pessoas podem concordar com isto e dizer que tudo aqui colocada é mais que sabido... sem no entanto saírem do campo das generalidades ou de um reconhecimento da validade de postulados teóricos gerais. Na verdade, é preciso desenvolver o significado prático destas questões de modo a demonstrar que estes "postulados gerais" tem profundas implicações na conduta dos comunistas frente às massas - aprendendo com elas, estimulando suas iniciativas de modo a que elas se aperfeiçoem e se transformem em manifestações conscientes de luta, de organização e de cultura - e também frente à própria teoria revolucionária enquanto tal. Não é tarefa dos comunistas inventar fórmulas ideais e sofisticadas de luta, de organização e de cultura pois sabemos que a "emancipação da classe operária" é tarefa da própria classe operária, mas sem saber enxergar nas manifestações e iniciativas dos operários e do povo pobre as sementes que se bem cultivadas levarão à consciência para si e à emancipação econômica, política e cultural uma vez que estas sementes já existem nas manifestações e iniciativas atuais dos operários por mais que estejam encobertas e dissimuladas pela ideologia dominante. Assim poderíamos dizer que a tática dos comunistas é a maneira pela qual procuramos estimular (através de formas de lutas e de organização apropriadas a uma determinada conjuntura) as manifestações e iniciativas do proletariado e das classes oprimidas de modo que elas signifiquem um efetivo acúmulo de forças para a materialização dos objetivos estratégicos (ou para o êxito estratégico) que definimos.

Em suma, podemos dizer que sem uma penetração mais efetiva na classe operária, sem um número maior de operários comprometidos com uma perspectiva socialista verdadeiramente consequente sem uma influência mais alargada entre parcelas da massa operária, não daremos um passo efetivo na formação de um movimento político capaz de fazer frente à ditadura, nem estaremos em boas condições de avançar mais na elaboração de alternativas consequentes para a criação de um pensamento marxista vivo no país e de uma "nova cultura". Por outro lado, sem uma leitura do marxismo (não uma leitura de uma ou duas dezenas de textos clássicos mais difundidos, mas do maior número possível destes clássicos - se possível todos - e

mesmo de muitos não-clássicos), sem um aprofundamento de nosso conhecimento da realidade que vivemos, sem o desenvolvimento de nossas concepções políticas, não daremos um passo efetivo no enfrentamento dos problemas colocados pelo isolamento, ou mesmo pelas pequenas rupturas que conseguimos fazer nesse isolamento (é interessante assinalar que quando começamos a nos implantar numa fábrica ou numa área fabril, quando formamos grupos de oposição sindical e núcleos partidários, surge uma gama de novos problemas a enfrentar e a desenvolver), não formaremos corretamente os militantes em sua dupla relação com o movimento vivo e com a organização, e assim por diante.

Essas afirmações nos levam a uma conclusão de maior importância: a criação de um pensamento marxista vivo no Brasil nada mais é que a construção de um movimento político sustentado e dirigido pela classe operária. E quando falamos aqui em movimento político, que remos dizero partido propriamente dito (composto por seus organismos de base e de direção), organizações que embora não façam parte do partido são na prática dirigidas por ele, e finalmente elementos não-organizados que, influenciados pela liderança e pela firmeza do partido, ou colaboram regularmente com ele ou são arrastados por ele nas mobilizações de massa. Ter claro que esse movimento político, que este partido são essencialmente operários, é compreender o papel de vanguarda do proletariado nas lutas de classe; ter claro que este é um movimento político-revolucionário e não um movimento corporativo é compreender que se pode e se deve atrair para ele as organizações e os elementos não-organizados das classes oprimidas que se dispõem a contribuir para solucionar os problemas que afligem o povo.

Assim é que precisamos ter sempre presente que nosso papel enquanto revolucionários é antes de tudo político, e que será a partir do desenvolvimento do trabalho político - ligação com o movimento operário e construção do partido - que iremos forjando um número maior de intelectuais orgânicos e atraindo os "intelectuais não-orgânicos" avançando na formação de uma "nova cultura", etc. Não podemos nos esquecer que de um lado, vivemos num país culturalmente atrasado e que de outro lado, o prestígio da esquerda revolucionária ainda não é muito grande devido aos erros do passado e ao isolamento em relação à classe operária. Certamente que mesmo num país culturalmente atrasado, não deixa de haver cultura nem deixam de se formar intelectuais receptivos à causa do povo e do progresso (podemos

inclusive lembrar que muitos dos estudantes que saíram às ruas em 1967/68 estão encerrando seus cursos de graduação e pós-graduação e tem apresentado excelentes materiais de estudo e de pesquisa), mas não há um "movimento contínuo de formação de intelectuais" como ocorre na Europa. Dado o atraso do país as exigências do desenvolvimento de um capitalismo dependente e associado, a opressão policial da ditadura, é muito difícil o surgimento de manifestações culturais (como já tivemos com a Semana de Arte Moderna em 1922, como ocorreu na Alemanha com a Escola de Frankfurt, etc) ou sociais (feminismo por exemplo) progressistas, sem que elas rapidamente se choquem com problemas políticos e com isso sem que elas procurem movimentos políticos que as sustentem ou direcionem. Isto talvez seja um ponto de partida para o estudo das razões do excessivo individualismo dos intelectuais brasileiros. Ainda mais: nossos intelectuais são muito mais vacilantes que os europeus, pois não purificam seguidamente seu cérebro com as influências das lutas e mobilizações operárias e populares - o vazio após 68 é um bom exemplo disto -; nossas possibilidades de atrair estes intelectuais não são muito boas (para não dizer que são quase nulas) enquanto não nos mostrarmos como um movimento forte ou que mereça respeito pelas ligações que possui com as massas operárias; etc.

A preocupação de vocês com a atração de "intelectuais não-orgânicos" é uma preocupação justa e não devemos deixá-la de lado em momento algum. Porém, é indispensável compreender que esta questão é um aspecto do trabalho de formação de um movimento político e de construção do partido, aspecto secundário e no qual só teremos êxito na medida em que avançarmos na realização daquilo que é principal. É claro está, que o fortalecimento das organizações revolucionárias, e da nossa em particular, enquanto sustentáculo e dirigente deste processo tem em todo este nosso raciocínio um papel decisivo.

Em razão dos argumentos que expusimos acima temos algumas ressalvas quanto à maneira como foi tratada a formação política no artigo de Cadernos de Campanha. Em primeiro lugar, achamos que o problema foi tratado em termos muito gerais e que, ao fazê-lo fizeram-no de um modo que pode levar os leitores a confundirem a formação política com a formação teórica ou a darem um peso demasiado às questões teóricas na formação política (ver a parte inicial do documento). Acreditamos que ao tratar de formação política é necessário

esclarecer que ela se dá por meio de transformação da teoria "pura" em análises e proposições políticas; de aplicação na prática destas proposições e do seu desenvolvimento (e aí seria necessário abordar a agitação e propagar enquanto métodos indispensáveis para a formação política); de organização dos indivíduos dispostos a se formarem e a formarem a outros indivíduos e ao proletariado, politicamente, isto é, de organização partidária; do aprimoramento das organizações partidárias existentes, tanto no que se refere às relações internas quanto à relação da organização com o movimento; enfim, é necessário dar um caráter mais político aos raciocínios que o documento desenvolve acerca da formação política.

Em segundo lugar, não entendemos a afirmação que é feita na página 7 onde se diz "... não pode haver formação política apenas nos limites das organizações revolucionárias ...". Se se pretendeu dizer que a formação política é um processo que vai além de uma questão interna às organizações revolucionárias no sentido de que os militantes não devem se limitar a ler apenas os jornais ou outros materiais da organização a que pertencem (o que não constitui novidade) e no sentido de que a agitação e propaganda que as organizações desenvolvem também levam à formação política das massas, à formação política tanto de novos "intelectuais orgânicos" quanto de "intelectuais não-orgânicos", e que produz um "feed-back" na medida em que as massas em formação vão influenciar as organizações e os intelectuais em formação e que mesmo os "intelectuais não-orgânicos" também exercem influências, isto é certo. Porém, e deve-se perfeitamente compreender a dialética da formação política a partir deste plano mais geral (sem deixar de aplicar essa noção geral à realidade particular em que nos encontramos para então definirmos nossas tarefas). No entanto a afirmação feita não esclarece nada disto, não deixa claro qual é o centro gerador desta formação política, como o processo inter-agente entre os diferentes agentes sociais, como podemos enfrentar estas questões hoje (o que na carta vocês explicitam mais. Porém, quem não pertence à Organização e não tem acesso a carta, o que pode entender?). Existem afirmações, juntamente com outras que aparecem ao longo do texto (a que citamos da pág. 5, esta da pág. 7, a que fala da possibilidade de dos revolucionários saírem do "gesto" de suas organizações, a que fala do nacionalismo (?) de esquerda revolucionária brasileira, ambas na pág. 8) -

tem como resultado prático o reforço dos preconceitos que a grande maioria dos intelectuais e mesmo dos exilados possuem frente à uma prática organizada de um modo geral e particularmente nas atuais circunstâncias frente a uma colaboração (influenciada e dirigida) com as organizações revolucionárias, embora não seja este o objetivo do documento e embora ele procure justamente combater em certas passagens os preconceitos existentes. Acreditamos que essa não é a maneira correta de enfrentar e criticar o individualismo e o anarquismo dos intelectuais pequeno-burgueses, a sua pretensa auto-suficiência e a sua desvinculação do povo e dos problemas do povo, a sua falta de colaboração com os representantes de vanguarda da classe operária e do povo pobre, bem como as racionalizações com as quais eles justificam sua conduta inconsequente.

Em terceiro lugar, quanto à formação política no interior das organizações revolucionárias, não se deve abordar esse problema em um plano tão geral como foi feito e, a partir deste plano geral, elaborar proposições e alternativas. Isto porque a formação de quadros está sempre sujeita a certas particularidades do desenvolvimento da luta de classes e do partido, particularidades estas que se configuram nas exigências da tática que se adotou e também na existência de certos desvios que dificultam o desenvolvimento do trabalho do partido. Recentemente a título de exemplo, quando enfrentamos uma discussão sobre problemas da militância (quanto ao recrutamento, à preparação dos quadros e quanto à vida militante) chegamos à conclusão que os problemas mais importantes que se deveria enfrentar seriam a necessidade de fortalecer o comprometimento com o movimento vivo, a prática revolucionária junto especialmente às camadas mais avançadas do movimento operário; a necessidade de fortalecer o comprometimento com o desenvolvimento da organização, do funcionamento partidário, das relações orgânicas do "espírito de partido"; e finalmente a necessidade de formar quadros capazes de assumirem tarefas de direção.

A trajetória da esquerda revolucionária nos indicava o extremo perigo que representam a dogmatização das concepções e posições políticas e seus efeitos na vida interna. Os fracassamentos em algumas organizações nos mostraram o quanto isso é perigoso, dando-nos bons exemplos "a posteriori". Porque nos preocupamos mais de perto com estas questões? Porque vemos que a esquerda tende, devido ao isolamento e à sua própria inexperiência, a sacra-

mentar os possíveis avanços (por mais tímidos que sejam) que sua prática produz, que esta sacralização das posições leva inevitavelmente à sectarização das relações orgânicas tendo como resultado a eclosão da crise política e ideológica extremamente desastrosas. Tal é o sentido de nossas preocupações acerca da preparação dos militantes. Preocupações que analisamos e procuramos responder com as discussões a que nos referimos acima.

Pois bem, ao tratarmos da formação política de um modo extremamente geral acabaram por não enfrentá-la de um modo político, apontando aqueles que seriam os problemas reais e concretos que deveriam ser enfrentados e esse nível no momento atual, o que acaba se refletindo nas proposições feitas. Como falar em "organizar uma nova cultura sem a contribuição decisiva das massas exploradas e oprimidas? Ou a "nova cultura" depende apenas da elite intelectual (que em nosso país é bastante reduzida e se encontra desvinculada politicamente e organicamente das organizações revolucionárias?

Não, companheiros. Somos uma pequena organização comunista cujas ligações com as massas oprimidas são ainda extremamente frágeis, iniciais. E nessas condições não podemos dar uma idéia grandiosa de nosso trabalho, de nossa força de atração, de nossas capacidades. Ao dizer isto não negamos em absoluto a importância das propostas formuladas, mas procuramos dar-lhes um quadro mais geral para a elaboração de alternativas e definição de diretrizes práticas e viáveis. Não estamos em condições de atrair "os intelectuais não orgânicos", não porque não desejamos mas porque não temos força política para isso. Temos certamente contatos com a "inteligência" brasileira, mas são contatos pessoais, informais e descomprometidos. Devemos procurar atrair esses elementos para que colaborem conosco, mas sabemos o quanto eles resistem o quanto eles tem medo de qualquer vinculação com atividades clandestinas, o quanto a maioria deles desconfia e descrente das organizações revolucionárias devido ao passado; e sabemos também que a atração destes elementos será uma decorrência de nosso fortalecimento e do fortalecimento do movimento que propomos.

Estas são em linhas gerais as considerações que tecemos sobre o artigo e a carta enviados por vocês. Elas expressam um posicionamento inicial para discussão, de maneira a contribuir para a elevação de nosso preparo político conjunto.

Saudações revolucionárias

PASQUIM: "CANTO DE CISNE" DO FALOCRATISMO?

Luisa Michel



NOTA

(*)-Este texto é uma carta dirigida ao Pasquim. Devido as poucas esperanças que venha a ser publicado por aquele hebdomadario, e como um meio de fazer-la chegar aos brasileiros no exterior, Luisa Michel encaminhou-a para Cadernos de Campanha com um pedido de publicação.

Na sociedade burguesa atual, a mulher é, não só a maior consumidora, mas ainda o poder masculino tenta fazer dela (e o faz), o maior objeto de consumo. O apelo sexual transmitido pela imagem da mulher faz com que ela seja utilizada para vender desde os mais sofisticados carros e whiskies, até baterias e peças. A qualquer pretexto se estimula nas mulheres os valores vazios da "sua necessidade de proteção" (dos homens), sua beleza (para agradar aos homens), sua doçura, submissão, paciência, tudo isto é claro, em benefício destes mesmos homens. Isto sem contar a função "nobre e sublime" do papel de mãe, sem a qual a "mulher nunca será completa", nunca será totalmente "realizada". Tudo isto obedece às necessidades de uma sociedade preocupada, primeiramente, com que a mulher seja a fornecedora que garante a mão-de-obra que necessita o mercado; e segundo, u' que esta mesma mão-de-obra seja os consumidores de amanhã. O papel da mulher é exaltado quando o sistema exige "tenham filhos" era um dos lemas do fascismo; "tenham filhos" ainda é o grito de países altamente industrializados que temem problemas futuros com a baixa natalidade, como é o caso da França atual) e "controlem a natalidade", "não tenham mais que 2 filhos", (como na Índia e na maioria dos países subdesenvolvidos em geral), fazendo com que a mulher não seja nada mais do que uma simples procriadora, sem nenhum direito sobre o seu corpo, sobre o seu prazer e sobre a sua sexualidade. A moral religiosa diz que o ato sexual só é permitido se ele visa a procriação "das criaturas de deus", fora disso, a mulher não tem direito ao prazer: o sexo é algo sujo e podre, que não deve nem ser olhado.

A medicina mesmo, até agora, muito pouco fez com relação às pesquisas de controle da natalidade: as pílulas só foram inventadas para as mulheres, o diafragma, é a mulher que deve colocá-lo, e todos os outros meios de contracepção são sempre, só para as mulheres. Muito antes de se saber os efeitos secundários da pílula no corpo da mulher, ela foi massivamente empregada nos países subdesenvolvidos (Porto Rico, Haiti, América Latina em geral), e só dez anos mais tarde, ela foi liberada para o consumo da mulher americana - a vida dos pobres diabos subdesenvolvidos, todo mundo sabe que ela não vale nada, além de criar focos de tensão social insuportáveis... Milhares de mulheres foram esterilizadas por missões americanas especiais em países subdesenvolvidos sem nem ao menos serem informadas do que estava sendo mudado em seus corpos; diafragmas foram colocados em centenas de mulheres do Nordeste brasileiro sem a mínima assistência

médica permanente que isto requer.

Por outro lado, o capitalismo, na sua ideologia falocrática e machista, nunca aceitaram e nem aceitam a possibilidade de que sejam os homens a sofrer o controle da concepção: não é por acaso que a famosa injeção que esteriliza o homem por um tempo limitado, assim como a vasectomia, comecem apenas a engatinhar. Isto sem falar da tradicional "camisinha" que nem todos os homens aceitam, dizendo que ela diminui a sensibilidade do homem, diminui o prazer. Mas e a mulher? É o prazer dela, e a sexualidade dela? Não conta? Não é importante? Claro que não. Ela pode ser o objeto de prazer do macho mas a sua sexualidade mesmo não é um problema. Na verdade, na ideologia religiosa (cristã ou todas as outras)-burguesa atual, ela não existe. Ela é mesmo negada. Agora, dos problemas pessoais que esta negação acarreta, ninguém fala. Fala-se sim de mulheres hípticas, frígidas, "fodidas e mal pagas", mas sem se colocar em causa a essência destes problemas: a ideologia burguesa repressiva, baseada na dominação do homem sobre a mulher; no seu papel opressor, na sua atitude de "proprietário" e esmagador de toda possível criatividade e independência femininas, de toda possível explosão de energia que a mulher possa ter.

É por isto que agora resolvemos dizer basta: chega de mulher sem passado, mulher sem história, mulher negada! No começo os homens consideravam o movimento feminista como um grupinho de mulheres históricas, frustradas, lésbicas ou marginais, achando que isto ia passar. Agora eles começaram a entender que não é bem assim: o problema da opressão é o problema de toda mulher, ele não se limita às necessidades de um grupo, e sim do movimento. A cada dia, milhares de mulheres tomam consciência de sua dominação: é a sociedade burguesa que está em jogo, é a sociedade de dominação masculina que está em jogo, são os pseudo-valores colocados na cabeça das mulheres que estão em jogo. Chega de ser mulher sem passado. Mulher sem história, considerada "biologicamente inferior", como dizia Proudhon, e que por isso "sua opressão é um fenômeno natural" (sic)... Esta teoria caiu por terra e ele foi desmentido na sua época mesmo por Fourier e, mais tarde, pelos marxistas que começaram a analisar o problema da opressão da mulher. Lenin chega a afirmar que "não é possível a liberação da mulher sem a revolução socialista". Mas não é preciso buscar muito longe a explicação: a mulher, se engajando na produção, se mostrou tão apta quanto o homem para qualquer tipo de trabalho, e continuou, além do mais, a desenvolver suas tarefas caseiras de "mãe" e "espa-



sa" após a sua jornada fatigante de trabalho. Simplesmente, o sistema capitalista, em períodos normais, não tem necessidade da mão-de-obra feminina, e por isso, a mulher deve ficar tranqüila em casa criando filhos, que serão a garantia da mão-de-obra de amanhã e dos consumidores necessários da produção; ao mesmo tempo em que ela deve ser a servidora fiel do marido, seu único e soberano senhor. Mas durante a guerra, quando os homens morriam como moscas nos campos de batalha e não havia mão-de-obra disponível para a linha de produção de armamentos, os apelos da propaganda fascista mobilizaram milhões e milhões de mulheres que tomaram o lugar dos homens nas fábricas. O lar, a família, tão glorificados pelo nazismo, naquele momento sofreram uma campanha de "passagem para segundo plano", de "inferiorização" das tarefas do lar. Depois, acabada a guerra, os homens expulsaram de novo as mulheres das usinas, e elas foram obrigadas a retomar a função doméstica, calar a boca e serem "felizes". Uma nova campanha valorizando a família, ou melhor, revalorizando-a, acalmou os ânimos mais exaltados e a re-glorificação da maternidade (dar filhos para a pátria) preencheu todas as cabeças...

Por que a mulher foi condicionada a ser o bibelot erótico da propaganda, ou a ser a mulher submissa, reprodutora de "carne de canhão"?

Biologicamente, não existe mulher frígida, e portanto 80% das mulheres não atingem o orgasmo na relação sexual! De quem é e culpa? Alguém se colocou a questão???

O isolamento da mulher no lar faz dela um indivíduo à margem da sociedade, susceptível a todo tipo de influência e apelo reacionário. Ela não se interessa por política "porque isto é um assunto de homem"... ela não se interessa pelos problemas sociais porque ela está muito longe da realidade para poder entendê-los. Ela não sabe o que se passa no mundo, porque isto não faz parte do seu mundo. O seu mundo é pobre, mesquinho, reacionário, individualista, egoísta. Por que a mulher é utilizada pelo sistema, e sua presença é

solicitada nas condições mais reacionárias, como foi, p.ex. "a marcha da família com deus pela liberdade" no Brasil; e a famosa "marcha das panelas vazias", no Chile, de tão triste memória? Porque na ideologia machista existente a mulher deve ser burra, sem criatividade, sem iniciativa, necessitando de proteção e de alguém para guiá-las e mostrar-lhes com o dedo indicador, o caminho a seguir. É mais ainda, que este "alguém" seja sempre um homem. É tão podre a ideologia existente e o isolamento que esta mesma ideologia impõe à mulher é tão grande; que a mulher tem problemas mesmo para aceitar uma outra mulher: ela é educada e programada para ver na outra uma possível rival, aquela que poderá um dia roubar o "seu" homem. Quem é que ainda não teve a oportunidade de ver um dia na vida as tão ridículas "ceias de ciúmes", sem as quais nenhum "grande amor" pode sobreviver?

Tudo é feito de modo a que a possível conscientização da mulher seja cada vez mais difícil. A própria família é a base da exploração da mulher, e a preservadora por excelência do capital privado... Mas colocar a família em causa seria uma catástrofe!!! É preciso preservá-la por todos os meios! Custe o que custar!

Pois bem, senhores: colocamos em causa a família, a sociedade e os valores desta sociedade. Não precisamos de filhos para nos sentirmos "mulheres realizadas", e nem precisamos de super-homens ou de "tarzãs" para nos defender. É a sociedade que precisa de filhos, ela que os tome a seu cargo. Ela precisa para sobreviver, contar com a mão-de-obra e o consumidor assegurados no dia de amanhã. Pois bem, que a sociedade crie a infra-estrutura necessária para criar os seus filhos. Não são as mulheres que possuem os produtos e nem os meios de produção. Elas não precisam de nada disso.

Cansamos de ser belas e caladas. Cansamos do "sois belle et tais-toi" dos franceses. Não somos belas, não somos objetos de consumo de falocratas e não vamos mais nos calar.

Agora vocês perguntariam, nobre equipe do Pasquim, o porquê desta longa e irritante carta. É porque também estamos fartas do machismo de vocês. Das pequenas ironias criticando os anúncios "machistas" dos outros, que mal escondem o próprio machismo do jornal, (se é que esta preocupação existe...), dos artigos imbecis, das fotos das "boas" do Pasquim, da pobreza de espírito de vocês. É realmente lamentável que num país como o Brasil, onde se tem tão pouco direito de falar, de ler e de comunicar, de transmitir, vocês que pretendem (e de certa forma o foram)



ser uma espécie de vanguarda da comunicação brasileira, façam o jogo da reação, transmitindo e preservando, através da linha do Pasquim, a ideologia machista que quer a mulher bonita, cheirosa, burra e submissa, para o bem de todos os homens. Só que vocês se esquecem que estimulando na mulher este espírito, ela se torna reacionária (e ela é utilizada como tal), porque ela é o indivíduo à margem dos problemas, à margem da vida e à margem da sociedade. Vocês já imaginaram o que poderia representar no avanço da conscientização da sociedade brasileira, que engendrará a revolução que todos querem (e vocês, pelo menos uma certa época defendiam uma série de mudanças e faziam críticas à ditadura), se em lugar de contribuir para a alienação, vocês colaborassem para a tomada de consciência das massas? Se vocês analisarem um pouco o papel histórico do fascismo, vocês se darão conta da identidade enorme entre o fascismo (negação, opressão, utilização do indivíduo) e o machismo (negação, opressão e utilização da mulher).

Não somos "mais fracas" e nem "mais burras do que o homem", viu, Ivan Lessa, e nem estamos "nuas na cozinha fazendo cafezinho pro nosso homem..." (ABC do Sexo, Pasquim n.374 de 27/8/76. O mesmo recado vai para Millor Fernandes, outro "bijou" do estilo na imprensa brasileira: o seu artigo "Confirmação" (Veja n.392, 10/3/76) também foi anotado (1). Nos repetiram toda a vida de geração em geração, que deveríamos ser belas, burras e submissas, sem direito à palavra. A deformação e condicionamento da mulher é um processo que vem desde o berço. Até recentemente, a gente acreditou e nunca se perguntou o

NOTA

(1) Aos 50 anos, quando a mulher já não é mais bela e saltitante, quando ela é reduzida a "um saco de banhas", o marido teria o direito de confirmação ou não do casamento: continuar com o "saco de banhas" e re-confirmá-lo diante do altar, ou trocá-la por uma outra, com a metade da idade e dos quilos...

porquê. Agora acabou. Não acreditamos mais, não vamos mais repetir isto a nossos filhos, e questionamos tudo, desde a raiz: colocamos em causa esta sociedade podre e manipulada pelos altos poderes (político, religioso e moral).

Mas um detalhe tem que ser observado: a "ironia" de vocês tem aumentado. Na medida em que o movimento feminista começa a se reforçar no país. No começo vocês deram a entender que era apenas "um grupinho de histéricas". Agora vocês vêem que não é bem assim: o movimento feminista aparece, se reforça dia à dia, em todos os países, e é um fato concreto. Qual vai ser a atitude de vocês diante disto? Até agora, a atitude de vocês diante do movimento feminista no Brasil tem sido ou a ironia ou a gozação falocrática sutil, que reforça a ideologia burguesa. Ultimamente

te a ironia sutil e "intelectual" vai dando lugar às piadas de mau-gosto, ao humor barato do tipo "revistinha de sa canagem" como se encontra no "baixo mundo"... É isto um ato de desespero? Seria este o "último canto do cisne" de um grupinho de histéricos???

Como vocês vêem isto será um longo e lento processo, como todos os processos históricos que engendraram grandes mudanças no mundo. É pelo bem-estar, pela realização e igualdade de todos os indivíduos - mulheres e homens que lutamos. Pela sociedade sem opressão, sem a utilização de um sexo pelo outro, de uma classe pela outra. É esta a sociedade que queremos construir. Nela acreditamos. Por ela lutamos.

Desafiamos vocês a responderem esta carta, se tem capacidade "intelectual" para sustentar este debate!



CHICO BUARQUE

MEU CARO AMIGO

Meu caro amigo me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador
Mando notícias nessa fita
Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'
roll

Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta
Muita mutreta pra levar a situação
Que a gente vai levando de teimoso e
de pirraça
E a gente vai tomando, que também sem
a cachaça

Ninguém segura este rojão
Meu caro amigo eu não pretendo provocar
Nem atizar suas saudades
Mas acontece que não posso me furtar
A lhe contar as novidades
Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'
roll

Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta
É pirueta prá cavar o ganha-pão

Que a gente vai cavando só de birra, só
de sarro
E a gente vai fumando que também sem
um cigarro

Ninguém segura este rojão
Meu caro amigo eu quis até telefonar
mas a tarifa não tem graça
eu ando aflito prá fazer você ficar
a par de tudo que se passa
Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'
roll

Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta
Muita careta prá engolir a transação
E a gente tá engolindo cada sapo no ca
minho
E a gente vai se amando que, também,
sem um carinho

Ninguém segura este rojão
Meu caro amigo eu bem queria lhe escre
ver

Mas o correio andou arisco
Se me permitem vou tentar lhe remeter
Notícias frescas nesse disco
Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'
roll

Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a
coisa aqui tá preta
A Marieta manda um beijo para os seus
Um beijo na família, na Cecília e nas
crianças
O Francis aproveita prá também mandar
lembranças

A todo o pessoal
Adeus.

NOTA

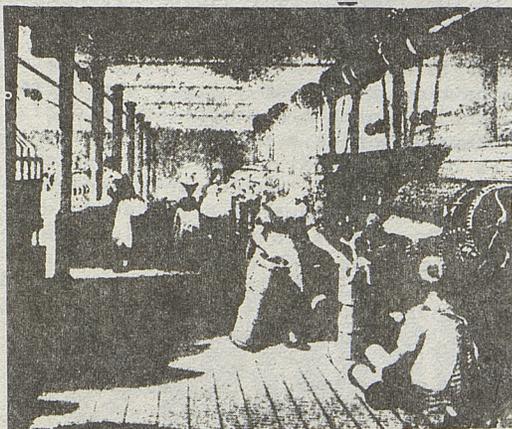
(*) A letra da música "Meu caro amigo", que publicamos aqui, foi escrita por Chico Buarque para um amigo exilado na Europa. Ela nos lembra em muito a nossa correspondência diária com amigos e parentes que continuam no Brasil.

**OS
PARTIDOS
COMUNISTAS
NA
AMERICA LATINA
ANTES DA
REVOLUÇÃO CUBANA**

M. Garcia



**1. Condições
de emergência
do movimento
operário latino-americano :
problemas
históricos e metodológicos**



Por onde começar?

Marx pensava que todo o começo era difícil, pois difícil era a definição da categoria que funda o discurso teórico.

No discurso histórico a dificuldade de se repetir e a escolha do começo não é menos complexa.

Por onde começar nossa história específica?

Que ponto de partida eleger para escrever uma história (antes algumas notas para uma história) do movimento operário latinoamericano?

A história do movimento operário latinoamericano é um momento específico (e privilegiado) da história da luta de classes em nosso continente. Ela se explica em grande medida a partir da história da emergência do capitalismo ao sul do Rio Grande, ao mesmo tempo que contribui para o esclarecimento desta emergência.

Formalmente independentes nas duas primeiras décadas do século passado a maioria das colônias hispânicas e a grande colônia portuguesa da América se integram em definitivo na economia mundial cumprindo o papel de produtores de matérias primas e de produtos alimentícios que serão de grande importância para o êxito da revolução industrial. Ao mesmo tempo, América Latina se transformara em um mercado de relativa significação para os produtos que saem das fábricas da Inglaterra e França, num primeiro momento e, mais tarde de Alemanha e Estados Unidos. E se as exportações não são suficientes para compensar as importações, não faltará a presença do capital bancário inglês para oferecer os créditos necessários para que as importações continuem.

Em alguns países, setores das classes dominantes levantam a possibilidade de desenvolver um tipo de economia distinta daquela voltada exclusivamente para a exportação, conforme o modelo hegemônico, propugnando uma política protecionista que permitisse estimular (diversificando) a produção no interior, de boa parte do que era produzido nas grandes metrópoles. (1) A vitória dos setores liberais, que em muitos casos se dá depois de cruentas guerras civis, acentua os traços das e

NOTA

(1) Andrés GUNDER FRANK, Lupenburque - sia: Lupendesarrollo (várias edições) Capítulos 4 e 5

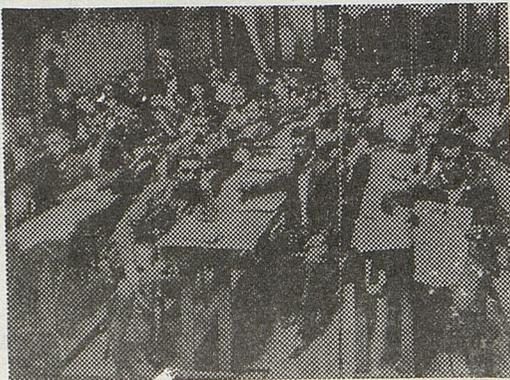
(*)-Este artigo é parte de uma série elaborada por M. Garcia para Cader nos de Campanha: "Os Partidos Comunistas na América Latina antes da Revolução Cubana". Próximo artigo: "A formação dos Partidos Comunistas Latinoamericanos".

conomias exportadoras, dificulta, ainda que não elimine completamente, a possibilidade de um desenvolvimento industrial (mesmo artesanal) autônomo e, em consequência pesará em forma importante sobre o problema da formação de uma classe operária significativa.

O processo de monopolização que começa a marcar a vida das economias das metrópoles capitalistas no fim do século XIX e que constitui um elemento essencial da emergência do imperialismo vai repercutir de diversas formas sobre o continente.

Em primeiro lugar, o desenvolvimento das forças produtivas que a monopolização supõe e provoca, acentua a demanda de matérias primas e produtos alimentícios. Globalmente, esta demanda elevada terá efeitos benéficos sobre as economias latinoamericanas (2) e, em muitas delas (nas economias mineiras, por exemplo) revolucionará o desenvolvimento das forças produtivas, repercutindo sobre as relações de produção. Em muitos países (o Chile, para citar o caso mais importante) a exploração mineral intensificada dá nascimento aos primeiros núcleos importantes de uma classe operária relativamente importante e que, pelas condições mesmas de exploração, revelará uma combatividade somente comparável à disposição das classes dominantes de reprimi-la.

Mas o advento do imperialismo vai significar, igualmente, que as grandes metrópoles disputarão as zonas periféricas não só como fontes de matérias primas, produtos alimentícios ou mercados cada vez melhores para seus produtos industrializados, mas igualmente como terrenos importantes para exportar seus capitais (3). O capital estrangeiro, especialmente inglês, mas também alemão e norte-americano além de outros, passará a controlar não só o comércio exterior de certos países (Brasil, por exemplo), como se concentrará em certos setores cujo desenvol-



1º CONGRESSO OPERÁRIO BRASILEIRO
Rio de Janeiro — 1906

vimento quantitativo e qualitativo está diretamente ligado ao aumento da demanda mundial: frigoríficos (Argentina), mineração (Chile) e no desenvolvimento de redes de transportes, igualmente impulsionadas por este auge exportador.

Nas minas, nas primeiras indústrias e nos serviços, especialmente transporte, energia, gás, etc (e em sua construção) se formam os primeiros contingentes significativos da classe operária. Trata-se de uma geração que é resultado não só de uma mudança no estado das forças produtivas na América Latina, mas de uma mudança que se faz sob o signo do imperialismo.

Este auge exportador, que é conjuntural pois sujeito às crises cíclicas do capitalismo a nível internacional, permitirá por seu turno a formação de um mercado interno, que em alguns casos, como o da Argentina, impulsionará as primeiras manifestações da industrialização, contribuindo para a formação de contingentes de operários industriais e isto antes do começo deste século.

Em outros países, no entanto, e este é o caso do México, o aumento das exportações vai favorecer o aumento das importações, o que frustra um processo de industrialização relativamente significativo que se dava a partir de uma sólida base artesanal, ainda que durante a ditadura de Porfirio Dias as atividades manufatureiras pudessem recuperar-se em função de um novo ciclo expansivo nas exportações (4).

De qualquer maneira, a formação da

NOTA

(2) "Em parte pelo efeito multiplicador da infraestrutura de transportes e pelo fluxo de capital estrangeiro, mas sobretudo pela aceleração do processo de industrialização e de urbanização nos países centrais, a qual infla a demanda mundial de matérias primas e alimentos, a economia exportadora latino-americana experimenta um auge sem precedentes." Ruy Mauro MARINI, Subdesarrollo y Revolución, Siglo XXI, México, 5ª edição, p. 5.

(3) Diferentemente dos créditos externos que utilizavam antes e que correspondiam antes a operações comerciais compensatórias, a função que assume agora o capital estrangeiro na América Latina é subtrair abertamente uma parte da mais-valia que se gera dentro de cada economia nacional, o que incrementa a concentração do capital nas economias centrais e alimenta o processo de expansão imperialista." Marini, op.cit, p 5.

(4) Celso Furtado, Politique Économique de l'Amérique Latine, p 80/81, Editions Sirey, 1970, Paris.

classe operária latinoamericana não se dá no mesmo ritmo que a da classe operária nos países capitalistas metropolitanos.

Sendo o capitalismo latinoamericano no em grande medida o fruto dos movimentos da economia mundial, especialmente no período imperialista, a formação da classe operária neste continente está sujeita às modificações e bruscos saltos que caracterizam a emergência e afirmação deste modo de produção nas formações sociais do continente.

Mas a história do movimento operário latinoamericano não pode se limitar ao estabelecimento destas determinações estruturais, ainda que elas sejam imprescindíveis.

O movimento operário é imcompreensível fora do quadro da luta de classes. É esta, apesar das determinações fundamentais da base econômica, é fundamentalmente um processo político.

É importante, pois, tratar de ver quais são as condições políticas que vão cercar o surgimento da classe operária e dentro de que quadro ideológico ela irá dar seus primeiros passos.

Sem que se possa igualar a todos os regimes da América Latina em fins do século passado e nos primeiros anos do presente é fundamental sublinhar o caráter comum dos distintos grupos que se encontram à cabeça dos vários estados do continente. No fundamental são representantes dos setores vinculados à exportação que tratam de fazer do aparato de estado um dócil servidor de seus interesses de fração de classe. Esta aliança entre latifundiários e setores encarregados da exportação e/ou transformação (segundo o caso) só será mais duradouramente afetada com a crise de 1929, ainda que em alguns países seu debilitamento tenha precedido de vários anos este acontecimento.

Nos países em que o controle dos setores produtivos fundamentais era exercido diretamente pelo imperialismo (Chile, por exemplo) o controle do aparelho do Estado assumia uma importância fundamental para as outras frações das classes dominantes que podiam utilizar em seu proveito o excedente retido por este mesmo aparelho de Estado, sob a forma de impostos, taxas, etc cobrados ao capital estrangeiro instala-

do no país.

Em todos os casos, salvo as poucas exceções que vem confirmar a regra a atitude das classes dominantes frente a classe operária era sumamente repressiva. Parece que certa dose de desprezo que os setores oligárquicos tinham pela nascente burguesia industrial, na maioria das vezes considerada como "parasitária", se multiplicava no que se refere à classe operária.

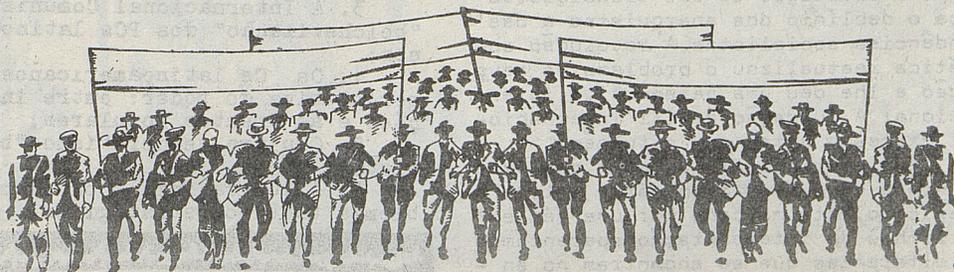
A frase que anos mais tarde o presidente Washington Luis utilizaria para expressar seu pensamento sobre a situação da classe operária e sobre suas reivindicações ("A questão social é um problema de polícia."), é sumamente reveladora.

Mas além das palavras, no entanto, estão atos de governos como os do presidente Montt, no Chile, responsável pelo assassinato de mais de tres mil operários e suas famílias, pelo exército, na Escola Santa Maria de Iquique. Estes meios de terminar greves aplicados em 1907 no Chile, se repetiriam em forma premonitória na história deste país e se multiplicariam na Argentina, Bolívia, etc.

Não é difícil deduzir, assim, que condições políticas e sociais vão presidir o surgimento dos primeiros núcleos operários. A ausência de toda e qualquer forma de proteção social impulsionará a classe à auto-organização para fins beneficentes: fundam-se as sociedades de socorros mútuos, as mancomunais, etc. Mas ao mesmo tempo, coloca-se a necessidade de formas de organização que permitam um tipo de intervenção que vá mais além do domínio beneficente. Surgem as organizações de lutas: os sindicatos, dos quais o primeiro que se tem notícia é a Sociedade Tipográfica Bonaerense, fundada na capital argentina, em 1857, os primeiros clubes, as tentativas de Partidos e uma ampla gama de publicações.

Os grandes acontecimentos da luta de classes a nível europeu no século XIX terão seus efeitos no continente latinoamericano. Refugiados de 1848, na Comuna de Paris e da repressão Bismarkiana aportarão em vários países da América e veicularão os ideais do movimento operário internacional.

Através, na maioria dos casos, dos espanhóis, a Associação Internacional



dos Trabalhadores (Primeira Internacional) dirigida por Marx, pode exercer uma certa influência na América Latina.

Em janeiro de 1872, é fundada a Seção Francesa da Primeira Internacional, na Argentina, e, seis meses depois, em carta enviada ao Conselho da Internacional seus responsáveis informam que já estão inscritos 273 membros. Funda-se mais tarde uma Seção espanhola, também com sede em Buenos Aires.

E em 1878, em Buenos Aires, é criado o Clube "Vorwärts" que edita o jornal do mesmo nome e que participará inclusive de reuniões da II internacional.

Buenos Aires, além de ser o centro mais importante do movimento operário, por suas relações com a Europa, é também um núcleo irradiador de idéias. É a partir da capital argentina que se coordenam várias iniciativas no Chile, Bolívia, Uruguai, Brasil, etc.

É compreensível este caráter cosmopolita da atividade do movimento operário que se manterá forte até pelo menos 1920, se se leva em conta que na maioria dos núcleos industriais da América Latina (São Paulo, por exemplo) a população estrangeira era enorme e, ao nível de classe operária, majoritária.

Estes operários traziam consigo de seus respectivos países não só os hábitos e uma certa capacidade técnica, mas também, em muitos casos uma certa experiência de luta, quando uma "visão de mundo".

Entre anarquistas e socialistas (alguns influenciados já pelas idéias de Berstein) o movimento operário se dividirá num debate que muitas vezes parece pouco pertinente às condições concretas da América. A maioria das publicações são feitas em línguas estrangeiras, o que dá uma idéia do perfil do movimento operário.

A grande prova que o movimento operário terá de passar, ainda está por vir. Entre 1917 e 1919 na maioria dos países, sob o impacto político e ideológico da revolução soviética, mas sobretudo sob o impacto da crise econômica mundial que repercute em nosso continente, o movimento operário se porá em marcha. Greves gerais, manifestações semi-insurrecionais, "soviets", etc.

Este esforço máximo é ao mesmo tempo o presságio de uma transição. Começa o declínio dos anarquistas e das tendências socialistas. A revolução soviética reatualizou o problema da revolução e lhe deu uma perspectiva internacional. A fundação da III Internacional expressa esta nova situação.

A historiografia escassa que existe sobre o movimento operário latino-americano, está marcada por uma série de linhas de interpretação aparentemente diferentes que se encontram no en-

tanto em um ponto comum: em conjunto elas tratam de introduzir uma racionalidade exterior aos fenômenos mesmos.

As manifestações são variadas: começando com Victor Alba, Alexander, etc, que chegam a brilhante conclusão de que o movimento operário sofre a ação perturbadora de uma ideologia "estranha" à América Latina como seria o comunismo a partir de 1917, e que isto muda as coisas.

Esta idéia de "exportação (ou importação) de ideologias" já havia sido curiosamente analisada por Vamirech Chacon (5) que busca assimilar a revolução Praiera em Pernambuco, de 1848, nada menos que com a onda de revoluções que afeta a Europa no mesmo ano.

Tratando de negar esta linha, mas preso a ela, V. Ermolaiev (6) busca mostrar que não foi a revolução russa que criou o movimento operário na América Latina, mas que este já existia antes e muito fortemente implantado. Seus antecedentes porém não são suficientes. O problema é outro. A história do movimento operário latinoamericano tem que ser interpretada a partir das condições reais da luta de classes neste continente, do exame das particularidades do capitalismo dependente e das formas específicas que assume o sistema de dominação, e, evidentemente, da incidência das idéias revolucionárias.

Esta história não é uma história de idéias e este é o erro idealista no qual muitos caíram.

NOTAS

(5) Vamirech Chacon, História das Idéias Socialistas No Brasil, Civilização Brasileira.

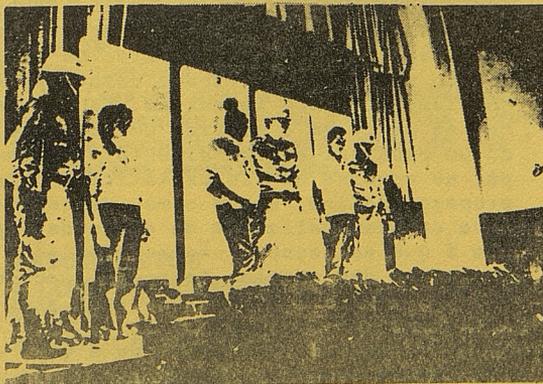
(6) V. Ermolaiev, Naissance du Mouvement Ouvrier, Recherches Internationales a la lumière du Marxisme, nº 32, 1962.

PLANO DE ARTIGOS

1. Condições de emergência do movimento operário latinoamericano: problemas históricos e metodológicos;
2. A formação dos Partidos Comunistas Latinoamericanos;
3. A Internacional Comunista e a "bolchevização" dos PCs latinoamericanos;
4. Os Cs latinoamericanos e a perspectiva do poder: entre insurreições e as Frentes Populares;
5. O ultra-democratismo "browderista";
6. A guerra fria e os novos problemas tático-estratégicos.

A AUTOCRÍTICA DE UM TRAIADOR*

Manuel Henrique Ferreira



Às vezes, ainda hoje em dia no Brasil, ao lermos um jornal ou quando assistimos à televisão, deparamo-nos com indivíduos a fazerem uma retratação de uma prática política anterior, renegando idéias e dizendo-se arrependidos, falam de um bom tratamento recebido na prisão, de inexistência de torturas e de como foram enganados ou influenciados por pessoas que, aproveitando a inexperiência da juventude incutiram-lhes idéias anti-patrióticas, levando-os à uma prática que vai de encontro a toda uma tradição ordeira e pacífica do povo brasileiro.

Eu vivi uma situação desta; fiz um pronunciamento público negando minha prática anterior e minhas idéias. E nesta condição, sinto-me em condições, por conhecimento de causa, para através deste depoimento, esclarecer e denunciar de que modo se dão estas retratações, e o porque das pessoas se prestarem a fazer tal coisa, indo contra os seus ideais (pelos quais dias antes lutavam e se achavam dispostos a dar a vida por eles), mentindo, invectivando do seus ex-companheiros, traindo.

Assim, o objetivo básico deste testemunho é o de desmistificar esses pronunciamentos, denunciar uma situação que leva as pessoas a se sujeitarem ao papel de traidores, é o que representa em termos políticos tais pronunciamentos.

PRISÃO E TORTURAS

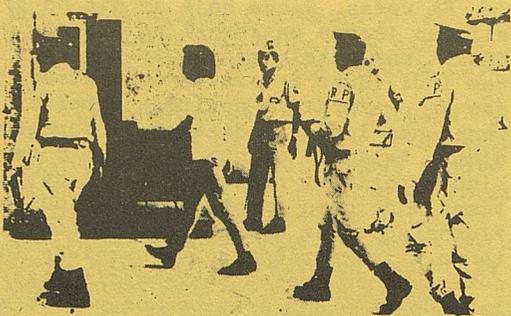
Após quase 4 anos de militância no movimento revolucionário, sendo que em grande parte desse tempo atuei clandestinamente, fui preso em maio de 1971.

Minha atuação clandestina se deu basicamente em grupos de fogo, onde participei de diversas ações armadas. Durante o tempo dessa militância, vários companheiros que atuavam próximos à mim, foram presos ou mortos pelos órgãos de repressão. Diversos companheiros depois de presos foram assassinados.

Mas embora eu soubesse de todas essas coisas, soubesse que sendo preso seria torturado, eu realmente não pensava muito nessa possibilidade e, conseqüentemente, não me preparava para ela, achava que era bastante possível que, participando de um grupo de fogo pudesse vir a ser morto, mas que as possibilidades de vir a ser preso vivo eram bastante remotas.

Assim, na tarde do dia 7 de maio de 1971, contrariando minhas previsões

(*)-Este documento foi encaminhado para Arcebispo Evaristo Arns com o pedido de Manoel para ser encaminhado a organismos que "defendiam os direitos humanos"



vi-me preso e a seguir espancado. Fui levado para o DOPS/GB, jogado em uma sala cheia de policiais, que mesmo antes de qualquer pergunta, colocaram-me no centro de uma roda e deram-me socos pontapés, e bateram-me na cabeça e no corpo todo com pedaços de pau. É este tipo de "recepção inicial" não tem outro objetivo que o de levar o preso ao desespero, não lhe dando tempo de qualquer raciocínio.

DESESTRUTURAÇÃO DIANTE DAS TORTURAS

O fato de não estar preparado para a prisão ficou demonstrado desde o instante da minha queda, quando entrei em verdadeiro pânico. Frente às torturas e aos torturadores meu estado era de um intenso terror, e isto levou-me à que passasse a ter um comportamento extremamente individualista, que se refletia no nível de colaboração que eu prestava aos torturadores. Assim, visando o fim daquelas torturas, que elas se amainassem, eu prestava informações que levavam inclusive à queda de outros companheiros. Eu deixei de pensar em todos os motivos que me levaram a ingressar na luta.

O meu único pensamento era o de livrar-me daquelas torturas e para conseguir isto, prestava-me à colaboração com o inimigo, que procurava tirar o máximo proveito da situação.

Eu não procurava uma sobrevivência política, achava que a guerra estava terminada depois da minha queda, esquecia-me completamente, tanto daqueles companheiros que foram mortos, como daqueles que permaneciam na luta, tentando levar avante a revolução. Eu passava por cima de tudo isso, apegado que estava no mais alto grau de individualismo. Individualismo esse que levou-me a ficar calado, a não denunciar, quando tive oportunidade, a morte de Stuart Edgar Angel Jones. Eu soube da sua prisão e assassinato ocorrido no CISA quando lá me encontrava, e posteriormente tive inúmeras oportunidades de denunciar este fato, mas permaneci calado, até há pouco (relatarei num tópico à parte o caso Stuart).

Quando as torturas se amsinaram, o

meu estado psicológico era deplorável. Ao mesmo tempo em que tudo fizera para livrar-me das torturas agora começava a sentir remorsos por tudo aquilo e ficava com uma contradição muito grande, pois, enquanto para conseguir uma melhoria de condições pessoais eu não hesitava em trair, agora começava a pensar o que representou essa traição, não só ao nível político, como também ao nível pessoal.

COMO SE DEU MINHA IDA A TELEVISÃO

Dada a minha colaboração com a repressão, durante os interrogatórios a partir de minha prisão, colaboração esta que se deu em cima do fato de que - não me livrar das torturas; a repressão; logicamente, notou que podia tirar um grande partido dessa situação. Não só ao nível da obtenção de informações, mas também no nível de uma propaganda anti-subversiva.

Eu não conseguia interiorizar que a cadeia, para o militante político é uma extensão, uma continuação da guerra revolucionária. E baseado nessa posição individualista, oportunista, acitei negociar com a repressão. E foi assim que, a uma pergunta, sobre se eu estava arrependido do que fizesse, eu respondi afirmativamente. Ante essa minha resposta, o "Dr. Pedro Paulo" disse que se realmente eu estava arrependido deveria demonstrar isto colaborando mais com eles e que se o fizesse, eles levariam isso em conta no tratamento que me dariam enquanto permanesse preso.

Falaram ainda que o fato de eu estar arrependido, este fato em si não me tiraria da cadeia, mas se eu fosse à televisão, e mostrasse os erros que fiz, aí sim, eu poderia sair logo da prisão. E exemplificou com o caso de outras pessoas que foram à televisão, fizeram um pronunciamento e dias depois foram soltas. Ante essa possibilidade de sair da prisão, eu não hesitei muito em aceitar, mais uma vez trair. Assim como tudo que fizera dias antes, para livrar-me das torturas, agora não vacilava em chegar aos limites da traição. Eu sabia o significado desses pronunciamentos pela televisão. Sabia que não se pretavam a mostrar um equívoco, ou um possível arrependimento, seu papel se encaixa dentro da tática contra propagandística, serve como uma tentativa de desmoralização da esquerda. Assim é que as pessoas vão à televisão fazer uma declaração, fazem-no, não no sentido de que estejam realmente arrependidas, mas com o objetivo de sair logo da cadeia. Ademais, como é que uma pessoa que dias antes, atuava in -

tensivamente dentro de uma organização pode se arrepender tão rapidamente? E leve-se em conta que no espaço de tempo que separa minha prisão do meu arrendimento, foi um tempo em que não tive oportunidade de pensar, de analisar e chegar a uma possível conclusão, que pudesse me levar a tal opção. Pelo contrário, este espaço de tempo foi vivido inteiramente sob a pressão das torturas, do choque ao conhecer uma prisão, do medo e da total impossibilidade de se pensar em qualquer outra coisa que não fosse acabar com tudo aquilo. Logo, quando me falavam do meu arrendimento, não falavam porque acreditavam nisso realmente mas sim porque isso poderia servir a eles na tentativa de desmoralizar uma bandeira porque se lutava.

MINHAS DECLARAÇÕES NA TELEVISÃO

Depois que aceitei fazer um pronunciamento na televisão, os contatos que passei a ter visavam a discutir o que eu deveria dizer. Isto que parecia ter alguma importância para a repressão, para mim não interessava muito, o que estava me interessando era o fato em si e sobre o que dizer, eu diria qualquer coisa que me solicitassem. O Major Gallo, ligado à AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência) é quem coordenava o trabalho. Ele disse-me, de certa feita, que esse pronunciamento que eu iria fazer, deveria ter como objetivo, impedir que outras pessoas ingressassem na subversão e para que eu conseguisse esse objetivo, eu deveria dirigir-me principalmente à juventude e mostrar o que é uma organização subversiva. Eu deveria dizer sobre a utilização das pessoas pelos chefes dessas organizações, sobre o assassinato daqueles que pretendem abandonar o terrorismo, e também sobre a promiscuidade que reina dentro dessas organizações. Deveria também falar sobre o bom tratamento que estava recebendo, sobre a inexistência de torturas e no final do pronunciamento deveria dirigir-me diretamente à juventude brasileira, incitando-a a não seguir o mesmo caminho que eu.

Disse-me que procurasse interiorizar ou decorar aquelas perguntas e que não me perguntariam nada além do que ali estava especificado.

DEPOIMENTOS E COMPORTAMENTO FRENTE A JUSTIÇA MILITAR

O meu comportamento inicial, tanto



durante as torturas, como no aspecto de minha ida à televisão, se refletiu diretamente no comportamento que tive ao prestar depoimentos que iriam formar processos na Justiça Militar. Assim é que, se diante das torturas eu aceitei incriminar pessoas que nem ao menos conhecia, agora este comportamento se mantinha e nem sempre sob pressão.

Mas apesar desse comportamento, dois fatos devem ser destacados: o primeiro deu-se em São Paulo, já depois de eu ter ido à televisão. Quando ali cheguei no DOI/CODI-SP (OBAN), em agosto de 1971, voltei a ser torturado, o que me causou uma tremenda desestruturação pois não esperava mais aquilo, depois de ter feito o que fiz. Em setembro, o comandante daquele estabelecimento de torturas, Major Carlos Alberto Brilhante Ustra, juntamente com o Capitão João Luiz ("Dr. José) dizem-me que vou à Auditoria no dia seguinte e que se negasse alguma coisa ou se denunciasse torturas eu voltaria diretamente para o peu-de-arara. Estas ameaças deixavam-me completamente atordoado, pois o meu comportamento até ali fora o de um colaborador e não entendia o sentido dessas ameaças.

DESCOMPROMISSOS DA REPRESSÃO

Durante os primeiros meses de prisão, principalmente nos meses que se seguiram ao meu pronunciamento na televisão, vivi sempre na expectativa do cumprimento das promessas que me foram feitas em troca da minha traição. Dessas promessas a que mais me deixava em expectativa era a de que me soltariam. As outras eu não ligava muito. E o não cumprimento delas passava-me até despercebido, pois o meu pensamento era todo voltado para o dia em que seria solto.

Além das diversas pequenas promessas não cumpridas, um outro fato merece ser relatado. Como eu respondesse a processos tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, fazia frequentes viagens entre um Estado e o outro. As escoltas encarregadas de me acompanhar, frequentemente me reconheciam como o elemento que tinha ido à televisão. E nessas ocasiões, não raras vezes, era tripudiado e vítima de chacotas relacionadas ao meu comportamento.

Com o passar do tempo, as dúvidas

que tinha acerca do não cumprimento das promessas foram-se tornando em certeza. Aquelas pessoas que antes de eu ir à televisão procuravam-me constantemente sempre com uma promessa nova, depois que fiz o pronunciamento nunca mais me procuraram.

RELACIONAMENTO COM OS OUTROS PRESOS POLITICOS

Quando saí do CISA, fui para o Regimento Floriano, na Vila Militar. Ao princípio fiquei em uma cela sozinho enquanto se encaminhavam as negociações com a repressão. Depois fui colocado em uma cela, onde se encontravam outros presos políticos aguardando julgamento. A minha chegada, relacionei-me com esses presos, sem contar-lhes que iria à televisão. Como estava ainda com alguns ferimentos e não tivera qualquer tratamento, esses companheiros trataram de cuidar desses ferimentos, deram-me roupas, pois eu estava apenas com a roupa do corpo e bastante suja e rasgada. Procuraram ajudar-me em todos os sentidos, tanto moral como materialmente.

Dias depois, descumprindo um dos tratos é levada uma televisão para a cela, onde é passado o meu pronunciamento, que fora gravado anteriormente em video-tape. Aquilo foi uma verdadeira agressão aos presos, principalmente pela surpresa e pelo fato de eu tê-los enganado, não falando nada para eles. Criou-se então um clima insuportável. Éramos 16 presos, em uma cela relativamente pequena, para a quantidade de presos que ali estavam. Era um mal estar, não só para mim, mas também para esses companheiros, que sentiam-se agredidos, tendo que conviver com um traidor.

Passados alguns dias e como eu continuasse naquela cela, cobrei do Capitão Ventura a promessa de que iria ficar em cela separada. E fiz isto diversas vezes, porém não era atendido. Certo dia o Coronel Mario de Mello Mattos fez um discurso ameaçador na cela. Falou que ali eram todos presos e ele não ia admitir que continuasse a ter discriminação entre os presos.

Dias depois do discurso do comandante daquele quartel, todos os presos são retirados da cela onde se faz uma revista. Recolhem todos os livros e proibem a entrada de novos livros; de revistas, jornais, e rádios. O Tenente Santa Rosa chegou e ameaçou espancar alguns presos. Depois dessa revista o Capitão Ventura disse que as proibições iam aumentar gradativamente até que voltassem a falar comigo.

Pouco depois os carcereiros chega-

ram à conclusão que ali havia discriminação por influências de uma pretensa liderança que insuflava o restante dos presos. Resolveram transferir alguns presos para outras unidades militares, e trazer novos presos para ali. A chegada desses novos presos não mudou o ambiente. E eu sabia disso, pois já naquela época pensava que a minha atitude seria a mesma se eu estivesse no lugar deles.

Enquanto pensava que todas as atitudes que tomei pudessem ao menos livrar-me da prisão, eu ainda aguentava a cadeia, mas quando percebi que o grau de baixaza a que cheguei não serviria para nada, o golpe foi enorme. Depois de ter lutado por vários anos, acreditando no que fazia, em poucos dias joguei para o alto, toda essa prática, abandonei minhas idéias, e agora via-me só, sem nada em que me apoiar. O jogo que eu fizera com a repressão terminara, e eu perdi. Assim como perderei nessa trajetória a amizade de companheiros e até mesmo o respeito por mim mesmo. E isso para mim tornava-se claro quando notava que as atitudes que passei a assumir não eram embasadas numa nova ideologia, isto é, eu não passei para o outro lado porque de repente vi qual era o lado certo. Eu passei para o outro lado para conseguir melhorias individuais, interesseiramente, como um mercenário.

Era uma situação desesperadora aquela em que eu vivia. Não tinha ninguém a quem pudesse me dirigir. Passava meses sem conversar com ninguém, pois não recebia visitas, já que não tinha familiares no Rio de Janeiro e minha família não tinha condições financeiras para vir me visitar. Eu achava que acabaria enlouquecendo e meu desejo era tal, que as vezes punha-me a chorar copiosamente.

O tempo passava e meu relacionamento com os companheiros de prisão não se modificava. Porém a minha maneira de encarar a realidade em que estava vivendo começou a sofrer algumas modificações. Principalmente após a conscientização que passei a ter do significado do meu comportamento. A longa solidão a que estava relegado levou-me a que fizesse uma análise de toda a minha atuação; desde o ingresso no movimento revolucionário, até aquele momento que estava vivendo. Passei a ter uma clara compreensão de que não passara de uma peça de um jogo e que colaborei ativamente nesse jogo.

As vezes em que olhava para trás, via tudo o que fizera antes de ser preso e que eu mesmo terminara com tudo pelo meu comportamento na prisão, isso me desesperava. Eu via-me como um homem politicamente morto. Mesmo porque as razões que me levaram a lutar, eu via agora, que continuavam a existir.



tir.

Por estes dias agora, quando li nos jornais a notícia da suicídio do Massafumi, voltou-me à lembrança, aqueles tempos. E eu compreendi claramente as razões que levaram Massafumi a se matar, pois essas razões eu também as possuíra e também, quantos não foram os momentos em que não via outra saída para mim, que não o suicídio.

A partir de determinado momento, quando já tinha bastante clara a minha posição dentro da cadeia, decidi enfrentar a realidade em que vivia, pois ou me matava ou enfrentaria essa situação como homem. Tinha claro que a minha pretensão de ser um revolucionário findara, o que embora não mais pudesse consertar o que arruinara, eu ainda poderia tentar viver como Homem, e não como um simples objeto, um farrapo. E para isso eu precisaria enfrentar todos os empecilhos que surgissem, e mais, deveria enfrentar sozinho. Não mais podia-me permitir qualquer concessão, ou qualquer vacilação perante a repressão.

A partir dessa tomada de posição que não foi tomada emocionalmente, pelo contrário, foi muito pensada, pois sabia que teria de enfrentar tudo sozinho e que não podia me conceder nenhuma vacilação, nenhum erro, então a partir desse momento comecei a denunciar nas Auditorias em que respondia processos, as arbitrariedades, as torturas, e assassinatos de presos políticos. Abandonei o servilismo que tinha para com os carcereiros. Procurava também, combater a tendência que tinha de às vezes cair em desespero. Passei a ficar atento nas menores atitudes que tomava.

A Fortaleza de Santa Cruz foi uma experiência da repressão, na tentativa de destruição dos presos políticos enquanto tal. E para isso foram reunidos ali, os presos que se encontravam na Vila Militar e uma parte dos que se encontravam na Ilha Grande. Desde o momento em que chegamos ali percebemos um clima de provocação. As provocações e ameaças eram uma constante durante o tempo todo em que ali ficamos. Eram um

verdadeiro laboratório, onde nós servíamos de cobaias. E o conjunto dos presos políticos que ali se encontravam, decidiu não aceitar aquela situação. E com isso as represálias da repressão aumentavam cada vez mais. Com a minha posição de também participar dessas lutas desse enfrentamento fui aos poucos sendo integrado no conjunto dos presos políticos, que embora não me aceitassem já não me deixavam completamente isolado, e sempre procuravam discutir comigo o comportamento que tivera tanto na fase de tortura como posteriormente, com minha ida à televisão. Mostraram-me a impraticabilidade de uma provável atuação revolucionária que eu ainda pretendesse, mas por outro lado, procuraram ajudar-me ao máximo, tanto material, como, principalmente, moralmente.

O enfrentamento da Fortaleza de Santa Cruz, terminou com uma Greve de Fome, levada a efeito pelos presos políticos que lá se encontravam, depois que fomos espancados e atirados dentro de uma cela, onde jogaram bombas de gás lacrimogênio. Nesta cela, de dimensões mínimas (2 metros de comprimento por 1 metro de largura) passamos oito pessoas, toda uma noite, e sob efeito das bombas de gás que foram atiradas dentro da cela. Esses fatos, que foram o ponto culminante, de uma série de provocações, ameaças, e arbitrariedades, levou-nos a que, por uma questão de sobrevivência, entrássemos em Greve de Fome. Greve essa que colocou um ponto final naquela experiência que tentaram fazer.

Depois disso fomos transferidos para a Ilha Grande, aonde então, embora com reservas, já era aceito no coletivo dos presos políticos. Reservas essas, que continuam e naturalmente continuarão, pois afinal eu fui um traidor. E também em mim, persiste e persistirá sempre as marcas deixadas pelo compartamento que tive. É algo que vou carregar sempre comigo e que inclusive, mesmo que quisesse não conseguiria nunca esquecer.

CONCLUSÃO

Ao chegar ao final deste depoimento, quero ainda procurar me situar, hoje. De início devo salientar, que quando me propus a esse trabalho, pesei muito o que ele poderia, tanto ao nível de uma repercussão como também da possibilidade de poder vir a sofrer represálias por parte da repressão, devendo a desmistificação de uma de suas armas propagandísticas. Assim é que, entendendo que o que fiz, não passou de uma utilização feita pela repressão, de um elemento que se prontificou, consciente ou inconscientemente, a ajudá-la no

combate ao movimento revolucionário.

Quando fui mostrado na televisão, o que se pretendia não era mostrar um elemento que estava arrependido do que fizera, e que encontrava agora o caminho certo. A pretenção era procurar desmoralizar a luta que se travava então. Para a repressão não importava o fato do que eu estivesse arrependido ou não, o que a interessava era, que arrependido ou não, eu me mostrava utilizável, e neste sentido, serviria como uma arma a mais a ser utilizada na propaganda anti-subversiva.

Assim, um dos objetivos básicos desse depoimento é o desmascaramento de tais pronunciamentos públicos. Serve ainda como alerta àqueles que tiverem de enfrentar situação semelhante. Aqueles que tiverem de enfrentar a repressão o que, hoje em dia no Brasil, ainda é muito comum, dado o grau de impunidade com que agem os elementos que formam os órgãos de segurança, respaldados que estão por uma política institucionalizada de opressão, torturas e assassinatos.

Quero acrescentar ainda, que este depoimento, antes de ter o sentido de uma retomada de posição revolucionária, é sobretudo e principalmente, a tentativa de um saldar de contas pessoal. Isto é, é um pagamento de uma dívida que tinha para comigo mesmo, pois entendo que a traição por mim cometida, não foi apenas uma traição revolucionária, uma traição política, ela foi também uma traição pessoal, uma traição a mim mesmo, uma traição a mais de quatro anos de uma prática na qual acreditava.

Entendo também, que este trabalho, não saldará minhas dívidas, mesmo as que tenho para comigo mesmo, pois a marca de tudo o que fiz, não se apagou e não se apagará nunca mais.

Finalizando devo acrescentar que apesar de tudo o que fiz, continuo sendo comunista, e embora traga comigo diversas limitações, dentro e de acordo com essas limitações, procurarei empenhar-me na luta pela implantação desse regime que exterminará toda a opressão, miséria e exploração do regime em que vivemos.

Observo ainda a minha disposição de estar pronto a responder pelas denúncias que aqui faço, em qualquer organismo ou tribunal que se disponha à luta pelos direitos fundamentais da pessoa humana.

MANOEL HENRIQUE FERREIRA, ex-militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), e Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Condenado a 57 anos e 3 meses de reclusão.

Presídio Político-Rio de Janeiro-1976.

MANOEL HENRIQUE FERREIRA

COMUNICADO DO M. R. - 8

Comite Seccional de Exterior

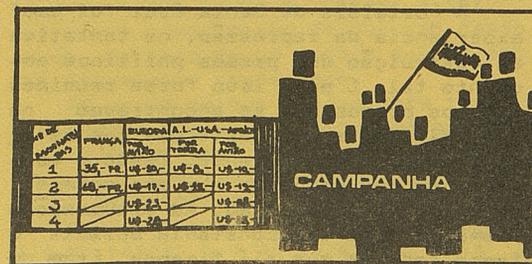
O documento escrito por Manuel Henrique Ferreira é um testemunho vivo e sofrido dos métodos que a ditadura militar, através de seu aparelho de repressão, utiliza para tentar desmoralizar as organizações revolucionárias e os revolucionários com o intuito de impedir o florescimento de qualquer movimento revolucionário e assim se perpetuar no poder. Esta denúncia do sistema de repressão, apesar de já se terem transcorrido alguns anos dos fatos narrados, permanece válida pois o sistema de repressão continua atuando e hoje em dia se ocupa de abafar o movimento de massas, em franca reanimação.

Por este documento tomamos conhecimento de como Manuel Henrique e outros mais foram "convencidos" a ir para a televisão. Ao lê-lo, vamos acompanhar o desenvolvimento das contradições a que são levados os traidores e em determinado momento somos levados a compreender o suicídio de Massafumi.

Manuel Henrique foi militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro. Preso em meados de 1971, foi selvagemmente torturado, passou a colaborar com a repressão, renegou publicamente as suas idéias e se integrou no campo contra-revolucionário. Após inquérito instaurado pelo MR-8 foi expulso da Organização, em fins do mesmo ano, por colaboração com o inimigo e traição à Revolução.

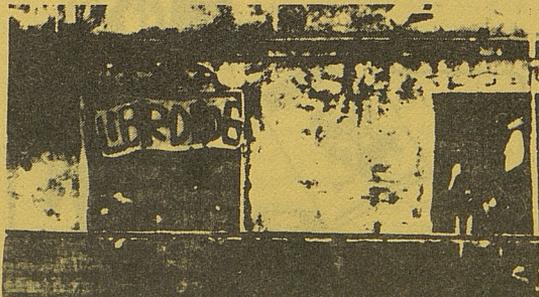
Consideramos a carta-denúncia de Manuel Henrique como positiva e devemos estimulá-lo a continuar no seu processo autocrítico. No entanto, isso não nos leva a rever nossa decisão anterior.

Dezembro de 1976



ELEMENTOS PARA O JULGAMENTO DE UM TRAIADOR

Mario Ribeiro



Em agosto de 1971, 6 militantes revolucionários brasileiros se apresentavam diante das câmaras de televisão, para denunciar suas Organizações e companheiros, para mostrar a "promiscuidade e a subversão" da esquerda, negando a existência de arbitrariedades e torturas cometidas pela Ditadura, elogiando o governo e principalmente incitando a juventude a seguir o caminho da "ordem e do progresso".

A fraqueza das Organizações naquele momento, não lhes permitiu mais do que fazer a denúncia desta traição, após reduzidas e rápidas discussões dos aspectos mais superficiais do problema. Agora, cinco anos depois, dois fatos voltam a colocar o problema na ordem do dia: o primeiro foi o suicídio de Massafumi (1) um dos "recuperados"; o segundo foi o documento escrito recentemente por Manoel Ferreira, ainda preso, autocriticando-se de sua traição do qual publicamos parte neste número.

Estes fatos voltam a trazer a discussão dos problemas de traição, dos seus móveis, da posição que deve tomar o movimento revolucionário sobre elas, da possibilidade de impedi-la, da possibilidade de aceitar a autocritica de um traidor.

UM HEROISMO MAIS OU MENOS SUICIDA

A atmosfera política que se vivia nas organizações militaristas em 70/71, era o resultado de uma imensa vontade de lutar, em contradição com as suas limitações políticas. Enquanto os militantes, após o Ato-5 se colocaram a necessidade de passar à ação armada direta, a "um nível superior de luta", os setores operários e estudantis que se haviam jogado a luta no ano de 1968, entravam em um momento de desmobilização. Os sucessos econômicos punham em um segundo plano as contradições interburguesas e neutralizavam parcelas da pequeno-burguesia. Isto ia permitir que uma repressão seletiva caísse sobre as lideranças do movimento e sobre as organizações revolucionárias. Após as primeiras vitórias, não se torna difícil a Ditadura isolar e golpear as organizações armadas. E as Organizações revolucionárias optando pelo combate frontal, ou pelo isolamento doutrinário, em lugar de buscar acumular forças procurando implantar-se nas massas, terminou por criar as condições para que a Ditadura desse seus golpes com sucesso.

Em 1971, a maior parte das Organizações militaristas já haviam sido golpeadas pela repressão. Muitas delas terminaram por ser atingidas de morte como a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), ou escaparam por pouco do aniquilamento físico como o Movimento Re-

volucionário 8 de Outubro (MR-8) Era um ambiente de extrema tensão e de isolamento social. A vida da maioria dos militantes consistia em ficar escondidos em apartamentos, sem trabalhar, sem o mínimo contato social, esperando o próximo assalto a banco, ou o próximo sequestro de embaixador. No princípio se expropriavam bancos com o objetivo de financiar as Organizações e preparar as condições para combates superiores (o lançamento da guerrilha, o ataque a objetivos militares). Depois o cerco fora apertando e veio a necessidade de dinheiro cada vez maior, simplesmente para manter as Organizações, caindo-se na política de expropriar para poder "sobreviver". As Organizações armadas perdiam assim a iniciativa. Toda sua preocupação passava a ser tentar cortar a cadeia de prisões, mudar de locais, esconder os materiais políticos e as armas, em suma ... se defender.

Neste ambiente, se respirava um ar de heroísmo mais ou menos suicida, que evidentemente não podia durar muito tempo. Não se via saída para situação, pouco a pouco as discussões se limitavam aos problemas logísticos, aos problemas de segurança. Dos elementos que passaram por esta experiência, apenas uma minoria conseguiu sobreviver este período mantendo sua militância (e as limitações políticas de muitos deles, os levaram a uma autocrítica radical de renegar a própria luta armada e retornar a política reformista). Uma boa parte dos militantes dessa época foi liquidada fisicamente ou ainda está nas celas da Ditadura. A maior parte, caída em uma desmoralização mais ou menos profunda, abandonou qualquer militância política.

Manoel Ferreira, levou ao limite máximo possível, este processo de descomposição política e desmoralização, iniciado pelas próprias condições de isolamento social impostas pela opção militarista e agravadas em progressão geométrica durante sua experiência de cárcere e de tortura.

A TORTURA MAIS DO QUE O FISICO VISA O CEREBRO

Um dos objetivos mais importantes da tortura é humilhar e aniquilar a personalidade dos que a sofrem. Em primeiro lugar isto é um meio de obter informações, segundo, isto visa desmoralizar o adversário, criar a desconfiança entre os militantes, mostrar a "força e invencibilidade da repressão". Deste modo ela não busca agir apenas nos que são torturados, mas visa também contribuir para o isolamento das organizações, assustando os elementos mais inexperientes, dificultando seu recrutamento e mostrando a organização

como um risco para os elementos que se aproximam dela.

A tortura mais do que o físico, visa o cérebro. Para atingi-lo todas as técnicas são boas: a violência física que age sobre o instinto de preservação física, o elemento "sexual", que busca agir sobre a moral do torturado, a desorganização da capacidade de adaptação do homem buscando inserir sempre um elemento "inesperado" que desorganize a sua capacidade de raciocinar. Vigilar as mulheres em frente a seus companheiros, deixar os prisioneiros dentro de uma cela sem espaço, com luz exígua, aonde um grande número de prisioneiros despedidos são obrigados a urinar e defecar no chão aonde dormem, não são simples atos de sadismo; colocar o prisioneiro em uma sala escura, a prova de ruído, dando-lhe comida fora de ritmo (dando-lhe de comer várias vezes em um pequeno número de horas e depois passando dois dias sem dar comida) fazendo-o perder a noção de tempo, quebrando o ritmo de vida e impedindo que se crie outro, tudo visa introduzir o elemento insegurança e dificultar a ação do cérebro, evitar o raciocínio.

Depois acentuar o isolamento social: "Tua organização está destruída, teus companheiros te traíram, só tu és que és bobo e continuas a negar ... tu estás sozinho, não adianta resistir!"

"Tua organização está destruída". Esta frase tão repetida em tantas conjunturas, não podia ter o efeito destruidor que teve senão nas condições de isolamento que estavam as Organizações revolucionárias. As Organizações estavam isoladas do movimento social, para os militantes elas se identificavam, coincidiam com a revolução. Se as Organizações estavam destruídas, era a revolução que estava destruída, não havia portanto porque resistir. Acontece radicalmente diferente se a organiza-

AS S INE CAMPANHA



ção e parte de um movimento social. Primeiro é muito difícil atingir a Organização, segundo, ele é parte de um movimento social que não pode ser destruído. Além do comprometimento com uma determinada Organização, está o comprometimento com o movimento em seu conjunto. E se o militante tem um mínimo de formação política ele compreenderá que não está sozinho, ou mais do que isto, que ele continua em luta. nas condições, e provavelmente seus companheiros estarão aproveitando sua prisão para ampliar a denúncia, para aprofundar a consciência do movimento. Mas para isto é necessário e decisivo que ele mantenha uma atitude de combate.

O problema do isolamento da esquerda não age apenas no torturado. Age também no torturador. Nestas condições o torturador pode não ter medo, agir de maneira racional e coerente, na medida em que pode enganar a si mesmo, dizendo que sua ação ficará impune. Numa situação de ascensão da revolução, o torturador chega a ter medo do torturado e se justificar perante ele. E não precisa muito para que isto ocorra, basta ver a repercussão que houve nos próprios torturadores brasileiros quando foi divulgado no Brasil as ações de represálias das massas portuguesas em relação aos PIDES, imediatamente após o 25 de abril. Muitas informações vieram das prisões brasileiras sobre as mudanças de comportamento dos torturados e inclusive comentários destes sobre o que acontecia em Portugal.

Outro elemento decisivo para compreender como existiam condições favoráveis para que a tortura fosse um elemento desmoralizador, é compreender-se a despolitização que afetava as Organizações militaristas tanto no que tange a formação política, como no que tange ao debate político no seu interior. Isto se refletia nas próprias orientações para o comportamento na prisão que elas davam. Inicialmente era simplesmente "não falar, resistir até a morte". Posteriormente, quando isto se mostrou ineficaz, a orientação passou a ser a de não falar durante um certo tempo (no qual seriam tomadas medidas de defesa da Organização). Ambas as orientações faziam do militante um elemento passivo: não lhe cabia pensar, es tutar atentamente as informações que a repressão já tinha, procurar trabalhar com alibis, refazê-los e melhorá-los conforme o quadro fosse ficando mais claro, em suma, travando um combate de inteligência e não permitindo que desorganizassem seu cérebro, de maneira que, inclusive, pudesse suportar melhor a tortura. O papel reservado ao militante, era simplesmente esperar o tempo passar, esperar parar a tortura, esperar, talvez, que a sua Organização o tirasse da prisão através de um se-

Nem sempre se faz o que se quer*
nem sempre se pode
porisso estou aqui
olhando-te e sentindo tua falta

porisso é que não posso
despentear-te o topete
nem ajudar-te com a prova dos nove
nem metralhar-te a pelotas

tu sabes que tive que escolher
outros brinquedos
e que os brinquei a sério
brinquei por exemplo de ladrão
e os ladrões eram policiais
e brinquei por exemplo de esconder
e se te descobriam te matavam
e brinquei de mancha
e era de sangue

moleque ainda que tenhas poucos anos
acho que devo te dizer a verdade
para que não esqueças

porisso não oculto que me deram choques
que quase me arrebatam os rins
que todas as chagas inchações e feridas
que teus olhos redondos

olham hipnotizados
são duríssimos golpes são botas na cara
demasiada dor para que te ocultes
demasiado suplício para que eu esqueça

questro. O militante mesmo... não tinha nada a fazer.

Pode-se compreender o quanto a tortura é, para a Ditadura, uma forma de combate político, quando se verifica até aonde seus efeitos foram racionalizados e estudados pelo aparato repressivo. Os serviços de inteligência não precisaram muito tempo para compreender o ciclo da evolução psíquica do prisioneiro.

O primeiro momento era de surpresa. Aí golpeavam seu cérebro, procurava sacrificar o militante, num momento em que este não tinha ainda equacionado a situação em sua cabeça. Através da agitação, os torturadores procuravam então identificar este sacrifício à luta a uma luta infrutífera: atividade revolucionária=sacrifício. Mais do que isto, procuravam identificar os sacrifícios à Organização ou mais precisamente ou mais precisamente aos erros deste aos erros desta, e que este sacrifício podia ser reduzido colaborando com os interrogadores. A repressão ap

rece então não como inimigo, mas como aliado. É a Organização revolucionária a causadora de todos os males.

Mas esse esquema só pode funcionar em um lapso de tempo. Após, com o contato com outros prisioneiros, com o tempo, mais cedo ou mais tarde o militante começa a esclarecer o problema. Começa a relocalizar quem é o seu inimigo e começa a ver a necessidade de se organizar, mesmo dentro da prisão, para resistir a este inimigo.

Para impedir que o ciclo se completasse passaram a tomar algumas medidas: primeiro a de soltar os "menos perigosos e menos firmes" no momento de maior desmoralização, o que serve também para reduzir a repercussão da onda repressiva. Soma-se ao susto, uma conferência com os familiares, e se terá o elemento vacinado por um bom tempo contra a atividade revolucionária. Com o correr do tempo as dificuldades de contactação de sua Organização pelos riscos que isto significa, darão tempo para que o elemento reorganize a sua vida e dê uma resposta individual para seus problemas (isto é claro facilitado pela origem social pequeno burguesa). Em relação aos "perigosos": quebrá-los o mais possível, tentar dobrá-los, procurar obrigá-los a trair, e com isto dificultar sua atividade revolucionária futura.

É claro que também este esquema só funciona bem em condições de descenso e de isolamento das Organizações por - que além de dificultar a tortura, de reforçar ideologicamente o militante, no caso de situações de implantação de massas, e de uma mínima mobilização, a liberação do prisioneiro se identifica com a pressão e se mostra como uma vitória das massas sobre o aparelho policial. Sua libertação não se mostrará neste caso como uma "boa vontade" da repressão, mas de que ela não pode mantê-lo por muito tempo e impunemente pois corre riscos de se desgastar politicamente. Isto é verdade também nos momentos de descenso, ainda que neste caso não se mostre de maneira evidente e imediata.

Para aqueles que lutam contra a Ditadura, seria extremamente importante entender de uma forma mais profunda os mecanismos psicológicos, sociais e políticos que fazem com que alguns se despedacem frente à pressão da tortura enquanto outros mostram-se aí mais firmes do que eles próprios esperavam. Para esta discussão, aqueles que passaram pelas câmaras de torturas têm uma responsabilidade especial em dar seu depoimento. Além de que nos seria extremamente útil ter notícias dos outros quatro raidores (além do Massafume e de M. Ferreira), do que pensam, o que sentem e o que fazem. Isto nos serviria entre outras coisas para saber

que vida a Ditadura reserva aos seus "colaboradores". Mas quem sabe

Mas quem sabe, também deles não ouviremos falar brevemente?

TRAIÇÃO OU ERRO POLITICO

A extraordinária debilidade ideológica de M. Ferreira e outros traidores fica evidente se vermos que das se não milhares das pessoas que passaram por experiências semelhantes, muito poucas foram as que se prestaram ao jogo feito pela repressão, e raríssimas de maneira tão profunda e total. Poderíamos citar exemplos inversos de extraordinária resistência e profundidade ideológica ante as torturas como o de Bacuri, que na mesma época morreu estraçalhado pelas torturas sem dizer uma palavra; ou o de Manoel da Conceição que perdeu uma perna, que sofreu violentas torturas e que nunca perdeu as esperanças na luta revolucionária, até que a Ditadura foi obrigada a libertá-lo ao final de uma Campanha Internacional que durou anos.

Se estudarmos atentamente o que ocorreu nas prisões, neste período poderemos verificar que de fato foi uma pequena minoria que "falou", e a grande maioria na pior das situações não fez senão confirmar e assinar depoimentos feitos pelos torturadores.

Aqui cabe ressaltar um problema: julgamos de maneira diferente dois tipos de comportamento; os que "falam" porque querem "livrar a cara", os que se dispõem a colaborar, negociar, dando informações que servem a repressão para golpear o movimento em troca de não serem torturados ou de outros favores; que por outro os que mantendo um comportamento combativo, negando-se a colaborar, terminam por cometer erros políticos nos seus depoimentos, que permitem a repressão, a partir deles bloquear o movimento.

As limitações da esquerda tenderam a se refletir no segundo tipo de erro: as falhas de estanquização das



informações que circulavam dentro das Organizações tornavam possível que um elemento que vacilasse, ou que traísse, pudesse dar muitas informações à repressão. Do mesmo modo que o isolamento social, a ausência de uma "vida normal" (legal) ao lado de sua militância, impediam ao militante ter uma "estória", um "alibi" para contar a repressão, que desviassem os interrogatórios para fora das atividades políticas. Soma-se a isso a falta de preparação, ou a preparação equivocada para o comportamento na prisão e se tem uma enorme base para que sejam cometidos erros na condução do depoimento.

Mas, o erro político, facilmente pode ser diferenciado do comportamento de colaboração, aonde existe uma aliança com a repressão, aonde o prisioneiro passa para o lado do inimigo no combate que este desenvolve contra o movimento.

Quando se julga um militante que na prisão forneceu informações à repressão é fundamental se analisar portanto, além do peso dessas informações e dos danos e consequências que elas tiveram, a linha de conduta do militante e se se agiu de erro político ou de um ato de traição.

Mas poderia-se ainda argumentar, que mesmo sendo traidor, ainda neste caso, em última instância, a responsabilidade seria de sua Organização, a qual aceitou um elemento frágil em seus quadros.

Em realidade isto é verdade. Os critérios de recrutamento são decisivos para impedir, ou pelo menos reduzir as possibilidades de existência de traidores nas Organizações. E sem dúvida é evidente o grau de responsabilidade das Organizações militaristas, na medida em que seus critérios de militância não eram apoiados em um comprometimento com o movimento de massas, com uma formação política marxista, mas apenas num vago sentimento antiterrorista e na disposição de combate. Mas constatado este fato, não teremos outra conclusão a tirar senão a de propor-lhes como autocrítica a de depurar-se, aprofundar a formação política de seus militantes, ser mais rígida em seu recrutamento, e não, como parece concluir alguns, diluindo ainda mais, "aceitando" suas debilidades, "perdoando" as irresponsabilidades em seu seio.

Outro aspecto que caberia ainda ressaltar é que é necessário quebrar esse caráter mítico que se dá a Organização como se esta fosse algo exterior aos seus militantes. A responsabilidade da Organização não é outra coisa senão a responsabilidade comum e coletiva de seus militantes, e como tal ela não é algo diferente e separada da responsabilidade individual.

mas também é bom que saibas
que teu velho calou
ou puteou como um louco
o que é uma linda forma de calar

teu velho esqueceu todos os números
(porisso não pode ajudar-te na tabuada)
portanto esqueceu todos os telefones
as ruas e a cor dos olhos
os cabelos e as cicatrizes
em que esquina que bar
que parada que casa

e lembrar-se de ti de tua carinha
ajudava-o a calar
uma coisa é morrer de dor
outra coisa é morrer de vergonha

porisso agora me poder perguntar
e sobretudo eu posso responder

nem sempre se faz o que se quer
porém se tem o direito
de não se fazer o que não se quer

chora moleque
são mentiras que os homens não choram
aqui choramos todos

gritamos berramos fungamos
resmungamos maldizemos
porque é melhor chorar que trair
porque é melhor chorar que trair-se

chora
mas não esqueça

(*) "HOMEM PRESO QUE OLHA SEU FILHO"

POESIA DE MARIO BENEDETTI

PODE SER ACEITA A AUTOCRITICA DE UM TRAIADOR?

A "punição" de um traidor - expulsão, denúncia pública, ou em caso mais grave justificação - é uma questão essencialmente de efetividade da luta revolucionária. Ela serve para dar exemplo, para combater as vacilações dos combatentes, para amedrontar o inimigo, para depurar o movimento revolucionário e suas organizações e reforçá-las ideologicamente. Não se trata aqui "de uma punição" por uma "falta" ou um "crime" como faz a justiça burguesa, mas uma necessidade de combate. Não é um princípio filosófico, mas uma necessidade política.

ca (que é inclusive contraditória com o nosso princípio filosófico de que 'todo homem é fruto de suas "condições de existência")'.

Se todo homem é fruto de suas condições de existência (e ele só transforma a si mesmo quando transforma as suas condições de existência) o homem não tem "pecados originais" e portanto pode superar seus erros e suas limitações. Numa sociedade comunista as cadeias e a polícia não têm lugar. Um erro (o crime para o burguês) em lugar de ser punido pelo isolamento social, é ao contrário, superado por uma maior integração social e contralado pela coletividade. Em lugar de "punido o crime", se superam as razões e se eliminam as armas do crime (não pode haver roubo se não existe propriedade privada e miséria, não há porque haver assassinatos se não existe competição).

Assim, ao nível filosófico, evidentemente, pode ser aceita a autocrítica de um traidor.

Mas nós lutamos em condições capitalistas bem concretas e para modificar as "condições de existência" e cumprir nossos objetivos, somos obrigados a partir delas e atuar com instrumentos contraditórios e que nem sempre são os nossos. Ainda que sabemos que o burguês ou o policial seriam inofensivos (e mesmo deixariam de ser burgueses e policiais) se lhes tirássemos a propriedade dos meios de produção e das armas, o fato é que hoje eles defendem esta propriedade e como tal somos obrigados a lutar contra eles.

Não é esta a mesma contradição lutarmos pela paz usando as armas contra os inimigos da paz? Estas contradições não estão em nós, mas não podemos evitá-las pois elas são fruto e parte da sociedade capitalista e é partindo delas que a destruiremos.

Assim, politicamente, não podemos aceitar a autocrítica de um traidor, ou melhor só podemos aceitá-la dentro de determinados limites.

Em primeira instância devido as necessidades de luta ideológica é necessário impedir a desmoralização da traição, os seus elementos geradores de desconfiança e decomposição moral, de reforçamento da moral do inimigo, etc. Em segunda instância é necessário impedir seus efeitos ao nível militar, de desorganização do movimento, pelas informações que ela propicia ao inimigo, pelas provocações e desorganização que pode originar na atividade revolucionária, etc.

Mesmo que realmente se verifique uma autocrítica de um traidor é necessário deixar claro a irreduzibilidade dos revolucionários perante a traição, para que isto sirva de exemplo. Mas principalmente ao nível dos possíveis riscos de segurança deve se tomar to-

das as precauções.

É tradicional por parte da repressão a utilização de traidores como meio de infiltração no movimento revolucionário com todas as consequências catastróficas que isto pode ter. E é fundamental tomar todas as providências para impedi-la.

É praticamente impossível saber quando realmente se trata de uma autocrítica, na medida em que toda demonstração de "disposição combatente", de "coragem", pode ser um ato forjado pelo aparelho de repressão (4).

Nestas condições seja pela necessidade de exemplo, seja pelas necessidades de segurança, não se pode reabilitar totalmente um traidor.

Neste sentido o que nos cabe, quando um elemento que traiu desenvolve um processo autocrítico, é contribuir ao aprofundamento deste processo, é discutir, apoiar e orientá-lo nos combates que se propõem a levar, sem aceitá-los nas organizações e atividades clandestinas, sem aceitá-lo em cargo de direção e como liderança.

Mas a sua reabilitação total só pode se dar em uma situação futura, onde o elemento que traiu não possa mais fazer nenhum mal à revolução, devido à força que esta já adquiriu. Situação esta que dificilmente poderá se verificar antes da tomada do poder pelo proletariado e de iniciativa deste na destruição das forças da reação. Caberia ainda ressaltar que isto não se dá por nossa vontade e que a responsabilidade dessa situação é fruto exclusivo da sociedade capitalista.

DEFENDER MANUEL FERREIRA

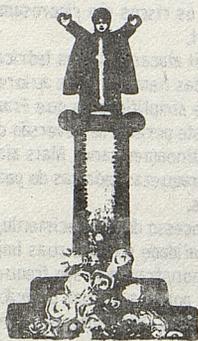
Nestes marcos é que podemos definir uma posição em relação a M. Ferreira, dar-lhe condições de participar da luta, usar sua autocrítica para nossa propaganda ideológica e denuncia da Ditadura, sem porém dar-lhe acesso as estruturas clandestinas do movimento.

Mas não ficam aqui nossas tarefas. Aonde mostramos nossa disposição de recuperar aqueles que realmente se propõem a uma autocrítica, está a defesa de sua vida contra as represálias que possam haver por parte do aparato repressivo em razão do seu documento autocrítico.

A defesa da vida de M. Ferreira será ainda uma demonstração de que a revolução só considera o povo pobre e seus representantes - e nunca a Ditadura, sua justiça e seu aparato repressivo - como tendo direito de julgar os traidores do povo pobre, os traidores da revolução.

NOTA

(1) Ver artigo "As razões de um suicídio" em Cadernos de Campanha nº 3.



F. H. CARDOSO E A CRITICA CRITICA DA TEORIA DA DEPENDENCIA

M. Garcia

Quem pensar que o "socialismo ex cathedra" morreu depois das impiedosas críticas que lhe foram dirigidas por Engels no fim do século passado, está enganado. Ele está vivo e muito vivo. Quem duvidar pode ir ao Boulevard Arago, sextas-feiras pela tarde e sábados de manhã para assistir o curso de Fernando Henrique Cardoso no IEDES no qual o sociólogo brasileiro faz seu "ajuste de contas" com a teoria da dependência para cuja elaboração ele contribuiu em outras eras.

Não espere escutar uma "autocrítica" de Fernando Henrique, no entanto. Ao contrário: o ouvinte rapidamente ficará sabendo que Cardoso "já naquela época" tinha "as suas dúvidas" sobre o que escreviam os "dependentistas" (ele incluído) feita a ressalva, passará a escutar acerbas críticas aos que em fins dos anos 60 e começo da atual década tentaram levar adiante a reflexão sobre a natureza das sociedades latinoamericanas.

Nosso crítico será implacável e em seu discurso estará sempre presente "a pena da galhoia", ainda que nunca embetida "na tinta da melancolia", como no precedente ilustre.

Escutando muitas das afirmações de F. H. rabisquei num pa-

pel algumas observações que, pensei, poderiam animar certa discussão em algum momento do "exposé". Desisti, no entanto. Quando o estudante levantou o dedo e começou a fundamentar sua pergunta, Fernando Henrique, um pouco impacientemente, pediu-lhe que fosse breve pois quem fazia o "exposé" era ele, F. H., e que, portanto, "fixava as regras do jogo". A citação é textual e, por questão de honestidade, devo acrescentar que foi feita em forma cordial. Para mim, no entanto suficientemente desencorajante. Minhas observações não eram simples dúvidas, objeções de alguma profundidade, especialmente porque apontavam para os problemas políticos que estavam subjacentes no discurso de Cardoso. Ora, maio 68 já passou e preferi não assumir o papel de "contestador" ou simplesmente "em merdeur".

Fernando Henrique trata de matéria que tem não só significação teórica, mas, igualmente política. Os erros e deformações em teoria não são de "per se" graves (as bibliotecas estão cheias deles); em política, no entanto, tem graves consequências. E como é nosso professor quem chamou a atenção para a relação que existe entre a "teoria da dependência" e a política, tratemos de analisar os conteúdos e as implicações de algumas de suas afirmações.

A QUE HERANCA RENUNCIAR?

F. H. afirma em algum momento de seu "exposé" que a herança teórica da revolução cubana foi nefasta para América Latina e cita como "prova" a obra de Régis Debray. A afirmação pode ter seu efeito pois, hoje, passados mais de 10 anos de "Revolução na revolução?" quem terá coragem de reivindicar a defesa destas teses que fizeram correr tanta tinta (e sangue) nos idos de 60. O próprio Debray se encarregou há três anos (1) de pôr a lápide sobre sua própria tumba.

Mas a afirmação é antes de tudo ardilosa. Pois trata de meter no saco do "debrayismo" toda a herança na revolução cubana e isto é falso e não faz mais do que confundir as coisas.

No plano estritamente tático-estratégico é evidente que os escritos de Régis Debray tiveram uma influência decisiva na segunda metade dos anos 60, mas é falso que eles tenham sido a única alternativa política para a esquerda latinoamericana que se inspirava na revolução cubana neste período e mais falso, ainda, que não tenham sido objeto de contestação neste período. Bastaria lembrar, para só citar um caso, da crítica feita à "teoria do foco" por Clea Silva, (2) pseudônimo de uma conhecida "dependentista" que teve ampla circulação naquele período nos meios de esquerda do Continente.

Mas é mais descabida, ainda, a tentativa de amalgamar das posições dos "dependentistas" com as do então jovem filósofo francês em comissão de serviços na América Latina.

Qualquer um que tenha lido e não apenas ouvido falar nos escritos de Debray se dará conta que as "lições" que ele tira da revolução cubana são muito particulares e vão na direção contrária, pelo menos em um aspecto fundamental, conclusões que muitos militantes e sociólogos "esquerdistas" (a expressão foi utilizada por Cardoso em sua aula) haviam chegado a partir da vitória do Movimento 26 de Julho.

Se é certo que Debray parte do suposto da instabilidade total das sociedades latinoamericanas para justificar o papel do "foco" como simples catalizador de uma potencialidade revolucionária latente e funda suas expectativas no pequeno motor de partida de um amplo processo revolucionário, não é menos certo que ele revela um olímpico desprezo (e o expressa) pela natureza mais profunda das sociedades latinoamericanas neste período, considerando como estéril a discussão sobre o tema. Que importa, pois, para Régis Debray em 1965 discutir sobre o carácter da revolução, como o faziam muitos revolucionários depois de janeiro de 1959. O importante era fazer a revolução. (3)

Fazer que revolução, no entanto. Muito simples: começemos a fazê-la que ela se perfilará por si só por si só. A estratégia não precede a tática; ela é filha da tática. A estratégia nasce da boca do fuzil.

Isto existiu? Claro que sim.

Que tem a ver com os "dependentistas" e os "esquerdistas" que Fernando Henrique critica?

Nada, ou praticamente nada.

E claro que é fácil fazer amalgamas com um "chlen crevé" como é hoje o debrayismo. Mais difícil é tratar de pensar a efetiva ruptura que a revolução cubana provocou no pensamento social latinoamericano, os dogmas que ela varreu e o impulso que ela provocou no plano da teoria.

O SENTIDO DA CRITICA A GUNDER FRANK

Fernando Henrique quer nos fazer esquecer o que estava em jogo no começo dos anos 60 e para tanto apresenta de maneira deformada o verdadeiro núcleo da discussão naquele momento.

Tudo se passa como se a polêmica houvesse descambado para a bizantina problemática de saber se havia (ou tinha havido) feudalismo na América Latina, o que, na sua opinião, significava dar um passo atrás nas discussões que haviam sido propostas pela CEPAL até então.

Ora se é correto apontar para as graves simplificações que contém os escritos de Frank desta época, especialmente no que se refere a generalização de teses que são específicas para o período colonial (4), é falso afirmar que o autor de "O desenvolvimento do subdesenvolvimento" coloca falsos problemas ou problemas irrelevantes.

Até um estudante do secundário se dava conta que por trás da discussão do "feudalismo ou capitalismo" estava colocada o problema do carácter das sociedades latinoamericanas e do carácter da revolução. Frank e os trabalharam em direções semelhantes não estavam polemizando com moínhos de vento, como pretende Cardoso, mas com a concepção hegemônica até os anos 60 na América Latina: a de um continente "dual", cujas contradições fundamentais eram entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações feudais e semi-feudais existentes no campo, e entre a "nação e o imperialismo". E este "dualismo" não era só nem principalmente o defendido por Jacques Lambert (5) mas, fundamentalmente, o "nec plus ultra" da estratégia dos Partidos Comunistas durante décadas, a única alternativa significativa de esquerda existente no continente.

A esta visão de uma sociedade "dual" cuja etapa de transformação socio-política era "agrária, anti-imperialista e democrática" os militantes e intelectuais "esquerdistas" começaram a opor uma outra na qual se definia a inviabilidade de uma etapa nacional-burguesa e se colocava que a revolução seria socialista ou "caricatura de revolução". Mais tarde os fatos demonstrariam que Guevara havia sido mesurado em sua frase. A realidade acabou por demonstrar que a revolução seria socialista ou abriria caminho para a contrarrevolução.

Em todos os casos, no entanto, aparecia a impossibilidade de uma etapa nacional burguesa, anti-imperialista e democrática, como fluiu das teses "dualistas" que Frank e outros fustigaram. A burguesia estava condenada a ser o que sempre foi: "lumpemburguesia" e não só por "falta de consciência" de classe" como afirma Cardoso, mas porque a dinâmica da luta de classes no Continente a condenaram na época das revoluções proletárias (Lenin) a associar-se ou a desaparecer no turbilhão destas revoluções. E a lei das associações tem suas regras.

Seria bom, assim, que Fernando Henrique enfrentasse frontalmente a discussão. Se ele critica os dependentistas "esquerdistas" por negar o papel da burguesia nas transformações revolucionárias da América Latina de hoje, que diga claramente que papel cre que estas burguesias terão.

Seria ridículo estar em desacordo com a tese de que o "desenvolvimento capitalista está bloqueado hoje na América Latina" como critica corretamente F. H. Cardoso (6); mas é perigo

so afirmar como corolário da negação desta "tese equivocada" (7) outra de que a burguesia está chamada a desempenhar um papel na derrubada do atual estado de coisas.

A passagem de Fernando Henrique para o MDB nos últimos anos, não terá sido a materialização prática desta ilusão teórica?

TEORIA E POLITICA

Foi o próprio Fernando Henrique que chamou a atenção para o carácter político da discussão sobre a "teoria da dependência". Estamos todos de acordo, pois, e não precisamos aprofundar este tema.

Mas é necessário tirar todas as consequências desta afirmação. E isto no plano teórico e no plano político.

Fernando Henrique, que tanto critica Régis Debray, parece ter adotado deste, a tática da guerrilha. Mas de uma guerrilha na qual os riscos são rigorosamente pequenos: a guerrilha intelectual.

É fácil atacar posições teóricas débeis e que não são mais defendidas nem por seus autores. É fácil opor-se as generalizações e simplificações que Frank, Marini e outros cometeu - ram neste período de reversão de tendência no pensamento político latinoamericano. Mais ainda, é útil e necessário que todas as fraquezas teóricas do pensamento revolucionário sejam atacadas.

O processo do conhecimento, especialmente do conhecimento da realidade social e suas implicações no campo da praxis, nos demonstram que são frequentes as dissociações entre a justeza política de uma posição e a correção científica de seu fundamento. No limite esta contradição acaba por comprometer a justeza mesma, o que nos demonstra que ciências e política não podem andar separadas, ainda que possam provisoriamente desencontrar-se e que esta marche mais rápido que aquela.

Não basta porém denunciar as "abstrações" e "generalidades" que a "teoria da dependência" produziu na América Latina e fazer apêlos genéricos "ao concreto". (9)

Colocadas num momento de inflexão político e ideológico da história latinoamericana, estas generalidades, ainda que pecando por falta de rigor, deram conta de alguns problemas fundamentais aludindo a toda uma série de questões básicas. São um ponto de partida sobre o qual deverá exercitar-se a mais implacável crítica. Mas a crítica que seja verdadeira superação, passo adiante, e que não nos reenvie a uma problemática que caducou nos anos 60 e que hoje muitos tratam de repor em suas bases.

A relação crítica tem, assim, ineludivelmente que explicitar seus supostos políticos. Fernando Henrique não pode mais limitar-se à sua guerra de guerrilhas que tem no malarbarismo semântico a arma principal. Nós o chamamos para uma guerra de posições.

NOTAS

- (1)-La Critique des Armes (2 vol.) - éditions du "œil"
- (2)- "Los errores de la Teoría del Foco" - Monthly Review (selección en castellano)
- (3)-"Revolution dans la révolution" (e outros escritos) - Petite Collection Maspéro
- (4)-Ver a respeito a observação de Ruy Mauro Marini, Dialéctica della Dependencia, ETLA, Mexico
- (5)-cf. "Os dois Brasis"
- (6)-Autoritarismo e Democratização, Paz e Terra
- (7)-iden
- (8)-Esta relação tratei de enfatizar em O Sabio e a Política, Brasil Socialista n. 4
- (9)-Seria mais fértil que Cardoso prosseguisse o interessante projeto que ele começou a desenvolver com Enzo Faletto em DESARROLLO Y DEPENDENCIA EN AMERICA LATINA, Siglo XXI, México.

Estas notas pretendem responder à solicitação dos companheiros de CADERNOS DE CAMPANHA para que interviesse na discussão acerca das questões programáticas. Me limito no entanto a chamar a atenção para aspectos que me parecem os mais importantes hoje nesse campo.

O PONTO DE PARTIDA

Comparto o ponto de vista dos companheiros que recusam "partir do zero". Afinal, se o movimento comunista tem a característica de, para avançar, ser sempre obrigado a efetuar uma permanente auto-crítica, é justamente para manter a linha de continuidade com seu legado, sabendo digerir suas experiências e aquisições anteriores. Não haverá avanço programático no Brasil que não assuma e ajuste contas com nossas heranças, com as sistematizações mais avançadas do marxismo que se corporificaram em determinadas Organizações. Comparto por isso mesmo as posições de Organizações como o MRB de um lado, o MEP do outro, que assumem como ponto de partida os referenciais dados pelo Programa Socialista para o Brasil - elaborado pela Política Operária em 1967 e aprovado pelo PDC em 1968. E me remeto quanto a isso às observações do camarada Tovar contra os que, pretendendo uma originalidade absoluta terminam incapazes até mesmo de contribuições elementares para a superação de nossas debilidades teóricas. "Não recolhendo o acúmulo teórico-político da esquerda proletária, não consolidando os seus inegáveis e fundamentais acertos, não apontando precisamente suas insuficiências e erros, os resultados não podem ser outros senão a substituição da crítica rigorosa pelos comentários genéricos e superficiais." ("L.A. Tovar", "Crítica ao Programa Socialista para o Brasil", in Brasil Socialista nº 2º.

Há companheiros que apontam legitimamente a existência de outros textos - artigos sobre questões da revolução brasileira, teses sobre as tarefas dos revolucionários, etc - que sob vários pontos de vista se mostram mais avançados que o PSB. Mas tomar o PSB como referencial básico não significa negar as aquisições parciais que já o superaram. Tomá-lo como referencial básico é reconhecê-lo como o texto programático (portanto abarcando o conjunto dos problemas) que foi e expressão de toda uma corrente da esquerda

QUESTÕES PROGRAMÁTICAS DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA



revolucionária e que, em sua globalidade teórica, mais avançou na definição das características da luta revolucionária em nosso país.

Isso não significa evidentemente que o avanço das definições programáticas possa se dar por um simples trabalho interno de correções ao "PSB". A sua estrutura, a sua própria forma de colocar as questões, são o resultado das limitações da Organização que o produziu. A crítica a esses aspectos globais só pode ser feita a partir de outro ponto de vista, de referenciais de outra perspectiva prática. Essa outra perspectiva prática, que supera o doutrinário, nos leva e levará a colocar outras questões e de outro modo.

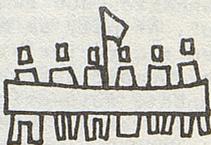
O PROGRAMA QUE SE NECESSITA

Que tipo de programa necessita atualmente o movimento revolucionário brasileiro? Se observarmos as diferenças de objetos tratados, de estrutura e até de estilo entre diversos programas elaborados pelo movimento comunista (O Manifesto de 1848, os programas da Social Democracia clássica, o do POSDR, o do PC da China etc, etc), veremos que elas não se devem apenas a que uns sejam melhores que outros mas principalmente a que a conjuntura histórica lhes colocava problemas diferentes e de diferentes maneiras.

Em todo programa podemos identificar uma parte mais genérica de definição das características da revolução proletária, como resposta ao desenvolvimento capitalista: com isso se procura dar os critérios fundamentais de classe que distinguem os revolucionários proletários de todas as outras correntes políticas. É uma parte mais específica que se refere às tarefas que a revolução coloca para o proletariado e a vanguarda comunista numa etapa determinada e num país em particular.

O conteúdo e a forma mesmo de um programa variam segundo o momento histórico em que surgem, em função da etapa do desenvolvimento capitalista (e das tarefas "objetivas" que coloca), do grau de desenvolvimento político do proletariado e de seus aliados (e portanto das tarefas que pode se dar a vanguarda proletária) e, num outro nível, do contexto ideológico onde surge (sua linguagem, suas ênfases, sua forma estão em relação com o nível de assimilação existente das teses revolucionárias, do caráter das teses burguesas e pequeno-burguesas a serem combatidas, etc).

É certo que são as partes mais es-

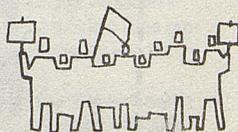


pecíficas do PSB - particularmente as referentes às tarefas dos comunistas - as mais débeis e que mais exigem uma reformulação. Isso não quer dizer que as outras não padeçam de defeitos mais ou menos graves. Mas é que as limitações nestes aspectos mais específicos nos remetem ao seu "pecado original", aos limites da perspectiva doutrinária que o informou. Ele foi o instrumento de um movimento de propaganda ideológica da revolução socialista no Brasil contra as ideologias nacionalistas dominantes e cumpriu um papel nesse sentido. Mas hoje o que se trata é de elaborar um programa que seja a referência teórica básica de um movimento que assume com todas as suas consequências a prática social. Quer dizer, o programa revolucionário deve ser ao mesmo tempo a expressão de uma vanguarda proletária em processo de unificação e o instrumento ideológico para essa coisa. Nesse sentido ele deve refletir os grandes problemas teóricos colocados pela sua prática e ser o guia para seu enfrentamento. Por isso mesmo sua elaboração deve marcar todo um processo coletivo e não pode ser visto nos estreitos limites da prática intelectual, e esta só poderá ganhar toda sua eficácia ao apoiar-se num movimento político enraizado na prática viva do movimento operário.

A elaboração desse programa deve ser feita pois a partir da crítica do PSB e da colocação de uma nova problemática, à luz das experiências do movimento revolucionário brasileiro e das aquisições teóricas do movimento comunista internacional. Neste texto procuramos sobretudo avançar observações acerca do PSB.

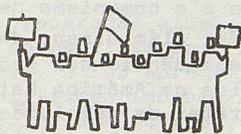
A ESTRUTURA DO PROGRAMA

O PSB consta de 6 capítulos. O primeiro, "A luta de classes em escala internacional" expõe o caráter da época aberta com a revolução russa, as transformações do imperialismo, características do "mundo socialista", da periferia subdesenvolvida, das características da revolução mundial e da revolução na América Latina a partir da revolução cubana. O segundo, "A luta de classes no Brasil", caracteriza o desenvolvimento capitalista e a revolução no país. O terceiro, "Por um Brasil Socialista", aponta o significado da revolução socialista em nosso país. O quarto, "Por um Governo Revolucionário dos Trabalhadores" apresenta um plano político para a luta contra o poder burguês. O quinto, "As tarefas da vanguarda" coloca a necessidade do partido e uma política para seu desen-



volvimento. O sexto, "A guerra revolucionária" define o lugar da guerra de guerrilhas numa estratégia de insurreição proletária.

O CARATER DA REVOLUCAO PROLETARIA



A parte internacional do programa' visa sobretudo explicar o caráter da ' revolução proletária. Mais do que apre- sentar um panorama da "situação inter- nacional" - o que levaria a perder-se' nas filigranas de uma conjuntura cambi- ante - se trata aí de definir a revolu- ção proletária. É seria falso pensar ' que tal questão já esteja resolvida ' desde o Manifesto Comunista de 1848. As condições mesmas da revolução proletá- ria estão em evolução desde então, com o surgimento do imperialismo, a revolu- ção russa, sua degenerescência, a cons- tituição de um "campo socialista", a vitória de outras revoluções, todas as transformações tecnológicas, novas di- visões internacionais do trabalho e ' mesmo as alterações nas relações de ' produção e estrutura de classe. Poris- so é que se altera também, com o desen- volvimento histórico, a linha divisó- ria que distingue os revolucionários ' proletários de todas as outras corren- tes políticas e ideológicas. É esse o espírito do capítulo I do PSB que esta- beleceu sem dúvida em seus aspectos ge- rais um critério marxista adequado pa- ra orientar-nos frente às contradições principais no mundo de hoje. Mas penso que há um aspecto cuja superficialida- de já é evidente. Trata-se da caracte- rização do mundo socialista.

Quase 60 anos depois da la. revolu- ção socialista vitoriosa e após as no- vas experiências socialistas, não pode- mos continuar satisfazendo-nos com as caracterizações razoavelmente justas ' das oposições comunistas (sobretudo ' Trotsky) dos anos 30. Continuar refe- rindo-se à degenerescência burocrática como se fôssem fenômenos puramente su- per-estruturais e passageiros não for- nece nenhuma base científica para a- viar a dinâmica dessas sociedades, a di- nâmica das lutas de classe no mundo de hoje e as próprias características da revolução socialista com sua particu- lar forma de luta de classes.

Diz o PSB que "Apesar das diferen- tes condições existentes nos distintos países socialistas, todos eles têm em comum a abolição da velha sociedade ex- ploradora e seu desenvolvimento no sen- tido de uma sociedade socialista. Esta sociedade socialista integral ou comu- nista só pode vencer em escala mundial".

Supõe-se que se essas sociedades não ' conseguem avançar em direção ao socia- lismo integral e ao comunismo é porque, ainda não lograram derrotar o capita- lismo em todo o mundo. Mas aqui cabe ' uma pergunta: um regime como o soviéti- co visa alcançar o socialismo e o comu- nismo ou justamente se trata de um sis- tema constituído sobre a usurpação do poder proletário e que visa manter uma nova forma de opressão sobre o proleta- riado?

Afirmar que se trata de sociedades onde "se constrói o socialismo" e ao ' mesmo tempo afirmar que há um "controle burocrático" sobre os "Estados operá- rios" é manter-se em uma contradição ' que só se mantém como caracterização ' provisória. A contradição reside em ' que "construir o socialismo" não pode ser outra coisa além de "construir as formas de controle da produção (e do consumo) pela população trabalhadora". Porisso a caracterização de "sociedades socialistas com controle burocrático" têm sentido ' mas sempre referindo-se a uma situação de equilíbrio instável. Se não é assim caíremos na concepção de que o socia- ' lismo consiste na nacionalização da e- conomia (que de resto é a concepção e- conomicista dominante no revisionismo ' soviético). Há que se estudar como es- se estamento burocrático consolidou ' seus próprios interesses, adaptou a su- per-estrutura política e ideológica pa- ra protegê-los e como essa super-estru- tura afetou as próprias relações de ' produção.

Ainda que não se exija de um pro- grama a caracterização de cada uma das formações sociais existentes no globo' (nem teria sentido), o fato de que a degenerescência soviética se encontra' de algum modo generalizada na maioria' do chamado "mundo socialista" nos o- briga a ir além das generalidades côm- das e já vazias. Porque justamente tor- na-se necessário compreender as caracte- rísticas das lutas de classes após a tomada do poder, as características ' dessas sociedades e portanto da revolu- ção proletária em nossa época. Trata- se de uma árdua tarefa teórica, mas não creio que tenha sentido hoje avançar ' algum programa sem enfrentá-la.

DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA E LUTA DE CLASSES NO BRASIL



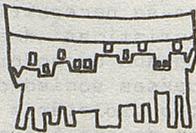
O capítulo II do PSB apresenta a dinâmica da sociedade brasileira e a natureza da sua revolução. Podemos me- mo dizer que a dinâmica da sociedade ' brasileira é tratada de modo a permitir

o esclarecimento do caráter da revolução. Apontando o caráter capitalista do desenvolvimento econômico e do Estado, o programa logra refutar as teses então dominantes de uma revolução burguesa no Brasil.

Mas se o tratamento dado pode ser suficiente para descartar as teses da revolução burguesa e para afiançar a tese da revolução socialista no Brasil, ele é evidentemente insuficiente para a compreensão da dinâmica particular do capitalismo brasileiro e das características específicas da revolução socialista no Brasil. A acumulação capitalista no país nestes últimos 5 anos evidenciaram as debilidades da visão que nos informava. Não pretendo neste momento discutir os fundamentos de uma proposta alternativa, mas só chamar a atenção para o fato de que a superficialidade da exposição do PSB não permite que se tenha uma visão geral clara da estrutura de classes do país. (ver a esse respeito, seja o artigo já citado de Tovar, seja o de Henrique Lima em Brasil Socialista nº8 sobre o Programa Socialista).

Mas do mesmo modo que o tratamento da dinâmica da sociedade brasileira em função da exposição do caráter socialista da revolução empobreceu a análise daquela, deu a esta a aparência de uma decorrência natural das leis do desenvolvimento sócio-econômico. Mas a revolução socialista não está inscrita na lógica do desenvolvimento capitalista, ainda que arranque dele suas condições de realização. Para não confundir as coisas e nem para apresentar a revolução socialista como um processo já em curso (ou "latente" sob a superfície da realidade social), sua exposição deveria se deslocar para outra parte.

O CAMINHO DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA



Penso que toda a exposição sobre a revolução proletária no Brasil teria que sofrer uma alteração de sua própria articulação.

Já vimos que o capítulo sobre as lutas de classe no Brasil contém uma parte que, a rigor, deveria transferir-se para esta. Além disso, o capítulo. III- "Por um Brasil Socialista"- não está isento de equívocos. Ele apresenta, de um modo simples e claro e concretizado para o Brasil, a teoria marxista sobre o significado da revolução socialista, sobre a necessidade da vitória revolucionária para alcançá-la e da ditadura do proletariado para conduzi-la em direção ao comunismo. Tudo

isto está, em si mesmo, muito bem. Mas desde que o socialismo, longe de ser um novo tipo de sociedade, não pode ser mais que a etapa inferior do comunismo, que só se realiza em escala mundial, teria sido mais adequado e esclarecedor deixar as explicações sobre o socialismo e o comunismo na parte internacional. Além disso, dada a estreita interdependência dos processos revolucionários na América Latina, melhor seria tratar da revolução socialista em nosso país como um elemento de um fenômeno continental.

E ao falar da revolução socialista no Brasil, já apresentá-la em sua forma nacional, vale dizer, como a via própria de resolver o conjunto das contradições produzidas pelo desenvolvimento capitalista no Brasil. Isso significa apresentar a revolução socialista no Brasil como um processo de resolução da contradição inerente ao modo de produção capitalista, mas já imbricada num sistema complexo de contradições que se apresentam sob a forma de "questão agrária"; questão nacional", "reivindicações democráticas", etc..

Isso na verdade já se articulava com o que atualmente no PSB aparece o capítulo IV, "Por um Governo dos Trabalhadores".

O capítulo IV busca aplicar a metodologia dos "programas de transição" da tradição bolchevique para o caso do Brasil. Quer dizer, partindo da situação atual - não revolucionária - propõe uma forma de enfrentá-la cuja dinâmica deve levar a uma solução revolucionária. "Ao combater a ditadura de um ponto de vista de classe - combatendo as bases econômicas do poder opressivo - amadurecemos as condições sociais para a revolução dos trabalhadores."

O 1º problema que se coloca é que, na verdade, com um receio de cair numa concepção etapista, o PSB termina em uma solução cômoda: passa por alto as diferenças entre as reivindicações "de transição" (que devem responder às questões atuais na dinâmica do socialismo) e as diretamente socialistas. Porque, afinal, combater as "bases econômicas do poder opressivo", não é outra coisa mais do que combater o capitalismo. Poderia ter algum sentido a afirmação de que o combate presente ao capitalismo acumula forças para a revolução. Mas para isso seria indispensável esclarecer que tipo de combate hoje amadurece as condições para o combate revolucionário de amanhã. Senão, não se distingue o que é a revolução daquilo que é sua preparação.

Mais ainda, posto que o PSB não apresenta a luta contra a forma presente de opressão política - a ditadura militar - como uma luta específica que prepara a revolução socialista;

posto que a forma que encontra para caracterizar o "ponto de vista de classe" no combate à ditadura é a da luta contra suas bases econômicas; podemos considerar que ele introduz em germen de economicismo e uma fuga à luta política a partir das questões presentes.

Toda a ênfase na preparação atual da revolução é posta na mobilização das suas forças sociais. O PSB apresenta a tarefa da mobilização independente da classe operária, dos outros trabalhadores da cidade e do campo, de frações da pequena burguesia. Mas se a perspectiva da mobilização da classe operária aparece clara, não se pode dizer o mesmo do resto, sem dizer que o resto é caracterizado de modo sumamente superficial (fruto da pobreza na análise da estrutura de classes do país). Além disso não há nenhuma clareza acerca do modo pelo qual a classe operária pode liderar outras classes, camadas ou frações de classe. É como se bastasse o seu dinamismo próprio para arrastar seus aliados. Ainda que esse dinamismo e o arrojo na luta contra o regime sejam uma condição indispensável, não é menos certo que a conformação de um bloco revolucionário sob hegemonia proletária implica na elaboração de uma plataforma de lutas no qual um conjunto de problemas sentidos por todos os setores explorados e oprimidos da população receba uma formulação revolucionária. Constituir um bloco social revolucionário não é simplesmente lograr a movimentação de diferentes setores sociais por suas reivindicações ou por "apoio às lutas do proletariado": é mobilizá-los a partir de suas reivindicações e de uma forma tal que convirjam ao lutar contra o mesmo inimigo e por uma mesma solução política. Quando um objetivo político proletário se coloca objetivamente na sociedade como a forma de satisfazer as reivindicações populares é porque a hegemonia proletária se está exercendo de fato.

Finalmente uma última questão neste ponto. A "guerra revolucionária" parece como um capítulo a parte, ao final do programa. Por isso mesmo fica-se sem saber como ela se deve articular com o resto. E ela só tem sentido no interior desse capítulo que deveria tratar do caminho da revolução. É onde se trata do programa da revolução socialista no Brasil (sua articulação com tarefas democráticas e anti-imperialistas), das reivindicações de transição (o governo revolucionário dos trabalhadores), do bloco social revolucionário e do papel de uma plataforma de lutas que o coesione, é aí que deve entrar a questão da guerra revolucionária.

Essa parte transcreve uma combina-

ção de foco guerrilheiro como o ato final da insurreição urbana. A importância da guerra de guerrilhas é fundada na continentalização da luta e no potencial existente no campo e isso me parece ainda absolutamente justo. Não cabe ao programa tratar das condições específicas em que ela se põe na ordem do dia nem suas formas concretas, embora evidentemente devam substituir a formulação foquista que lá está por uma que vincule as formas armadas de luta ao próprio desenvolvimento das lutas de massa.

PELA FORMAÇÃO DO PARTIDO DA CLASSE



"A formação de um partido revolucionário que lidere a classe operária será resultado da assimilação do programa e das concepções de luta defendidos atualmente pelo Partido Operário Comunista pelos setores mais combativos do proletariado brasileiro. Simultaneamente será fruto do amadurecimento do conflito latente entre as bases e as lideranças nas organizações reformistas tradicionais e nas correntes centristas que se formaram nas lutas internas verificadas na esquerda. O Partido Operário Comunista acelerará essa formação na medida em que elabora e se empolha pelo programa proletário da revolução socialista, na medida em que propaga na luta diária o caminho revolucionário dos trabalhadores, na medida em que dirige seus esforços para a organização do proletariado como classe independente, na medida em que inicia o combate revolucionário ao poder burguês".

Se transcrevo toda essa parte é porque creio que aí está, com relativa nitidez, uma concepção muito enraizada e responsável por muitas derrotas.

O primeiro equívoco, exageradamente evidente, não merece mais do que ser assinalado: imaginar-se que a formação do partido proletário no Brasil se formaria pela expansão daquela pequena Organização que formávamos em 1968 com tão escassa representatividade na classe.

Mas ainda que se tratasse de uma Organização bem mais poderosa, teríamos diminuído o grau do nosso sectarismo mas não o teríamos eliminado. Porque aí se trata de uma concepção vanguardista, elitista, da relação vanguarda-classe. A classe só ganha maturidade ao assimilar as concepções elaboradas pela vanguarda externa. O que é que garante a justeza de tais concepções elaboradas fora de sua luta? 56'

mesmo a prática da luta de classes, que vai transformar a classe, sua vanguarda inicial, que vai também produzir uma nova vanguarda, é que vai, finalmente, testar e transformar as próprias concepções iniciais de qualquer vanguarda.

E finalmente, nas tarefas que se assigna o POC para acelerar a formação do partido, é significativo que fale da sua atividade de propaganda e de organização dirigida para a massa de um lado, e de outro fale - na mais pura concepção foquista - de iniciar o combate revolucionário contra o poder burguês. Só falta aqui uma coisa - e é o essencial! - : o enraizamento para buscar dirigir as lutas das massas.

Nessa parte aparece ao fim as proposições - justas - para uma frente da esquerda revolucionária. No PSB elas ficam infelizmente neutralizadas pelo baluartismo anterior.

UMA DECLARAÇÃO POLITICA



Dadas as características que penso deve ter um programa na etapa atual e

dado o pouco acúmulo político que temos para isso, creio ter deixado claro - só falta agora tirar a conclusão - que não me parece o momento para elaborar já um novo programa. Mas estou sim de acordo com os companheiros que procuram avançar nesse sentido através de discussões e elaborações parciais que contribuem para ele. Aí o perigo a ser evitado é o de estabelecer falsas linhas divisórias em torno a questões secundárias, ou de perder-se em questões para as quais ainda não acumulamos o suficiente para enfrentar bem.

O justo, penso, seria hoje elaborar uma Declaração Política que enfrente as questões decisivas para a constituição e desenvolvimento dos revolucionários no Brasil: etapa atual do Desenvolvimento Capitalista no Brasil, o caráter da Ditadura e a situação das classes trabalhadoras, a constituição do bloco social revolucionário, a plataforma de lutas para o período e seu significado, as tarefas da unificação proletária e de suas lideranças, as tarefas da unidade dos revolucionários e de construção partidária.

Raul Villa - Dezembro 1976

UMA MANIFESTAÇÃO EXEMPLAR PELOS PRESOS POLITICOS

jour é
so de arté
plidaris
pour les
prisonni
ers p
olitiques
bresiens

Dia 30 de janeiro próximo passado, realizou-se no Restaurante do Cinema La Clef, uma Exposição de Arte de Presos políticos brasileiros e o lançamento de um livro (uma pochete) com reproduções de seus trabalhos. Além da Exposição, foi realizado um debate sobre problema dos prisioneiros políticos, passado um filme sobre "a delinquência infantil" no Brasil além de se contar com um stand de materiais políticos brasileiros e vendas de comida e bebidas típicas. Todo o dinheiro levantado na festa, assim como na venda do livro, deverá reverter diretamente aos prisioneiros políticos com o fim de apoiar suas lutas, encaminhar seus processos e de cobrir as suas necessidades materiais mais imediatas assim como de suas famílias.

A jornada, tanto pelos seus objetivos como pela forma, terminou por adquirir o conteúdo de uma manifestação exemplar. Cerca de 1500 pessoas (foram vendidos convites) passaram pelo local onde uma boa parte de brasileiros muito dos quais (senão a maioria) composta de estudantes que até o momento se mantinham marginais às atividades da colônia. Este fato por si só deve ser um elemento de reflexão aos setores da esquerda brasileira, que tradicionalmente limitam a sua atividade aos debates ideológicos e problemáticas da esquerda, abstendo-se de intervir nesta parcela da colônia que já de algum tempo mostra uma disposição de resistência a Ditadura.

lógicos e problemáticas da esquerda, abstendo-se de intervir nesta parcela da colônia que já de algum tempo mostra uma disposição de resistência a Ditadura.

A outra experiência que deve ser tirada é que o sucesso da jornada é fruto de ter-se levado a cabo uma atividade política mais concreta e combativa do que os apelos gerais a resistência a Ditadura, a solidariedade, ou como tem se dado mais recentemente, pelos apelos vagos e gerais manifestos de apoio aos "movimentos de anistia no interior" (leia-se apoio aos movimentos de cúpula pela anistia como o movimento de mulheres pela anistia), ou as manifestações de parlamentares e da oposição burguesa). Restringindo-se a esta atividade, se abdica sistematicamente de, ao lado da propaganda da Anistia, se propor objetivos mais concretos como o apoio a luta dos presos políticos (como o caso desta campanha) ou das formas combativas de resistência como as greves estudantis pela libertação de prisioneiros, ou das petições vindas das oposições sindicais.

A atividade de cúpula, ao colocar a Anistia como uma palavra de ordem imediata, e consequentemente contar-se com quem aparentemente tem forças hoje para leva-la a frente (isto é os setores de oposição burguesa), em lugar de levar uma política combativa relativa ao problema da libertação dos presos, e que sirva de acumulação e organização de forças para a resistência este tipo de prática somente tem servido para manter a política de resistência no campo da atividade de seita, ou nos marcos da política burguesa e pequeno burguesa.

A "Exposição", ao contrário, realizou muito mais do que se tinha realizado em mais de um ano de atividades. Ela apresenta um caminho e aponta um dado novo na atividade de exterior. Agora o que cabe é tirar as experiências ou recuar aos gabinetes, às palavras de ordem genericas (que não podem sair do campo da propaganda) e a oscilação entre o reboquismo a política da oposição burguesa, ou a prática de seita, as quais grande parte da esquerda, mesmo falando em "luta popular e luta de massas", tem se dedicado.

A ONDE VAI A ESPANHA ?

hugo ribeiro



UNA SITUACAO CATASTROFICA

"...as empresas esgotaram suas reservas e não podem tolerar nada que afete a produção".

Com este comentário, os patrões da região basca expressavam seu pessimismo diante da grave crise econômica que vive a burguesia espanhola desde a morte de Franco. Em verdade, este comentário reflete a preocupação das classes dominantes diante de um governo que se encontra impotente face a um movimento de massas que se radicaliza dia a dia.

Esta crise econômica não é somente devida aos reflexos da atual recessão econômica internacional que agrava ainda mais a situação de um país dependente como é o caso da Espanha. Ela reflete sobretudo o fracasso do modelo de desenvolvimento capitalista elaborado pelos tecnocratas da Opus Dei nos anos 60.

Seria absurdo negar que a Espanha conheceu transformações sociais profundas a partir da década de 60 tais como: crescimento da população urbana, aumento do nível de vida médio, industrialização de certas regiões, desenvolvimento do ensino, etc. Mas seria muito mais absurdo não perceber que estas transformações foram permitidas graças à super-exploração imposta às classes trabalhadoras, ao subdesenvolvimento de certas regiões rurais (como Andaluzia e Galicia que forneceram uma abundante mão-de-obra barata garantindo assim uma acumulação acelerada do capital), aos apelos sucessivos ao capital e à tecnologia estrangeira, a organização sistemática da emigração e ao desenvolvimento do turismo, estas duas constituindo uma das principais fontes de capital para a economia espanhola.

Mas os tecnocratas não contemplan em seu modelo dois fatores determinantes que terminariam por despertar os patrões de seus belos sonhos: Por um lado, a recessão generalizada da economia capitalista repercutindo num país dependente como a Espanha na queda dos investimentos estrangeiros, no retorno dos imigrantes e na crise da indústria turística. Por outro lado, no ressurgimento de um poderoso movimento operário. E é deste segundo fator que dependerá todo o desenvolvimento da situação política no próximo período.

O FIM DO « MILAGRE ECONOMICO ESPANHOL »

A fins de 1973 quando a crise generalizada da economia capitalista já começava a evidenciar sua presença, a emigração espanhola começa a se ressentir: 100.000 emigrações até 1972 e

20.000 somente para o ano de 1975, provocando um aumento do desemprego sem precedentes. Apesar de não haver dados oficiais contabilizados, as estimativas mais otimistas vindas dos meios governamentais preveem um milhão de desempregados e um possível crescimento destes no próximo período.

A indústria turística por sua vez, viu suas receitas financeiras sofrerem uma queda importante em função da amplitude da crise econômica nos países europeus e da ampla campanha desenvolvida por setores da esquerda espanhola exilada. A taxa inflacionária oficialmente prevista é da ordem de 17% num momento em que o crescimento industrial se estagnou. A agricultura ainda que em graus diversos foi também golpeada pela crise econômica. Se juntarmos ainda as quedas constantes da bolsa financeira e a fuga massiva de capitais (80 à 90 milhões de pesetas nos últimos seis meses) provocado pela crise política que vivem as classes dominantes hoje em dia, poderemos verificar a gravidade da situação política e os grandes confrontamentos entre patrões e operários que se aproxima.

A SOLUCAO DA CRISE ECONOMICA E DE ORDEM POLITICA

Se o regime nascido da guerra civil espanhola sempre foi contestado pelas classes trabalhadoras, nos últimos anos ele já vinha sendo desprezado mesmo pelos setores mais dinâmicos da burguesia espanhola e internacional. A presença da ditadura franquista estimulava a organização e politização do movimento de massa e sua resistência encaixada a este movimento não fazia que radicalizar as reivindicações econômicas e políticas das massas oprimidas. A possibilidade de um enfrentamento político e suas consequências foram claramente percebidas pelos setores mais dinâmicos das classes dominantes que passam a partir deste momento, a exigir formas políticas no sentido de "institucionalizar" e "redemocratizar" a ditadura.

A necessidade de "redemocratizar" a ditadura é uma condição imprescindível para as classes dominantes preservarem seu reino. As concessões políticas que a burguesia está disposta a fazer não são um fruto da vontade de uma oposição liberal democrática ao regime mas sim e sobretudo, o resultado de longos anos de organização e combate independente das classes trabalhadoras. É se a opção escolhida pela burguesia são os estreitos caminhos de "redemocratizar" a ditadura, isto deve-se à fragilidade das organizações políticas



Burgueses.

Não foi exatamente esta a tarefa que se propôs Carlos Arias Navarro, chefe do primeiro governo de Juan Carlos? Toda a operação de "redemocratização" consistia num primeiro momento em permitir a monarquia de conquistar um mínimo de legitimidade; permitir a organização dos partidos burgueses e sociais-democratas e prepará-los para os enfrentamentos políticos, que se anunciavam inevitáveis, e finalmente, não permitir que o PCE e as organizações de esquerda revolucionária aproveitassem a fraqueza momentânea do regime.

Mas as rupturas e concessões políticas implícitas nesta primeira tentativa de "redemocratização" do regime mantinham-se ainda presas às fortes tradições franquistas. Os homens do velho aparelho franquista, habituados como estavam aos seus altos privilégios, não aceitaram a menor tentativa de reforma. Os partidos burgueses e sociais-democratas não viam chegada a hora de se comprometer com um regime que não apresentava rupturas significativas e que continuava fortemente contestado pelas classes trabalhadoras. Mas foi principalmente o movimento operário que demonstrou não estar disposto a negociar a "redemocratização" proposta e que precipitou a queda deste primeiro governo. Lembremos que uma das primeiras medidas do governo Arias Navarro tinha sido a de bloquear os salários tentando desta forma reeditar o plano de estabilização dos tecnocratas dos anos 60. A resposta do movimento operário foi significativa: greves locais e gerais se multiplicaram convergindo em reivindicações por aumentos salariais colocando desta forma o governo numa crise profunda.

Em 1975, as convenções coletivas assinadas correspondiam à 1.800.000 trabalhadores. Porém, mais de 1.000.000 trabalhadores foram submetidos às arbitragens em função da impossibilidade de chegar-se a acordos entre operários e patrões. A maioria das convenções e arbitragens devem ser resolvidas neste outono. Os ataques permanentes contra as vantagens adquiridas pelos trabalhadores (principalmente pela alta inflação) não permitiram que os trabalhadores renunciem às suas reivindicações em troca de umas poucas concessões políticas.

Neste ano, 900 convenções foram assinadas e correspondem a 2.300.000 trabalhadores (mais de 380.000 empresas). Mas a metade não foi homologada.

da . ou seja, mais de 120.000 empresas afetando mais de 1.000.000 continuam em conflito. Entre estas empresas figuram os grandes monopolios (Chrysler, Standard Electric, Hispano-Olivetti , etc).

Diante de uma situação assim grave, os patrões tentam dissociar as reivindicações políticas, das lutas operárias nas empresas. O patronato espanhol estaria disposto a trocar um pouco mais de liberdades políticas por uma maior compreensão de seus problemas financeiros pelo proletariado espanhol. Recentemente a voz dos interesses patronais se fazia ouvir através do semanário Cambio 16: "...nos anos 50 e 60 uma estabilização significava disciplina nas impostas desde cima... Mas quem pode seriamente hoje pensar que se possa tentar um bloqueio dos salários sem sentar-se em uma mesa de negociações... Sem a cooperação do mundo sindical não é possível de aplicar um programa de estabilização. O ponto de partida está em um compromisso político. Em uma economia democrática pode se chegar a uma de estabilização negociada. Mas em uma economia autoritaria e de inspiração franquista, isto seria impossível, porque ela voaria em pedaços em pouco tempo".

A radicalização do movimento operário mostrou ainda aos setores esclarecidos da burguesia, a necessidade de fazer concessões de ordem econômica e política. As direções reformistas operárias compreenderam também esta situação, e a sua maneira se prepararam para aproveitar a oportunidade.

Em março de 1976, após as mobilizações de massa em Vitória, as formações burguesas, democrata-cristãs e operárias reformistas (PSED e PCE) formam a Coordenação Democrática. Seu projeto é de negociar com o governo a "ruptura democrática", ou seja, a transição pacífica para uma democracia representativa e se possível, sem mobilização de massas.

Em julho, um governo de transição é formado. Adolfo Suarez pretende preparar os quadros institucionais que permitirão a formação de um Estado forte, moderno, de tipo europeu e dotado de uma "certa legitimidade democrática". Neste sentido, Adolfo Suarez apresenta um projeto de "reforma política" que visa transformar o regime em uma democracia representativa, preparando um Executivo forte que poderá se apoiar num quadro institucional que prevê os impasses da situação política e social. Este projeto que foi submetido a um referendun no último dia 15/12 teve o privilégio de demonstrar as contradições existentes no seio da Coordenação Democrática, aonde as formações burguesas começam a ver chegada a hora de romper o "longo caminho" percorrido a-

té o momento com o movimento operário.

Se as formações burguesas alinharam-se durante um período ao movimento operário formando inclusive uma "Frente anti-fascista" (para fazer um paralelo com a realidade brasileira) foi fundamentalmente em função da necessidade de ganharem tempo para se reestruturarem politicamente e rebaixar o nível de exigências e reivindicações do movimento operário buscando desta maneira quebrar a resistência do aparelho franquista e preparar a "redemocratização" da ditadura. Hoje, com os primeiros passos dados na "redemocratização" e com a radicalização crescente do movimento operário, esta aliança começa a se tornar o principal obstáculo para a burguesia.

Frente a esta manobra é que se pode entender que um dos mais direitistas PCs do mundo como é o espanhol, adote uma tática "esquerdista" de boicote ao referendo, propondo abstenção e, ameaçando utilizar métodos e formas de lutas extra-legais e extraparlamentares... caso PC seja excluído das negociações que marcam o processo de institucionalização do regime. A teoria inventada pelos PCs de que o "boicote" só é aceitável às vésperas da insurreição é simplesmente deixada de lado. Mas aqui também temos divergências. Não cabe usar os métodos extra-parlamentares... para reforçar e alargar a democracia-burguesa. Cabe usá-los para aumentar a organização do proletariado e a sua resistência ao processo de institucionalização do franquismo em seu conjunto, de maneira a que o proletariado e seus aliados abram a sua alternativa de classe ao franquismo.

A retirada das forças burguesas da Coordenação Democrática não vai isolar o movimento operário e para os revolucionários não se trata não menos de denunciar o "descompromisso dessas formações com a resistência" mas de mostrar a contradição de interesses entre estas, de combater as ilusões na posição liberal depurando assim as fileiras do proletariado, organizando suas forças e fazendo convergir suas aspirações por um melhor nível de vida e de democracia na luta contra o regime capitalista.





Parece-nos claro que a situação imediatamente pós-revolucionária da União Soviética é assunto suficientemente conhecido para que não precisemos nos estender em explicações. Gostaríamos apenas de relembrar uma dada conjuntura qual seja, a de reconstrução econômica deste país nos anos que se seguem à revolução e à Guerra Civil, à conjuntura da NEP (1) e dos fantasmas da classe operária, os "nepmen", (os homens da NEP). A caótica situação econômica aliada aos eventuais erros em que incorreu o PC para retificá-la, trouxeram a primeiro plano o problema da legitimação de poder ao nível superestrutural. A necessidade de alteração ao nível das instituições e dos hábitos aparece claramente como fator de extrema importância, no processo que deveria culminar com a hegemonia da classe operária sobre o restante da sociedade soviética. É neste contexto que Leon Trotski (será que é preciso relembrar que nesta época ele era o segundo homem do partido?) passa a desenvolver uma série de contatos propoz uma atuação posterior contatos junto às bases visando levantar pontos de estrangulamento, a fim de propor uma atuação posterior do Partido nesta área.

Em 1923 são publicados uma série de artigos no "Pravda" e no mesmo ano estes artigos são transformados no livro "A questão do modo de Vida". Em 1976 este livro é publicado pela primeira vez em língua francesa. Colocados frente a este fato, parece-nos claro que surja a pergunta, de qual a validade de nos preocuparmos hoje com as questões do modo de vida, da época em que mamãe Giscard levava o "petit Valéry" para passear no jardim de Tuilleries, e em que Geisel (ainda de calças

curtas) assistia, muito comportadinho, aos sermões de seu papai pastor.

Aqueles para quem a revolução já é uma preocupação ao nível do cotidiano, aqueles para quem a atuação revolucionária não está restrita ao trabalho em assembléias e congêneros, poderão argumentar que os altos e baixos, claramente identificáveis nesta obra podem e eventualmente comprometê-la no global. A crítica é proveniente, na medida em entre os assuntos que compõem o livro alguns como a análise dos meios de comunicação na formação da consciência operária, crítica à criação de uma "cultura proletária" em laboratórios intelectuais; as questões da família e da mulher, possuem hoje em dia um interesse muito maior do que o problema da vodka, do ritual eclesiástico ou do cinema (da maneira como ele é visto na década de 20). É evidente também, que uma análise elaborada há cinquenta anos, mesmo sobre estes pontos onde o interesse ainda é enorme, diferem qualitativamente daquelas que possam ser feitas hoje em dia. Concordamos com esta crítica. Mas sabemos que a partir dela podemos reconhecer não só o fato da abordagem pioneira de alguns dos problemas citados, mas também a importância histórica da presente obra como documento de uma conjuntura (vide, por exemplo o apêndice contendo respostas de agitadores do PC às questões propostas por trotsky) que nos permite extrapolações extremamente úteis não só no campo da atuação individual e cotidiana do elemento revolucionário, como também na área da análise política daquela conjuntura.

Ocorre, entretanto, que possuímos plena consciência da proliferação de uma atitude de desprezo em relação a este tipo de preocupação por parte de inúmeras organizações de esquerda. Ao mesmo tempo em que não é raro, vemos estes partidos e organizações saírem correndo atrás de suas próprias bases, quando estas mobilizam-se por movimentos alicerçados em preocupações da vida cotidiana.

É triste ver este erro ser repetido "ad nauseum" pelos quatros cantos do planeta. É revoltante ver a cegueira dos que insistem em colocar livros como este, dentro de um Index Prohibitum da Santa Inquisição Burocrática. Sem tentarem, ou desejarem, perceber que o "revisonista" Trosky tentava apenas sistematizar um novo modo de vida (que aliás aflorava das bases) que permitisse um aguçamento constante da consciência revolucionária operária.

As preocupações apresentadas por Trotsky neste livro estão indissolivelmente ligadas ao problema de uma mais rápida consolidação da hegemonia da classe revolucionária em uma conjuntura determinada, e servem como base de reflexo, sobre o problema da atuação

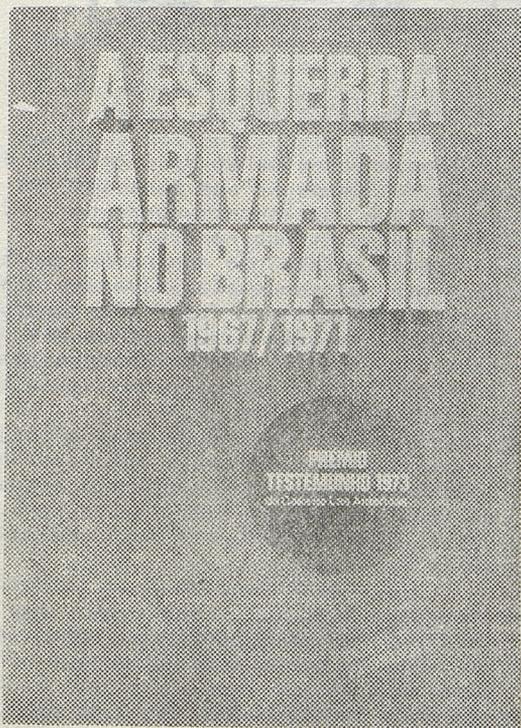
revolucionária ao nível da super estrutura, nos dias de hoje.

Parece claro, (vide Gramsci, por exemplo) que a dominação da burguesia exercer-se hoje em dia pelo consenso que obtem graças ao controle da chamada "sociedade civil" e pela utilização deste aparato para a difusão de sua visão de mundo.

Isto constatado, parece-nos improvável que alguma organização revolucionária possa se apresentar para a luta política, sem estar armada com uma alternativa em termos de um projeto cultural global a ser contraposto àquelas classes dominantes, e menos que pretenda apenas a tomada pura e simples do poder. Nenhum revolucionário pode permitir-se atuar hoje em dia ao nível institucional, se não possui como preocupação básica a eliminação do reacionarismo burguês que pode estar impregnado na sua vida cotidiana.

Revolução, senhores, baseia-se no aguçamento da consciência crítica e no seu exercício diário, o resto é burocracia.

Paco Nine colaborador do Campanha



José Ibrahim

Esta introdução não deve ser entendida como aquelas que se fazem para ressaltar aspectos positivos de determinado livro, com elogios ao seu autor. Nem pretende servir como indicadora da leitura.

Não. O seu objectivo é enquadrar politicamente o que foi

a experiência de luta armada no Brasil, tema do livro *E tratar de ver qual foi a sua transcendência e até que ponto ela contribuiu e fez avançar a luta do povo brasileiro.*

A leitura do livro é empolgante, suas páginas descrevem acções heróicas praticadas contra o inimigo. De outra forma não poderia ser. Os revolucionários, quando pegam em armas para exercer a justa violência revolucionária contra os opressores do povo, deixam gravados na história os seus exemplos empolgantes de heroísmo e dignidade.

O valor humano dessas passagens é profundo e inestimável.

Convém, no entanto, analisar mais profundamente aquela experiência. Como recomenda Lênine, na epígrafe que abre o volume. É necessário dar ao leitor mais elementos para que ele possa ter uma dimensão mais ampla da real significação dessa experiência. É necessário. O livro, porque não dá uma visão crítica da prática da esquerda brasileira durante aquele período que vai até 1971, acaba por fazer tão-somente a apologia das acções armadas. É uma limitação grave, porque retira ao leitor a possibilidade (mesmo aos mais atentos) de perceber ou desconfiar que toda aquela prática, depois de um balanço geral, à qual foi submetida, teve um saldo negativo.

A esquerda revolucionária brasileira nasce após o golpe militar de 1964 que derrubou João Goulart e como resultado da falência do projecto reformista do Partido Comunista Brasileiro e das alternativas apresentadas pelo populismo de esquerda.

O golpe de 1964 evidencia a falta de uma alternativa e coloca também na ordem do dia a questão da direcção revolucionária. Nesse sentido, os rompimentos que se dão dentro do PCB e do populismo de esquerda polarizam-se em função do antipartidarismo e do antipacifismo. Todos os sectores que assumiram uma posição autocrítica em relação aos erros do passado marcharam a passos largos e rápidos às posições militaristas e vanguardistas. Erigiram as acções armadas directas como única prática verdadeira e o foco guerrilheiro como forma exclusiva de organização da vanguarda, capaz de canalizar e dar consequência às lutas contra a ditadura.

A esses desvios muito contribuiu o baixo nível político da nossa esquerda, a sua extração social (basicamente pequeno-burguesa) e o seu baixo nível autocrítico no rompimento com o binómio reformismo-populismo, que marcou a prática anterior.

Devemos ressaltar também o momento histórico que se vivia em toda a América Latina com a experiência vitoriosa da revolução cubana e considerar a forma pela qual nos chegava o resultado dessa experiência. O rico processo revolucionário cubano que culminou com a vitória de Fidel Castro em 1959, era simplificado no livro de Régis Debray — *Revolução na Revolução* — e desfigurado na apologia do grupo de homens decididos que pegam em armas e passam a ser o motor da luta de classes. Dessa forma, a influência cubana, baseada no justo critério do internacionalismo proletário, acabou por ser nefasta, pois não correspondia — pelos caminhos técnicos e formas de luta que ela defendia — nem à verdade histórica da primeira revolução socialista latino-americana nem à realidade social brasileira. Essa influência, com as suas limitações, marcaram profundamente a formação da esquerda revolucionária brasileira.

É dentro desse quadro que surgem as organizações encaimadas para a prática de luta armada. ALN, VPR, PCB, VAR-PALMARES, COLINA, MR-8, MAR e outras. A origem dos seus militantes está nos quadros do PCB, na maioria estudantes e intelectuais; entre os militantes mais combativos do movimento operário e nos remanescentes do movimento de sargentos, cabos e marinheiros.

A partir de 1966, o movimento de massas a nível estudantil e operário começa a dar mostras de ressurgimento. Essa rearticulação atinge o seu auge nos anos 1967/1968 com as grandes manifestações e greves estudantis, os acontecimentos do 12 de Maio na Praça da Sé em São Paulo e as greves operárias de Contagem e de Osasco. Durante esse período as organizações armadas já eram um dado político importante, mas não tinham ainda a dinâmica já alcançada pelo movimento de massas. E nem viriam a ter. Porque a sua dinâmica era a dinâmica da Vanguarda, de organização político-militar. O movimento de massas tinha uma dinâmica diferente, dentro da mesma conjuntura.

Depois da acefalia dos primeiros anos do pós-golpe, o movimento de massas conseguiu gerar uma nova liderança que começava a afirmar-se. No movimento operário procurava-se apro-

fundar a autocritica dos erros do passado, contestando-se as intervenções sindicais, o burocratismo do aparato oficial, e tratava-se de organizar uma oposição sindical com a criação de comités de fábrica e dirigindo as lutas da classe contra a política antioperária dos militares. Esta tendência revolucionária dentro do movimento operário estava, contudo, diluída no seio da classe. Não havia um partido que a aglutinasse e lhe desse viabilidade, tarefa para a qual as organizações armadas não mostraram o menor empenho.

As organizações armadas tinham os olhos voltados para outro lado, acenavam para outro caminho. No seu isolamento consciente, acabaram por constituir-se na negação do movimento de massas. Era a incapacidade política, que levava a confundir a mobilização e organização revolucionária do proletariado (tarefa imprescindível e fundamental à construção da luta de classes) com o trabalho tradicional, eleitoral e pacifista desenvolvido pelo reformismo e que devia, este sim, ser negado. O baixo nível político e a imaturidade política da esquerda armada levou-a a confundir o carácter reboquista e derrotista da linha política do PCB com a própria negação da necessidade da construção do partido revolucionário do proletariado. Faltou-lhe a clareza para perceber a importância dessa alternativa, cuja construção ela deveria ter assumido, fundindo-se com as vanguardas do movimento de massas, única forma justa para consolidar-se como direcção revolucionária e única alternativa de desdobramento do movimento popular.

A nossa esquerda não conseguiu dar esse salto de qualidade, de prática, desligando-se da realidade objectiva da luta de classes e baseada numa incorrecta avaliação da correlação de forças naquele período, levou-a a um isolamento cada vez mais profundo das massas populares.

A situação conjuntural, no entanto, favorecia a prática de acções armadas e de fustigamento contra a ditadura. As acções despertavam simpatias populares e esperanças entre os sectores mais avançados das massas. Mas estas simpatias não tinham como concretizar-se. Era como a situação de uma torcida de futebol que ouve o jogo pela rádio. E as esperanças, dentro do vácuo político e da acefalia em que vivíamos, levaram muitos dos elementos dos sectores mais avançados, do movimento da pequena-burguesia e do proletariado, a engrossar as fileiras das organizações armadas.

Mas o vínculo era efémero. Esses elementos de vanguarda logo entravam na dinâmica em que prevalecia o militar sobre o político. Afinal de contas já havíamos mudado o carácter da crise social para crise militar! Estávamos em guerra! Paulatinamente os seus vínculos de origem eram cortados, passavam à clandestinidade (em muitos casos artificialmente), ingressavam nas trincheiras dos grupos de fogo e/ou partiam para o exterior em busca de preparação militar e treinamentos guerrilheiros.

A miopia política da esquerda armada brasileira, ao renunciar, ao seu papel de alternativa potencial ao reformismo e de aglutinadora dos sectores mais conscientes do movimento popular, já era por si só um golpe profundo e retardador do processo de formação da vanguarda proletária e da luta pelo socialismo no Brasil. A sua prática sistemática de subutilização do movimento de massas e de depreciação dos seus quadros mais combativos só fazia aprofundar esse golpe. A rápida organização da repressão e os seus êxitos, conquistados por métodos criminosos e desumanos — fizeram o resto.

A esquerda revolucionária brasileira, pelo caminho que seguiu, foi destruída organicamente e, com ela, também a sua pseudocondição de alternativa política. Perdemos fisicamente centenas de militantes. Uma boa parte continua nas prisões. Somos muitos os que estamos no exílio.

Para finalizar, queremos deixar bem claro que, em princípio, foi justa, política e ideologicamente, a opção de rompimento com o reformismo, com o pacifismo e todas as suas consequências. Resgatou-se o papel da vanguarda revolucionária no processo da luta de classes, há algum tempo esquecido. Colocou-se na ordem do dia a questão do poder, a necessidade da destruição do aparelho do Estado e do exército burguês, a necessidade da violência revolucionária como único caminho para a tomada do poder pelas classes trabalhadoras.

É bom que se diga isto num momento como este, em que muitos companheiros se desmoralizam porque perderam a guerra; em que outros, guerreiros arrependidos, incapazes de aprender a lição dos erros e dos reveses, confundem hoje aquela prática inconsequente das organizações armadas com a verdadeira alter-

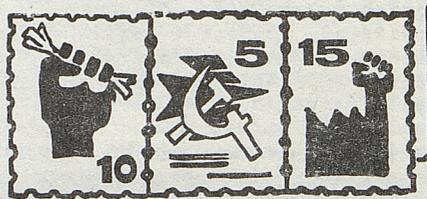
nativa revolucionária que a esta geração de revolucionários cabe construir — retornam ao seio materno e caem de novo nos braços do reformismo.

Com essas questões de princípio, a que acabámos de nos referir, estão comprometidas, e delas não abrem mão, os sectores mais consequentes da esquerda revolucionária brasileira, capazes que foram do difícil processo de autocritica do último período, que tanto sacrifício sabemos que custou.

Hoje em dia, no Brasil e no exterior, avança esse processo de autocritica, que marcha pelo caminho da reaglutinação da esquerda, de rompimento do seu isolamento e de fusão com os sectores de vanguarda das classes revolucionárias, pela organização do Partido do Proletariado, pela organização independente da classe operária.

Estimo que esta introdução alcance o seu objectivo. Sem ela, entendo que o livro, que inclui o meu próprio testemunho, poderia resultar incompleto, no seu empenho de mostrar o que foi aquela importante experiência da esquerda revolucionária brasileira.

CARTAS



Bruxelas, 20-12-76

Companheiros,

Tomei conhecimento do interesse de vocês do "Campanha" em publicar meu prefácio à edição portuguesa do livro "A Esquerda Armada no Brasil".

Quanto a isso não tem nenhum problema. Para maiores esclarecimentos quero agregar que o livro foi feito quando estávamos em Cuba e numa época bem precisa onde a maioria dos companheiros ainda não tinham assumido uma visão crítica do militarismo.

Daí, minha opinião de que no conjunto os testemunhos acabam por fazer apologia dos erros cometidos pela esquerda revolucionária. Outra coisa, a sua publicação em português foi iniciativa do Editor.

O escritor Thiago de Melo foi procurado para traduzir e prefaciá-lo, mas este disse que só traduziria; condicionou isso na minha indicação para prefaciá-lo pois na sua opinião eu era a pessoa mais indicada por ter tido participação ativa naquele período e pelo conhecimento que tinha da minha visão crítica de todo aquele processo.

Bem, coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Abraços,
José Ibrahim



CONTRA A VISITA DE MARIO SOARES AO BRASIL

Neste momento em que o imperialismo batido na Ásia e na África reforça as suas posições na América Latina e em especial no Brasil, neste momento em que a Ditadura Argentina, incapaz de fazer frente às lutas do povo argentino, pede socorro aos gorilas brasileiros, neste momento em que as forças reacionárias de todo o mundo, inclusive de Portugal, tentam limpar a imagem da Ditadura terrorista brasileira, o Dr. Mário Soares parte para o Brasil com mais de 50 técnicos e com um "bom exemplar" militar Firmino Miguel.

O Dr. Soares irá ao Brasil que recebeu Spínola e possivelmente aproveitará o seu tempo para avistar-se com Champalimaud, irá encaminhar o "negócio da China" (retornados), atrair os investimentos brasileiros, comprar matéria-prima roubada do povo brasileiro pelas multinacionais americanas, à custa do salário de 2.600 escudos e da repressão que se abate contra a luta do proletariado.

Esta visita que envolve interesses económicos do Governo Português é extremamente lesiva às aspirações do povo brasileiro e português, aumenta a dependência de Portugal face ao imperialismo que dá as ordens aos militares do Brasil. Esta visita do primeiro-ministro camufla a imagem terrorista e opressora da ditadura militar.

O Dr. Soares em entrevista ao jornal brasileiro "O ESTADO DE SÃO PAULO" em 17/10 afirmou que Portugal vê no Brasil "um futuro fornecedor não especialmente de minérios e não apenas estratégicos. Portugal acredita que possa ser um cliente do Brasil de certas matérias primas", acrescentou ainda que a "hora é madura para um tratado de Amizade e Consulta entre Portugal e o Brasil e que todos os anos deve haver uma troca de viagens de ministros do exterior".

Anteriormente o Dr. Soares havia afirmado que "Portugal será a porta de entrada do Brasil na Europa", deixou claro para o povo português que por aqui passará uma das mais antigas

ditaduras militares da América Latina. É a própria composição de sua delegação declara às "amizades e consultas" que o Governo procura. Há um grande negócio nesta viagem: a social democracia não perde tempo e faz já descaradamente conversações com os inimigos e opressores do povo brasileiro.

Até agora o Governo e o próprio P.S. não fizeram qualquer referência ao repatriamento dos portugueses presos no Brasil. E este é o mais importante dever do primeiro-ministro: exigir a libertação dos anti-fascistas presos pela ditadura militar.

Para salvaguardar os interesses da recuperação do capitalismo em Portugal, Soares, despreza os interesses do povo e a solidariedade havida e que continuará entre os dois povos.

Neste momento camaradas, devemos intensificar o apoio activo e a solidariedade militante com a luta do povo brasileiro.

comissões estudantis de apoio à
luta do povo brasileiro - Lisboa

* * *

BRASIL: TRES ANTI-FACISTAS ASSASSINADOS

Conforme um comunicado da Agência France Presse e uma ampla informação da imprensa brasileira, na noite de 15 de dezembro de 76, foram assassinados em São Paulo por agentes dos órgãos do II Exército, os dirigentes anti-fascistas Pedro Pomar, Angelo Arroio, e João Batista Drumond. Na mesma ocasião foram presos doze anti-fascistas, entre eles o advogado Aldo Arantes, ex-Presidente da União Nacional dos Estudantes

Pedro Pomar, jornalista, ex-deputado por São Paulo e de 63 anos de idade era membro do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil.

Angelo Arroio, conhecido líder operário do sindicato da metalurgia de São Paulo de 48 anos de idade, estava condenado pela Justiça Militar a 11 anos de prisão e era também membro do Comitê Central do P.C. do B.

João Batista Drumond, de 34 anos, líder estudantil antes do golpe de estado, estava condenado a 14 anos de prisão pela justiça militar e era membro do Comitê Central do P.C. do B.

Nós denunciámos este novo ato criminoso dos gorilas brasileiros, que vêm se somar aos assassinatos de milhares de combatentes revolucionários que tombaram sob as balas e as torturas inumanas dos Ditadores. Mas ao mesmo tempo este novo ato repressivo vem nos

demonstrar como a classe operária e o povo brasileiro estão em luta, resistem e desenvolvem pouco a pouco as condições de sua libertação nacional e social definitiva.

-Denunciemos a criminosa Ditadura Subimperialista Brasileira, cão de guarda do Imperialismo Yankee em nosso continente !

-Liberdade para os doze camaradas que têm sua vida em perigo! Liberdade para todos os prisioneiros políticos!

-Camarada Pedro Pomar, Angelo Arroio, e João Batista Drumond: Presentes!

Até a vitória e sempre !

AELACF

CONTRA A REPRESSÃO NA ARGENTINA

Após o golpe na Argentina, o que a imprensa reformista (afinal até hoje o PC não o denuncia publicamente continuamente, por isso, legal) conseguiram, é realmente de espantar: que o golpe militar mais feroz já acontecido no continente Latinoamericano, não suscitasse uma manifestação de repúdio internacional. Utilizando fornos crematórios, utilizando torturas a base de esquartejamento, e depois dinamitando os cadáveres dos prisioneiros para não deixar vestígios, os militares argentinos já superaram em muito o sanguinarismo de Pinochet.

Os revolucionários brasileiros como os demais revolucionários latinoamericanos tem uma responsabilidade particular, em buscar contribuir para romper a passividade da opinião pública internacional, denunciando os crimes da Ditadura Militar Argentina, solidarizando-se com as lutas de resistência dos trabalhadores argentinos e exigindo o fim dos massacres, das torturas e das prisões.

Chamamos aos brasileiros residentes no exterior a participar e contribuir a impulsionar as campanhas e mobilizações exigindo ao Governo Argentino que preste conta (até hoje não forneceram a relação) e liberem os seus milhares de prisioneiros políticos.

-FIM DOS MASSACRES, TORTURAS E PRISÕES

-LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS ARGENTINOS

-SOLIDARIEDADE A RESISTENCIA DOS TRABALHADORES ARGENTINOS A DITADURA MILITAR

Dentre os que tem sua situação em perigo estão também os milhares de exilados e refugiados latinoamericanos que após o golpe chileno concentraram-se em Argentina. Estes sofrem perseguições sistemáticas (muito dos quais são sequestrados pelos organismos policiais e para-policiais, torturados e mortos), e que não podem sair da Argenti-

na por falta de documentação e por não conseguirem visas de entrada em outros países. Os arquivos do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, foram mais de uma vez roubados, servindo como informação para a polícia e o exército localizar, prender e torturar os que pediam refúgio a este organismo.

Gostaríamos ainda de chamar a atenção para o fato de que é conhecido o caso de cinco brasileiros presos (Flavio Koutzi, Sidney Marques, Maria Regina Pillar, Paulo Paranaguá, Luis Alberto Bassos e Maria Regina Marcondes - estes dois últimos não tendo ainda suas prisões reconhecidas oficialmente) dos quais não se tem notícias recentes.

grupo CAMPANHA

jour
so de
plidarté
pour les
prisonni
ers p
olitiques
brésiliens

O Comité Brésil Pour l'Amnistie convida para uma Jornada de Solidariedade com os presos políticos brasileiros que se desenrolara em 30 de Janeiro de 1977, no Restaurante LA CLEF: 31, rue La Clef, metro: Censier-Daubenton, de 12 h 00 à 24 h 00.

- Apresentação e venda d'uma "poche" de desenhos e de poemas" escolhidos, realizados pelos prisioneiros políticos brasileiros.

- Exposição-venda de objetos artísticos, de pinturas e de esculturas em madeira executadas nas prisões brasileiras.

- Comida típica brasileira.

- Animação musical brasileira durante todo o dia.

- Debate " A situação nas prisões brasileiras com personalidades francesas e brasileiras.

Participando nesta jornada, manifeste sua solidariedade e exija :

AMNISTIA GERAL E IRRESTRITA PARA TODOS OS PRESOS E CONDENADOS POLITICOS, E TAMBÉM OS BANIDOS E EXILADOS .

E. MANDEL*

UMA RETOMADA HESITANTE DESIGUAL E INFLACIONISTA



* IMPRECOR

(1) Ver textos anteriores de Mandel publicados no Jornal Campanha nº 22 ("crise na Europa Capitalista") e no Cadernos de Campanha nº 2, ("A espera da recessão").

A RETOMADA E UN FATO, ASSIM COMO, RETORNO AO DESEMPREGO

Não há dúvida que a recessão generalizada da economia capitalista internacional acabou em 1975 - primeiramente nos Estados Unidos, mais tarde na Alemanha Federal, no Japão e nos outros países imperialistas. Desde então, sucede uma fase conjuntural de retomada econômica.

De um ponto de vista marxista só existe um critério fundamental para se julgar se ocorre recessão ou retomada da atividade econômica: a tendência da produção material e, estreitamente ligada a ela, a tendência a acumulação do capital (volume e reinvestimento dos lucros). Tomar como critério da retomada a tendência do desemprego ou a tendência dos salários, significa cometer um engano sobre a natureza do capitalismo. Este constitui um sistema econômico no qual o lucro e a acumulação do capital são os objetivos da atividade econômica. O volume de emprego ou a evolução dos salários reais são somente fenômenos marginais.

Ainda melhor: a situação "ideal" para o capitalismo é precisamente uma fase do ciclo econômico onde, ao menos em certos momentos da sua história, o crescimento da produção é acompanhado de um forte volume de desemprego e de uma estagnação, ou mesmo uma baixa dos salários reais. É precisamente durante estes períodos que a produção de mais-valia bate todos os recordes.

Mas a retomada econômica é um fato, trata-se entretanto de uma retomada que se produziu com características particulares, as quais tínhamos corretamente previsto (1), ainda quando a recessão estava em curso.

O crescimento econômico é demasiadamente limitado para reabsorver o desemprego. A "função histórica" da recessão de 1974/75, para a burguesia internacional foi precisamente a de acabar com o "pleno emprego" como "objetivo prioritário" da política econômica dos governos burgueses e de reintroduzir o desemprego maciço permanente com intuito de fazer pressão sobre o "mercado de trabalho".

Porta-vozes reconhecidos da burguesia internacional, assim como representantes da ciência burguesa não poupam suas palavras a este propósito. O professor Karl Brunner, representante dos "monetaristas" suíços afirma: "Se quisermos eliminar a inflação temos que pagar um preço, e este preço é o desemprego. O desemprego é o custo social para acabarmos com a inflação. E não venham me dizer que existe uma outra saída, não é verdade". (revista belga,

"Tendances-Trends"-8/09/76).

Não poderíamos melhor confirmar a análise feita pelo "O Capital" de Marx, a mais de um século, de que o capitalismo não pode sobreviver a longo prazo sem um exército de reserva industrial, isto é, sem o desemprego.

A amplitude do "resíduo" de desemprego estrutural deixado pela recessão de 1974/75 é considerável, assim como testemunham os dados a seguir:

DESEMPREGO NOS PAISES CAPITALISTAS EM SETEMBRO DE 1976

USA	7.400.000
Inglaterra	1.319.000
Italia	1.145.000
Japao	1.130.000
Alemanha Ocidental	899.000
França	841.500
Belg. Holand. Luxemb.	444.000

(« Financial Times » de 25 de outubro de 1976, exceto para Italia (« Le Soir » de 28 de outubro de 1976).

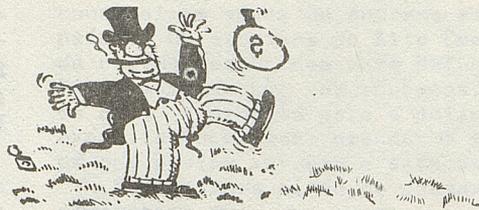
Se adicionarmos a estes números a queles que concernem a Espanha, o Canadá, a Austrália e a Dinamarca atingiremos facilmente 14,5 milhões de desempregados e isto sem tomar em consideração o desemprego temporário no inverno, nem os jovens recém formados que nunca encontraram um trabalho e nem as mulheres que, para empregar a linguagem filantrópica da ciência burguesa, "se retiraram espontaneamente do mercado de trabalho".

Ora, no ponto mais baixo da recessão o desemprego nunca ultrapassou a cifra de 17,5 milhões nos países imperialistas. Quer dizer, a retomada permitiu, o reemprego de 15% dos desempregados. Mais de 80% dos desempregados golpeados pela crise não encontraram emprego durante a retomada econômica.

Particularmente dramático, a este propósito, é o desemprego dos jovens. Segundo o "Mundo Econômico" de Milão, 62% dos desempregados italianos em 04/76, ou seja 777.000 desempregados eram jovens entre 15 e 20 anos e, dentre eles, 620.000 esperavam um primeiro emprego (nº 28/02/76). Nos Estados Unidos em 07/76, 10% dos jovens com menos de 20 anos de idade e tendo terminado os estudos estão desempregados. No caso dos jovens negros entre 16 e 19 anos de idade a taxa de desemprego atinge 34,1% ("Business Week" - 20/09/76).

A RETOMADA E CLARAMENTE INFLACIONISTA

Se examinarmos as causas da modificação da conjuntura, nos apercebemos que a recessão foi freada e a retomada econômica iniciada a custa de enormes



déficits no orçamento público em 1975. Somente para os principais países imperialistas o montante destes déficits se eleva, sem dúvida, a mais de 160 milhões de dólares.

A primeira vista pode parecer paradoxal falar sobre retomada inflacionista, quando todos podem notar a redução do ritmo da alta de preços. Esta redução é um fato em 1976, se compararmos a taxa de inflação deste ano à taxa recorde dos anos 1973 e 74. Mas já não é a mesma coisa se compararmos a taxa de 1976 a taxa média dos anos 60.

Resulta claramente que a taxa de inflação é largamente superior àquela que reina depois da segunda guerra mundial no conjunto da economia capitalista internacional. De fato o custo de vida e os preços dos bens de consumo não cessaram de aumentar, mesmo em plena recessão, e isto apesar de uma queda brutal dos preços das matérias primas e da redução das vendas, caracterizados em numerosos mercados.

A natureza inflacionista da retomada econômica confronta o capitalismo internacional a um dilema: a primeira possibilidade é os governos continuarem a dar prioridade a "luta contra a inflação" e para isto teriam que tomar medidas severamente deflacionistas de que, por pouco que seja se acentue a inflação, ou desde que, num país determinado, esta se distancie demasiadamente da média internacional. Isto porém significaria a quebra da retomada.

A segunda possibilidade é os governos burgueses se absterem de qualquer medida anti-cíclica na primeira fase da retomada a fim de não a prejudicar. Neste caso assistiremos, no ano seguinte, a uma acentuação quase universal da inflação (com exceção possível para a Suíça e para a Alemanha Federal graças às contínuas reavaliações das moedas destes países) o que levaria tanto a França como o Japão à categoria de países sofrendo uma inflação a duplo índice e obrigaria esses governos a tomarem medidas deflacionistas mais severas pelos fins de 1977, precipitando deste modo uma nova recessão em 1978, ou no começo de 1979. A médio prazo, as duas variantes da política burguesa obterão o mesmo resultado porque, quebrada a retomada econômica, esta tenderá a recessão no fim de 1978/comoço de 1979 em consequência, principalmente, do enfraquecimento da demanda de bens de

consumo resultante do crescimento do desemprego.

A RETOMADA E HESITANTE E NAO ACUMULATIVA

Uma das principais características da atual retomada econômica é o seu caráter hesitante e não-acumulativo. As razões fundamentais são as seguintes: A) A demanda interna de bens de consumo, "impulsionada" pelos enormes déficits orçamentários de 1975/76 não pode progredir segundo as proporções estimadas e começou mesmo a estagnar-se, em consequência da manutenção, ou mesmo do agravamento do desemprego estrutural e da inflação.

Cabe distinguir aqui dois fenômenos: Nos Estados Unidos, entre 03/75 e 09/76, a taxa de emprego passou de 83,8 a 87,8 milhões de pessoas, o que quer dizer um aumento de 4 milhões. O vencimento das famílias passou de 1,194 a 1,392 bilhões de dólares, o que quer dizer, aumento de 16,5%. Mas visto uma taxa de inflação de 9% em 18 meses, o crescimento do poder de compra global foi menor que 7% ("Business Week" 21 e 28/04/75, 25/10/76 e 1º/11/76).

Considerando a manutenção de um importante desemprego e a manutenção da inflação, considerando sobretudo a estagnação e mesmo o recuo dos salários reais, o poder de compra global dos consumidores interrompe o seu crescimento já a partir do fim da primeira fase da retomada.

B) A retomada dos investimentos produtivos é muito mais lenta e modesta que o previsto. A causa principal não é tanto o baixo nível das taxas de lucro (claramente em alta nos Estados Unidos onde as massas de lucro cresceram em 30% em 1976, no Japão e na Alemanha Federal), mas a existência de uma forte capacidade excedentária, em quase todos os setores industriais, ligada a falta de perspectiva de uma forte expansão dos mercados.

Para 08/76, "Business Week" (4/10/76) avalia a taxa de utilização da capacidade produtiva da indústria manufatureira nos Estados Unidos em 77%. "Newsweek" estabelece em 82%. Mas a "Federal Reserve" (Banco Central dos Estados Unidos) avalia esta utilização a somente 73,6 no 3º trimestre de 1976 ("Business Week" 1º/11/76).

A situação ainda é pior na Grã-Bretanha, na Itália e no Japão, onde a taxa de utilização do capital instalado era de 80% no começo de 1976.

C) A "crise fiscal do Estado" não permite o aumento das despesas públicas. De fato, a pressão burguesa se exerce no sentido de uma redução e até mesmo de uma supressão dos déficits orçamen-

tários registrados precedentemente.

O enorme crescimento da dívida pública, foi o preço que pagaram os regimes de quase todos os países imperialistas, pela tentativa de transformar, ainda uma vez, a ameaça da crise catástrofica do tipo de 1929-32, numa recessão mais limitada em profundidade e em duração, mas que nem por isso deixa de ser a mais grave recessão registrada depois da segunda guerra mundial.

A amplitude deste crescimento não parece somente nos grandes países imperialistas mas também nos países menores, como por exemplo a Austria e a Suécia onde os governos sociais-democratas conseguiram limitar fortemente a amplitude do desemprego em 1974-75. A "performance social-econômica" destes governos é certamente superior a média, tanto em matéria de defesa do emprego, quanto no que concerne a manutenção do salário real dos trabalhadores. Isso se explica essencialmente pela forma particular pela qual estes países se inserem no mercado mundial. Mas um fator adicional nestes casos, é a acumulação de reservas que permitiram uma política anti-cíclica mais audaz, em 1974-75 que a de outros governos, o que não provocou uma inflação a duplo índice. No entanto, o crescimento da dívida pública foi importantíssimo nestes países. Logo, é muito pouco provável que eles possam repetir esta performance na próxima recessão.

Nestas condições, fica então excluído, que a evolução das despesas públicas acelere a retomada na maioria dos países.

A RETOMADA E INTERNACIONAL E SETORIALMENTE DESIGUAL

Enquanto que os países imperialistas entraram quase que simultaneamente na recessão de 1974-75, eles não conheceram simultaneamente a retomada e nem tiveram uma retomada de mesma amplitude. O mecanismo internacional de retomada foi a grosso modo o seguinte.

a) O relance da produção nos Estados Unidos, desde o 2º trimestre de 1975, foi principalmente estimulado por uma forte retomada no setor automobilístico (a construção civil, outro setor detonador da crise, continue atrasado relativamente aos setores de bens de consumo duráveis e não duráveis e mantém a sua atividade a um nível muito baixo



b) Retomada no Japão e na Alemanha Ocidental: atrasado 6 meses relativamente aos Estados Unidos e impulsionados sobretudo pelo desenvolvimento das exportações.

c) Retomada simultânea à alemã na maior parte dos países da CEE e em países como a Austria e a Suíça, fortemente apoiados na CEE: mas, enquanto que na Alemanha e no Japão a retomada continua a ser alimentada pelo desenvolvimento das exportações durante todo o ano de 1976, há uma brusca ruptura da retomada na França e nos países do BENELUX (BELG.-HOLANDA-LUXEMB.) no 2º semestre de 76, ao mesmo tempo em consequência da não competitividade dos produtos exportados, de uma alta de preços superior a dos produtos alemães e de uma série de medidas deflacionistas tomadas por estes governos para combater a inflação.

d) Na Grã-Bretanha e na Itália: Retomada bem mais hesitante e que tende a estagnação sob os efeitos de severas medidas deflacionistas que "sufocam" literalmente a retomada.

e) Fato muito importante: salvo naquilo que concerne ao Japão, a expansão americana nos 1ºs meses de 1976 não foi acompanhada de um desenvolvimento importante das importações dos países imperialistas (os países semi-coloniais puderam aumentar as suas exportações de matérias-primas tanto em valor quanto em preços). Isto se traduz pelo fato de que a balança comercial americana apresentou um superavit em 1975 o que, no sistema monetário atual, apoiado praticamente sobre o dólar não convertível, exerce uma grande função deflacionista sobre o comércio mundial.

Qual será a interação desses fatores nos próximos 6 a 9 meses? A continuação das práticas protecionistas nos Estados Unidos (queda do dólar em relação as moedas européias e ao yen) combinada à continuação das medidas de deflação na Grã-Bretanha, na Itália e na França romperia a expansão do comércio mundial que recomeçou a um ano. O curso das matérias primas que estava em forte alta depois do começo do ano evoluiu no sentido da baixa desde vários meses. O índice em dolares das matérias primas industriais estava em baixa de 2,5% em 12/10/76, com relação ao começo de 09/76 e o índice dos metais em baixa de 10,5%. Se o índice das matérias primas alimentares estavam ainda em ligeira alta (+0,3 em um mês) isto é,



devido exclusivamente a alta do café e do cacão que foi causada por uma má colheita. Na verdade, apesar da seca na Europa, as outras matérias-primas alimentares estavam orientadas para a baixa que chegou a alcançar proporções consideráveis para produtos com o açúcar (cujo curso caiu de 76 a 16 centavos o quilo). A colheita mundial de café reais será pela primeira vez, depois de muito tempo, superior ao consumo. Por causa disto os estoques de cereais que, nos últimos 7 anos, foram diminuídos de 100 milhões de toneladas, serão aumentados de 25 milhões de toneladas, mas os preços continuarão na baixa. ("Frankfurter Allgemeine Zeitung" 29/10/76). Quanto ao cobre, a queda, depois de julho/76 até o começo de 10/76 é de ordem de 12% a 15% ("The Economist" 07/08, 11/09 e 11/10/76).

Sobre o plano dos principais ramos industriais a desigualdade da retomada é acentuada ao nível dos principais países imperialistas. A indústria automobilística que partiu rápido encontra-se numa velocidade lenta que é claramente inferior àquela dos anos de expansão. Por aí fica confirmado que a expansão neste setor industrial está no essencial acabada (salvo para alguns países como o Brasil), e a procura se torna quase que inteiramente uma procura de substituição. A siderurgia assim como a construção naval e a construção civil continuam em depressão (o que implica o marasmo dos eletrodomésticos). Um desenvolvimento marca, no entanto a química, a construção de máquinas (sobretudo para exportação), o eletro-térmico e o setor de equipamentos energéticos (com forte pressão para a renovação tecnológica onde a miniaturização sacode o setor dos grandes "computeurs").

AGRAVACAO DA CONCORRENCIA INTERNACIONAL

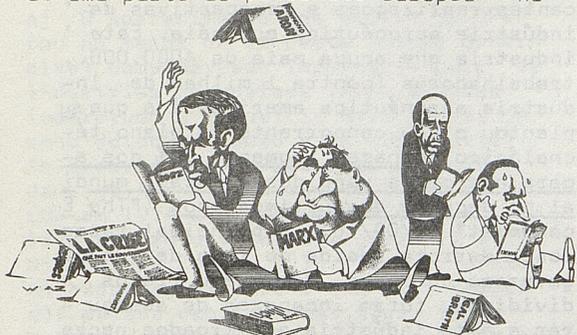
A desigualdade da retomada econômica nos diferentes países imperialistas só pôde acentuar a concorrência inter-imperialista. Esta acentuação assumiu diferentes formas no decorrer dos últimos meses:

a) Recurso pronunciado ao protecionismo nos países mais fracos; antes de tudo a Itália (depósito obrigatório de 50% do valor das exportações e imposto sobre a compra de divisas) e na Grã-Bretanha. A questão de uma introdução generalizada das medidas de controle quantitativo das importações é a partir deste momento, considerada na Grã-Bretanha.

b) Daí resulta uma crise ainda mais pronunciada no Mercado Comum. O projeto de União Monetária européia é adia-

do "sine die" até o dia imaginário em que a taxa de inflação e a política monetária, econômica e industrial estivessem niveladas nos países membros. Como estes países não recorreram no entanto a medidas protecionistas, na maioria dos casos por medo de retorquir e da perda das vantagens do Mercado Comum, a situação na Europa foi sobretudo caracterizada por uma grande indecisão e paralisia crescente dos governos em relação ao comportamento de suas economias no cenário internacional.

c) Pressão, cada vez mais insistente de uma parte do patronato europeu no



sentido de acabar com essa indecisão. O exemplo mais espetacular de reação perante a indecisão dos governos foi a decisão dos patrões da siderurgia oeste alemã, holandesa e luxemburguesa de constituir um Cartel de Racionalização excluindo o patronato francês e belga. ("N.Z.Z." II/06/76). A realização deste projeto teria sido um golpe fatal para a Comunidade Européia do aço e do carvão, apoio do Mercado Comum. Mas, finalmente um compromisso pôde ser encontrado e um Cartel Europeu, EUROFER, foi criado, incluindo todo o patronato europeu dos Nove, essencialmente para se defender (inclusive por meio de políticas protecionistas) contra a concorrência japonesa ("The Economist" 16/10/76).

d) Utilização cada vez mais aberta de "taxas de câmbio flutuantes" para obtenção de vantagens comerciais. Deste modo os Estados Unidos puderam melhorar um pouco suas relações comerciais com a Europa, sobretudo com a Alemanha Ocidental, graças a uma depreciação do dólar em relação ao marco alemão, ao florim, ao franco belga e ao franco suíço. O Japão recorreu à manipulação dos cursos do yen no mercado de câmbio (ver estudo da "Neue Zürcher Zeitung" 26/08/76) em vista de apoiar a sua ofensiva comercial, sobretudo no que concerne os televisores a cores nos Estados Unidos e seus automóveis na Europa ocidental.

e) Uma prática cada vez mais generalizada da parte das multinacionais para "contornar" as dificuldades apresentadas pelo protecionismo dos governos e pela evolução desfavorável dos custos

de produção nos seus países de origem. Registra-se atualmente a este propósito uma inversão das tendências. Enquanto que no decorrer dos anos 50 e 60, o protecionismo (moderado) da CEE e os custos dos salários elevados nos Estados Unidos levaram as multinacionais de origem americana a transladar os seus centros de produção em direção à Europa Ocidental, o protecionismo crescente dos Estados Unidos, assim como os custos salariais elevados na Europa (principalmente em função da modificação das taxas de câmbio) incitam as multinacionais européias a estabelecer seus centros de produção nos Estados Unidos e as multinacionais americanas a reduzir suas atividades na Europa.

As iniciativas mais espetaculares a esse propósito foram tomadas pela Volkswagen, pela Michelin, Fiat e pela Saint-Gobin, que construíram ou compraram importantes fábricas nos Estados Unidos. De fato um trust alemão ou suíço para investir 100 milhões de dólares nos EUA, gasta hoje 50% menos de marcos alemães ou de francos suíços que em 1970. As sucursais das multinacionais européias e japonesas estabelecidas nos Estados Unidos já tem por sua conta 24% de todas as exportações americanas ("N.Z.Z." 29/06/76). No total, os investimentos diretos no estrangeiro, da Alemanha Federal e do Japão multiplicaram-se por 7 depois de 1967, e em 1975, eles atingem 25% de tais investimentos. Se adicionarmos a estes os investimentos diretos no estrangeiro da Grã-Bretanha, da França e dos Países Baixos, atingiremos 2/3 do total de investimentos americanos em 1975!

f) Tentativa cada vez mais acentuada da parte dos países imperialistas mais atingidos pela crise, no sentido de desviar suas produções para os mercados exteriores. A parte das exportações na produção global da Fiat, por exemplo, passou de 40% em 1973 a 49% em 1975 e atingirá rapidamente 60% (Arturo Canetta in: "Consigle" nº27/28 de 09/76). Este esforço acompanha uma diversificação da produção da Fiat, cujo departamento de tratores, de máquinas de construção de estradas, de aços e de aços especiais, de máquinas-ferramentas... (que são os departamentos mais rentáveis), já concernem mais de 60% dos negócios do trust ("Financial Times" ... 24/09/76).

Como podemos esperar isto se traduz por um crescimento dos lucros realizados no estrangeiro em relação ao lucro total dos trusts. Assim enquanto que as entradas provenientes do estrangeiro em 1965, representavam somente 20% dos lucros brutos (antes de amortizados) do conjunto de companhias industriais e comerciais da Grã-Bretanha esta porcentagem é superior a 25% desde 1970, e atinge a 34% em 1975 ("The Eco

nomist" 23/10/76).

Desta maneira os trusts britânicos e italianos transformaram a queda da libra esterlina e da lira em fontes de lucros adicionais. Cada vez mais eles pagam seus operários com moedas fracas e vendem seus produtos por divisas fortes.

g) Alguns sucessos espetaculares foram realizados pelos concorrentes dos EUA; apesar da manipulação dos índices de câmbio e apesar da perda de energia barata depois da "explosão" dos preços do petróleo em 1973. A Alemanha Ocid. parece ter definitivamente suplantado as exportações americanas em produtos manufaturados. Para a categoria "máquinas e material de transporte" as exportações alemãs aumentaram de 17 bilhões de EUR no 3º trimestre de 74 a 22,4 bilhões de EUR no 1º trimestre de 76, o que significa um aumento de mais de 30% (EUR é a unidade de conta do Mercado Comum que equivale a aproximadamente 1,25 dólares americanos). A Alemanha Ocid. e a França ameaçaram seriamente o monopólio americano da exportação de equipamento nuclear e desenvolveram protótipos de aviões tecnicamente superiores aos dos trusts americanos. Sucesso parecido foi realizado pela indústria francesa da borracha, onde um cartel internacional essencialmente anglo-francês (dominado pela Rio Tinto Zinc) conseguiu dominar o mercado mundial do urânio.

Por outro lado a ofensiva de exportação japonesa registrou sucessos importantes, tanto no mercado norte-americano quanto no europeu. Na Europa Ocid. esta ofensiva não foi absolutamente compensada pelo crescimento das exportações da CEE em direção ao Japão. Assim, as exportações do Mercado Comum para o Japão estagnaram-se na média de 225/230 milhões de dólares por mês, o que significa um déficit considerável na balança comercial, déficit este que poderá atingir a 3 bilhões de dólares em 1976. Daí a exasperação anti-japonesa dos capitalistas europeus, que reclamam medidas protecionistas... Ou uma larga abertura do mercado japonês às suas próprias mercadorias.

É, entretanto, necessário lembrar que, contrariamente às concepções que continuam a circular em certos meios marxistas, o papel do Estado como suporte dos grandes monopólios é absolutamente essencial na época do imperialismo. Se a crise atual demonstrou realmente alguma coisa, foi que os monopólios não podem esquivar-se a longo prazo, nem da lei do valor, nem das flutuações conjunturais e, por conseguinte, de influência da baixa tendência das taxas de lucro. Nestas condições o papel do Estado como garantia dos super lucros monopolistas é vital para eles. Em função do Estado ser me-

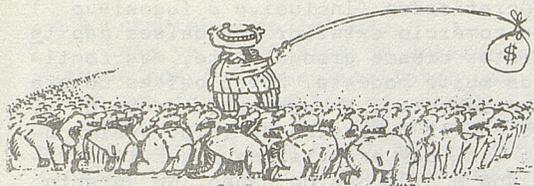
is ou menos poderoso, mais ou menos apto para assegurar um tal papel, os monopólios ganham ou perdem preciosos apoios na luta concorrencial inter-imperialista.

Nestas condições o poder relativo do Estado americano e a capacidade de intervenção rápida do Estado japonês, já menos poderoso, contrastam, de maneira dolorosa para os monopólios oeste-europeus, com a impotência das estruturas pré-estatais da CEE e com a fraqueza dos Estados oeste-europeus. Um exemplo marcante nos é fornecido pelas recentes realizações e perspectivas da indústria aeronáutica europeia. Esta indústria que ocupa mais de 4000.000. trabalhadores (contra 1 milhão da indústria aeronáutica americana) e que suplantou o seu concorrente no plano tecnológico forneceu somente 8% dos aparelhos civis vendidos à escala mundial no decurso dos últimos anos ("The Economist" 11/09/76). A principal razão desta derrota reside no fato de que os governos europeus, demasiado fracos e divididos, foram incapazes de assegurar a esta indústria os mercados necessários. É claro que esta indústria está literalmente ameaçada de desaparecimento se esta situação não mudar a médio prazo.

AS TENTATIVAS DE REESTRUTURAÇÃO DO MERCADO MUNDIAL

Toda crise de super-produção manifestando-se no mercado mundial exprime, de uma só vez, os desequilíbrios fundamentais da produção e da circulação de mercadorias capitalistas e os esforços do capital para resolver estas contradições com a reestruturação não só da produção mas também do mercado. Os esforços de reestruturação tendem a aumentar as taxas de lucro pela eliminação (ou redução) de empresas de produtos e de processos de produção não rentáveis; pelos investimentos de racionalização; pela economia das matérias primas, da mão-de-obra e do emprégo fixo de capital; por um aumento da rotação do capital (sobretudo do capital circulante); pela intensificação do trabalho e, em geral, pela elevação da taxa de mais-valia. Estes esforços de reestruturação do mercado mundial portam sobre a procura de novos mercados e sobre a redivisão dos antigos, segundo as modificações das relações de força entre os trusts e as potências imperialistas.

Já tratamos das últimas peripécias da concorrência inter-imperialista no seio dos mercados interiores dos próprios países imperialistas. que não



a parte mais importante do mercado mundial, tendo em conta sua riqueza relativa em comparação as outras partes do mundo. Examinemos então as outras modificações que estão em curso no mercado mundial:

a) O aparecimento dos países da OPEP (ou ao menos de um certo número dentre eles) como mercado importante para as indústrias dos países imperialistas (sobretudo a indústria exportadora de bens de equipamento e de transporte). As exportações da CEE para os países da Liga Árabe passaram de 6 bilhões de EUR em 1974 a 14,3 bilhões de EUR em 1975 e, sem dúvida, atingirão 17 a 18 bilhões de EUR em 1976. Se adicionamos as exportações para o Irã (que compra dos países capitalistas quase tanto quanto a URSS e a Espanha), a Nigéria e a Indonésia obteremos, para o conjunto destes países, um montante de exportações de 30 bilhões de dólares, ou seja, 9% de todas as exportações da CEE.

Esta tendência à reestruturação, do mercado mundial permitiu aos países capitalistas europeus e japoneses, a recuperação de uma parte da mais-valia mundial que tinha sido perdida em proveito das classes possuidoras dos países exportadores de petróleo, como conseqüência da alta deste último. A balança comercial entre o Mercado Comum e os países da Liga Árabe mostrava em 1974 um déficit de 18 bilhões de EUR. Este déficit caiu para 9 bilhões de EUR em 1975, isto é, foi reduzido à metade (ele era de 6 bilhões de EUR em 1973).

b) Aparecimento de uma série de países semi-coloniais na Ásia Oriental como participantes significativos do comércio mundial. Trata-se sobretudo de Hong-Kong, Singapura, da Coreia do Sul e do Taiwan e, a título mais modesto, no momento (mas com um potencial de crescimento maior), da Indonésia e da Malásia.

Até hoje, é sobretudo o imperialismo japonês que se aproveitou deste aparecimento, e isto de maneira considerável, aí encontrando mercados e campos de investimento de capital privilegiados. Os imperialistas americanos conservam posições importantes nesta área, mas eles estão em recuo em relação ao concorrente japonês. Para os imperialistas europeus este novo setor em expansão ainda é largamente incógnito, se fizermos abstração das posições tradicionalmente ocupadas pelo imperialismo britânico em Hong-Kong, em Singapu-

ra e na Malásia (também em recuo em relação à concorrência japonesa). (2)

Estes países conheceram um processo de industrialização importante nos últimos anos, que a recessão chegou a frear, mas não conseguiu quebrar. Por causa disso eles começaram, por sua vez a exportar produtos industriais e, mesmo capitais, em concorrência com os seus antigos e atuais comandatários. Assim, a indústria leste-asiática de montagem de aparelhos eletrônicos e de relógios, representam uma série concorrencial para a indústria japonesa, sem falar dos EUA. Os empresários sul-coreanos "afanaram" mais de 1,5 bilhões de dólares de contratos de construção (estradas, edifícios públicos, canteiros navais, etc.) aos empresários japoneses, europeus e americanos ("Far Eastern Economic Review" 15/10/76). Mas, precisamente por causa dos relativos sucessos da industrialização nestes países, eles formam um mercado suplementar para certos setores industriais dos países imperialistas, sobretudo os setores exportadores de bens de equipamentos e de transporte. Existe então uma certa modificação da divisão internacional do trabalho que se efetua: certas indústrias (principalmente as têxteis e os setores que empregam uma mão-de-obra numerosa e não qualificada como é o caso da montagem de aparelhos eletrônicos simples) transladam-se para países menos desenvolvidos (os mais desenvolvidos países semi-coloniais) enquanto que, no seio dos países imperialistas, o centro de gravidade da indústria se desloca cada vez mais para os "setores de bens de equipamento e de transporte". Alguns sucessos na industrialização dos países asiáticos semi-coloniais ameaçam seriamente importantes setores industriais dos países imperialistas. O Taiwan tornou-se no 4º produtor mundial de fibra sintética, com uma produção anual de 500.000 toneladas. A Coreia do Sul se esforça no sentido de atingir este nível em 1980-81 e de exportar tecidos em nylon e outras fibras sintéticas no montante de 3,5 bilhões de dólares por ano ("The Oriental Economist" 08/76). Considerando a capacidade excedentária que atualmente já pesa sobre o mercado

NOTA

2) Um resultado significativo desta emergência é o aparecimento de "Asia-dólares", paralelo ao mercado de "Euro-dólares" e centrado sobre os bancos da Ásia oriental. Segundo "Far Eastern Economic Review" do 17/set/76, este mercado estendeu-se da modesta soma de 390 milhões de dólares americanos em 1970 a soma, já mais "coquette" de 137 bilhões no meio do ano de 1976 - destes bilhões, 4 estão emprestados a empresas não bancárias.

mundial de fibras sintéticas, esta expansão constitui uma séria ameaça para os trusts alemães, holandeses, franceses e italianos. As importações cobrem atualmente 11% das vendas na Europa, contra somente 5% em 1969. Elas aumentam à razão de 10% ao ano, sendo que as vendas não aumentam mais que 2% ao ano ("The Economist" 09/76).

c) No conjunto entretanto, os países semi-coloniais continuam "marginalizados" no mercado mundial, visto a inca-



pacidade do sistema capitalista de liberar-lhes globalmente e a um ritmo satisfatório, do seu estado de estagnação e de miséria. Os sucessos obtidos pelos modelos de desenvolvimento à brasileira (repetidos em vários casos) são fundamentados na super-exploração da classe operária e na pauperização dos camponeses pobres, o que quer dizer: criam um mercado interno cobrindo apenas 1/5 da nação (burguesia grande e média, novas classes médias e camponeses ricos). Isto impõe um freio à industrialização interna e impede a criação de um mercado consumidor para as mercadorias exportadas pelos países imperialistas. De fato, a estreiteza do seu mercado interno, obriga-o a se voltar rapidamente para a corrida às exportações, como temos repetidas vezes assinalado no caso do Brasil e como o confirma uma vez mais o caso da Coreia do Sul.

Para utilizarmos ainda uma vez o exemplo do Mercado Comum, suas exportações para o Brasil, a Índia e o Paquistão estagnaram ou estão em recuo nos anos de 1975/76. Estes 3 países povoados por 800 milhões de habitantes compram juntos menos mercadorias do que a Áustria que conta comente 8 milhões de habitantes.

O novo empobrecimento geral que se produziu nos países semi-coloniais não exportadores de petróleo no decorrer da recessão de 1974/75, como consequência da queda de preços das matérias-primas e do encarecimento das importações de energia e de reservas de víveres, sublinha de maneira dramática um aspecto fundamental da crise do sistema, que tem a tendência a marginalizar mais do que 50% dos habitantes do globo do "crescimento" econômico acelerado (de ontem) e lento (de hoje e de amanhã).

d) A parcela dos Estados operários bu-

rocratizados (inclusive o Iugoslavo) no comércio exterior dos países capitalistas cresce gradualmente, mas continua muito modesta. Estes países compram somente 5,5 das exportações da CEE no 1º trimestre de 1976, assim como 2,5% das exportações dos Estados Unidos e 6,5% das do Japão. No entanto, a parte dos países imperialistas nas importações dos países do COMECON passou de 25% em 1970 à 33% em 1975.

A dificuldade principal para uma expansão mais rápida do mercado dos Estados burocratizados, enquanto que compradores de mercadorias capitalistas, reside na falta de competitividade de seus produtos industriais, o que limita a venda destes nos mercados ocidentais. Como seus excedentes de produtos agrícolas tende a desaparecer (alguns destes países transformaram-se em importadores de produtos agrícolas), um aumento nas compras de bens ocidentais poderia ser financiado apenas por 3 fatores: um crescimento das exportações de matérias-primas; um crescimento das exportações do ouro ou um endividamento aumentado em relação aos países imperialistas. A queda do preço do ouro reduziu a capacidade de importação da URSS. O endividamento de alguns dos Estados operários burocráticos para com os países imperialistas tomou proporções perigosas e não poderá ser estendido. O déficit da balança comercial da URSS com os países imperialistas, atingiu 5 bilhões de dólares em 1975. A dívida acumulativa da URSS e dos países do COMECON para com os países imperialistas atinge 35 bilhões de dólares. Os juros desta dívida absorvem 20% das entradas anuais de divisas ("N.Z.Z." 09/76). E a Coreia do Norte chegou mesmo a pedir uma moratória e a parar de pagar os juros de sua dívida de 1,5 bilhões de dólares. Resta então, como fonte principal de uma expansão das compras de bens de equipamentos ocidentais, um aumento de suas exportações de matérias-primas.

É efetivamente neste sentido que se orientam os comércios exteriores soviéticos e chinês, sobretudo no quadro de acordos bilaterais como: a troca de petróleo soviético / trigo americano, ou petróleo chinês / aço japonês. Como a taxa de crescimento da produção de matérias primas na URSS, registrou neste ínterim uma tendência à baixa; como um crescimento mais significativo desta produção depende, por sua vez, da importação de máquinas e técnicas imperialistas; como a necessidade de certas matérias primas tende a crescer no futuro mais rapidamente do que a produção (principalmente a necessidade de produtos petrolíferos na URSS, como consequência dos progressos da motorização) certas "opções drásticas" impõem

se à burocracia soviética.

Esta se prontifica a desviar em direção dos países capitalistas uma parte dos fornecimentos de petróleo até então reservada aos países do COMECON, o que obriga a estes países (principalmente a RDA) a se aprovisionar, no futuro, no mercado internacional capitalista onde os preços são mais elevados que nos contratos de fornecimento estabelecidos com a URSS. As dificuldades econômicas de várias "democracias populares" correm deste modo o risco de aumentarem, no momento mesmo onde a situação política interna provoca tensões perigosas para a burocracia - como foi recentemente, o caso na Polónia.

No todo, os esforços de reestruturação do mercado mundial - que são reais - conseguem apenas resultados bastante modestos e até mesmo marginais. Como no caso do personagem de Lewis Carroll, o capital imperialista tende a ser obrigado a correr cada vez mais rápido para poder ficar no mesmo lugar, sem poder avançar realmente. Aparece assim, a crise estrutural do sistema e o fato de que ele não dispõe mais das margens de adaptação de outras épocas.

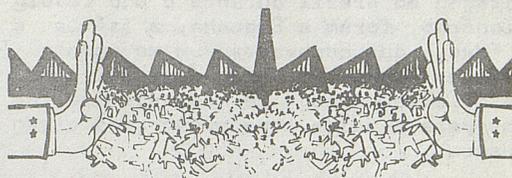
AS INCIDENCIAS DA DESORDEM MONETARIA INTERNACIONAL

Vimos que o sistema de câmbios flutuantes podem ser manipulados pelas várias "burguesias nacionais" com finalidade de obtenção de vantagens comerciais temporárias. É necessário, igualmente sublinhar um outro aspecto da interdependência entre a desordem monetária internacional por um lado, e a ampliação das flutuações conjunturais a partir dos anos 70, por outro.

O aparecimento dos petro-dólares, em primeiro lugar, a ofensiva de exportação do imperialismo oeste-alemão e japonês, e em menor medida, a ofensiva de todas as potências imperialistas, significaram um novo aumento considerável do crédito e da moeda de crédito (a moeda de crédito é depreciada constantemente pela inflação) sobre o mercado internacional.

Para o sistema capitalista no seu conjunto, assistimos então a continuação do financiamento de uma parte das vendas pelo crédito. Mas os anos de 1975/76 foram marcados pelo deslocamento do crescimento dos empréstimos para o exterior, ao invés de se dirigir para os compradores "locais". Em outros termos, a "retomada estimulada pelas exportações" foi sobretudo uma retomada estimulada pelo crédito às exportações.

Se o mercado de "euro-dólares" continua alegremente a sua expansão e



já atingiu atualmente a soma redonda de 300 bilhões de dólares (dos quais uma parte é propriedade dos exportadores de petróleo), o endividamento dos países semi-coloniais para com os países imperialistas registrou um crescimento ainda mais inquietante. Uma parcela crescente dos créditos aos países semi-coloniais provém entretanto do setor privado capitalista e do sistema bancário imperialista, sobretudo dos grandes bancos americanos e britânicos.

Segundo o "Business Week" (11/76) o total das dívidas dos países semi-coloniais elevar-se-á no final de 1976 a 170 bilhões de dólares, dos quais 70 serão devidos aos bancos. Somente o Brasil, já deve 10 bilhões de dólares a bancos privados americanos.

Esta expansão do crédito privado aos países semi-coloniais se explica, em dúvida, pelas necessidades do capital internacional de alargar seus mercados internacionais e de realizar uma reestruturação do mercado mundial. Mas ela produz um novo elemento de instabilidade no sistema bancário internacional. Cada um por sua vez, o Zaire, a Indonésia, a Argentina e o Peru estiveram à margem de pedir uma moratória. Quando conhecemos a amplitude total da dívida dos países semi-coloniais, o peso dos juros da dívida exterior em relação às entradas correntes de divisas e a insegurança que pesa sobre a expansão destas entradas (quer dizer sobre o desenvolvimento de suas exportações), compreendemos a amplitude desta apreensão que às vezes, se aproxima do pânico.

Os movimentos de especulação contra a libra esterlina, foram em parte causados pelos países ditos "da área esterlina" quando estes se desfizeram de seus bens em libras esterlinas. Isto se aplica sobretudo a certos países produtores de petróleo que sofreram perdas consideráveis, pois que conservavam, os seus bens em Londres (eles depositaram 2,5 bilhões de libras esterlinas durante os 15 meses anteriores a março de 1975 e retiraram 1,5 bilhão durante os 15 meses consecutivos - (The Economist" 16/out/76). Mas a especulação tem também outras causas: principalmente a, pura e simples previsão dos casos de crescimento do déficit da balança de pagamentos de um país (foi o que houve com o franco francês na primavera de 1976) e a evasão de capitais por medo de "distúrbios" socio-políticos. Depois da fuga massiva dos

pitais portugueses, principalmente em direção ao Brasil durante o ano revolucionário, foram a Espanha, a Itália e a França que conheceram um movimento de fuga que se eleva a vários bilhões de dólares. A fuga de capitais italianos para a Suíça toma proporções gigantescas.

AS MAIS PROFUNDAS CAUSAS DA RETOMADA HESITANTE E DISIGUAL

Alguns nos reprovavam de dar demasiada importância aos fenômenos de mercado ou seja, na esfera da circulação, na explicação da recessão e da retomada. Na base destas reprovações existe uma incompreensão de um dos aspectos fundamentais da análise marxista do mundo de produção capitalista.

É verdade que para esta análise, a esfera da produção é primordial em relação a esfera da circulação. Qualquer mais-valia antes de ser realizada deve previamente, ter sido produzida, no decorrer do processo de produção. O mercado pode somente redistribuir aquilo que já foi produzido. As desproporções e desequilíbrios encontram suas origens na esfera da produção.

Mas tais desproporções não podem ser reduzidas a simples desproporções na esfera da produção, elas incluem desproporções entre capacidade produtiva e poder de compra, fundamentadas no modo de produção capitalista. Aqueles que pretendem reduzir todos os problemas da conjuntura econômica capitalista a modificações na esfera da produção esquecem da contradição entre valor de troca e valor de uso, esquecem que a produção capitalista é uma produção de mercadorias, e que esta produção não implica absolutamente a venda assegurada das mercadorias produzidas. Adeptos tardios da "lei de Say" ou da "lei dos mercados", de triste memória, pressupõem mais ou menos automaticamente resolvido, a curto ou médio prazo, aquilo que, no modo de produção capitalista, se verifica somente a longo prazo e somente para uma parte das mercadorias capitalistas: a venda de mercadorias em relação ao lucro médio.

É então indispensável seguir as tendências do mercado (antes de tudo as tendências do mercado mundial) para que possamos compreender e explicar os altos e baixos da conjuntura econômica. É o método que Marx, ele mesmo, aplicou para a explicação, notadamente das crises de superprodução de 1857 e de 1866, que ele estudou em detalhe. É ele se impediu de reduzir estas crises a simples reestruturções da esfera da produção (ao reconhecimento do valor

modificado das mercadorias).

Mas ele diz que, uma vez que todos os desequilíbrios sobre o mercado são revelados, é necessário adicionar a estes índices aquilo que se produziu no domínio da produção e no domínio da luta de classe.

O caráter hesitante, desigual e instável da retomada da economia capitalista internacional se explica, antes de tudo, pelo fato de que ela se encontra num contexto de uma "onda de tonalidade estagnante". Tal onda longa, como a que a economia capitalista conheceu em 1913 e em 1939, é caracterizada por crises de superprodução ainda mais longas e mais profundas, e por retomadas ainda mais hesitantes e mais curtas.

Em outros termos, a taxa de lucro subiu em relação ao nível de 1973/74, mas ela não subiu ao nível das médias "douradas" dos anos 50 e da maior parte dos anos 60. As fortes rendas tecnológicas (super lucro monopolista) realizadas pelos setores como a eletrônica, o automóvel, a indústria química, a indústria de aparelhos científicos, etc. desapareceram. As novas invenções e descobertas se vulgarizam e se estendem cada vez mais. Por alguns destes setores o mercado começa a estar saturado.

A insuficiência dos mercados continua a ser compensada pela inflação dos créditos, no decorrer dos últimos anos, principalmente, pelo endividamento público e pelos empréstimos aos países não imperialistas e não membros da OPEP (a massa dessas duas categorias de dívidas foi, sem dúvida, aumentada de mais de 400 bilhões de dólares nos 3 anos de 1974/75/76 - aumento acumulativo sobre os 3 anos).

Daí a persistência da depreciação das moedas em papel dos países imperialistas, apesar de todos os juramentos concernindo "a prioridade da luta contra a inflação." Na verdade a austeridade proclamada nestes países sob pretexto de "lutar contra a inflação", é um instrumento de redistribuição das rendas nacionais em benefício dos capitalistas, e é o meio de fazer a classe operária pagar os custos da crise e da inflação. Por outro lado, a estagnação da taxa de mais-valia, resultante do pleno emprego dos anos 60, começa a



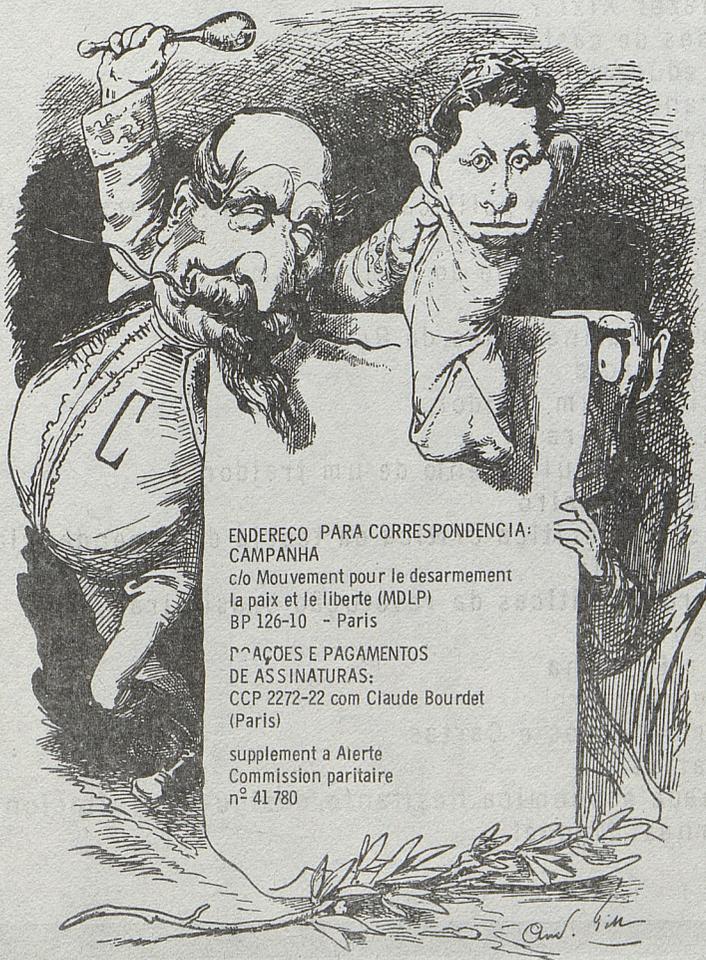
ser derrotada pela ofensiva do patronato e pela política universal "de austeridade" dos governos burgueses (sejam eles de direita ou de esquerda), sob a cobertura e sob a ameaça do desemprego. Mas até hoje as perdas de salário real sofridas pela classe operária são limitadas. Sua resistência cresce a medida em que a agressão se amplifica. A retomada deve encorajar esta resistência, mesmo se o desemprego estrutural massivo é um problema muito sério. A burguesia não conseguiu aumentar as suas taxas de mais-valia de maneira conveniente para compensar o aumento da composição orgânica do capital, mais uma vez acentuada, tanto pelos investimentos de racionalização, quanto pelo encarecimento dos custos da energia (e a longo prazo de todas as matérias primas) em relação aos níveis dos anos 60.

Insuficiente desvalorização do capital, insuficiente elevação das taxas de mais valia, classe operária na de-

fensiva mas não derrotada, tais são as causas de uma elevação insuficiente, aos olhos do capital, das taxas de lucro(3). Isto se traduz por uma retomada da acumulação do capital, mas uma retomada insuficiente no que se refere aos níveis dos anos 50 e 60. Os grandes momentos da luta de classes estão a nossa frente e não atrás de nós. Eles exercerão uma influência decisiva no destino da economia capitalista.

NOTA

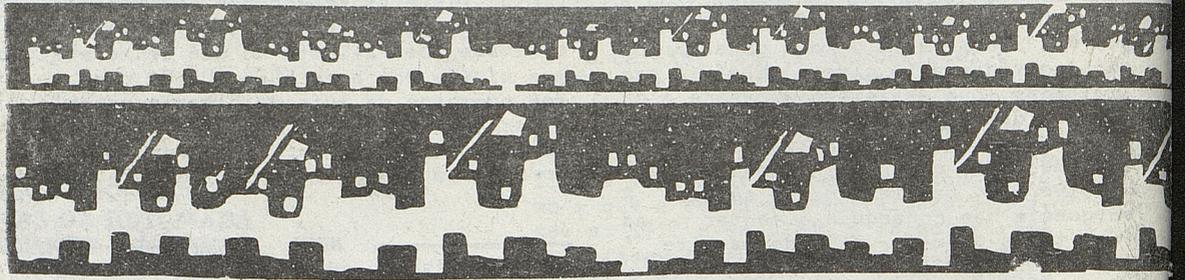
3) É necessário adicionar a isto o efeito negativo (retardante) da taxa de inflação que persiste sobre a realização de projetos de investimento. Os trusts somente realizam estes projetos se eles prometem rendimentos de 20, 25 e até mesmo 30% em moeda corrente ("Business Week, 13/set/76). Havíamos previsto tais efeitos no "Troisième Age - du Capitalisme" (Edições 10/18, Paris, 1976).



ENDEREÇO PARA CORRESPONDENCIA:
CAMPANHA
c/o Mouvement pour le désarmement
la paix et le liberte (MDLP)
BP 126-10 - Paris

COLEÇÕES E PAGAMENTOS
DE ASSINATURAS:
CCP 2272-22 com Claude Bourdet
(Paris)

supplement a Alerthe
Commission paritaire
n° 41 780



Depois das eleições... ...o Acordo Nacional ?	3
Morreu um dos nossos	8
Eu posso fazer Xixi ? Ines de castro	9
Como nos educam nossos pais ? Francisco	11
Os "indiferentes" Gramsci	14
Ainda sobre educação politica e pensamento marxista vivo Carta do interior	15
Pasquim: Canto de cisne do falocratismo Luiza Michel	21
Os PCs na A. Latina antes da Rev. Cubana M. Garcia	25
A autocritica de um traidor M. Ferreira	29
Elementos para o julgamento de um traidor Mario Ribeiro	35
F. H. Cardoso e a critica critica da teoria da dependencia M. Garcia	41
Questões programáticas da revolução brasileira Raul Vila	43
Aonde vai a Espanha Ugo Ribeiro	49
Livros, Comunicados e Cartas Varios	52
Uma retomada economica hesitante, desigual e inflacionista Ernest Mandel	57